A VERDADEIRA FISIONOMIA DOS SANTOS

Doze Santos indicam caminhos para Deus

A VERDADEIRA FISIONOMIA DOS SANTOS

Doze Santos indicam caminhos para Deus

Versão digital
2021

Verdadeira Fisionomia dos Santos, A

Coordenação Editorial
Padre Evaristo Debiasi

Textos
José Lucio de Araújo Corrêa

Revisão e Adaptação
Rodrigo Ferreira Arantes
Clara Campelo de Melo Moura
Padre Evaristo Debiasi
Marcio Anzilotti

Direção de Arte
Diácono Bruno Redígolo

Fotos
ACN e parceiros

Capa
Abadia de Thoronet, França

ISBN do Livro impresso:
978-85-61995-00-3

Fundaçãção Pontifícia ACN

acn.org.br
0800 77 099 27 (ligação gratuita)
atendimento@acn.org.br
(11) 96451-0050
Rua Carlos Vitor Cocozza, 149
Vila Mariana · São Paulo · SP
04017-090 · Brasil

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Padre Evaristo Debiasi

A vocação à santidade é nossa vocação maior. O próprio Cristo nos propõe como meta de vida: "Sede santos, como o vosso Pai no Céu é santo".

Todos, em ordem de nosso batismo, somos chamados à uma vida de santidade onde cada um se encontra. Todo lugar é meio e espaço de santificação. A vocação à santidade não é privilégio de Papas, bispos, padres, religiosos ou de religiosas, mas, é a vocação de todo Povo santo de Deus.

Talvez alguns se perguntem, por que a Igreja católica reconhece determinadas pessoas como santas, quando todos que se salvam e se encontram com Deus, são santos? Sem dúvida, o número dos verdadeiros santos e santas é muito maior daquele que a Igreja oficialmente reconhece.

É doutrina de fé que nós cristãos católicos participamos da comunhão dos santos. Isto é, nós católicos cremos na relação de ajuda que persiste entre nós que caminhamos no tempo e os que já se encontram na vida eterna com Deus, mesmo os que se encontram na expiação do purgatório. A morte não rompe nossa relação definitiva com os que partiram e se encontram junto de Deus. Rezamos por eles e pedimos sua proteção. Fazemos parte da comunhão dos santos. Por que, então, ainda a necessidade de reconhecer determinadas pessoas como santas?

Vejam. Se nos detivermos um pouco diante da história da humanidade, devemos reconhecer que, nos mais diferentes povos, há o costume de recordar com carinho, e mesmo, se presta homenagens às pessoas que marcaram a história humana de tantas formas. Quem, por exemplo, não reconhece os méritos da vida de um Ghandi, do grande pastor Luther King, da madre Tereza de Calcutá, da irmã Dulce, da recente vida de nosso querido Papa João Paulo II, que o mundo todo sentiu sua morte, e a própria multidão que o acompanhava em seu enterro, gritavam... "santo, santo já"? Ou, quem de nós, não guarda com muito carinho uma foto de uma pessoa querida para melhor recordá-la em sua vida? São atitudes e gestos naturais de gratidão com pessoas que marcaram a história humana ou nossa história pessoal.

A Igreja, como o Povo Santo de Deus, busca ver nos santos que são canonizados, pessoas que se distinguiram publicamente no amor a Deus e aos irmãos. E mais, o culto que se presta aos santos, não é adoração. Só a Deus se adora. O culto de veneração aos santos é o reconhecimento público e oficial que a Igreja, pela comunhão dos santos, presta a determinada pessoa, por reconhecer que essa pessoa já se encontra com Deus. A Igreja costuma apresentar o santo como modelo de vida e exemplo a ser seguido em nosso caminho de santificação. As imagens são apenas uma forma de visualizar a pessoa de um santo ou santa, assim como guardamos com carinho as fotos de nossos entes queridos e a história humana recorda seus heróis através de monumentos.

Na verdade, o mundo oferece tudo através de imagens... por que não haveríamos nós cristãos de apresentar ao mundo as imagens das grandes testemunhas do amor a Deus e aos irmãos para serem seguidos? Por culto e devoção aos santos, não se trata, portanto, apenas de entender e de recordar a vida de alguém que muito amou Cristo e os irmãos, mas, se trata de viver numa realidade de vida e de comunhão espiritual e de ajuda entre o Céu e a terra. Como cristãos, em virtude da redenção de Cristo, fazemos parte e vivemos numa relação de ajuda entre a Igreja peregrina, (nós que vivemos no tempo), a Igreja padecente (os que se purificam pela graça do purgatório), e a Igreja triunfante, (os que já se encontram na plenitude de vida com Deus na eternidade). Através do Credo da Igreja, professamos nossa fé e crença na comunhão dos santos.

Assim, como os filhos precisam do amor e do testemunho de vida de seus pais para se fortificarem, por vezes, até mesmo mais do que a própria comida e dos bens materiais, a Igreja de Cristo no mundo precisa da presença do testemunho de muitos santos e santas que em sua paixão por Cristo e pelos irmãos, particularmente pelos mais sofridos, nos ajudem a viver com mais paixão nossa vocação de discípulos missionários de Jesus em nossas casas, famílias, comunidades, Pátria, continente e humanidade.

A ACN, que tem por carisma descobrir, amar e servir o Cristo presente na pessoa de cada irmão que sofre, deseja lhe fazer esta pequena oferta. No testemunho das vidas destes santos que apresentamos, nada mais desejamos do que despertar nos cristãos do Brasil o nosso compromisso de batizados no assumir na prática a vocação de apóstolos missionários de Cristo.

Para esta obra, escolhemos santos que puderam ter sua imagem registrada, para que assim revelássemos, através de suas fotos e história, a sua verdadeira fisionomia. São santos de vida extraordinária, como Padre Pio e Santa Gemma Galgani; mas também santos de vida simples como Gianna Beretta Molla, que casou, teve filhos e se tornou santa por ter dado sua vida pela da filha. Há ainda pessoas santas que mudaram o mundo, como a beata Madre Teresa de Calcutá, que ousamos incluí-la neste livro justamente porque não restam dúvidas que em breve será levada à honra dos altares, pois foi o próprio Cardeal Ratzinger, hoje Papa Bento XVI, quem disse dias após a morte de Madre Teresa: "Será santa muito brevemente. É necessário fazer as investigações, mas com uma vida tão esplendorosa, lúcida e transparente como a sua não será necessário um processo tão longo".

Foi nosso desejo também incluir a imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Virgem Maria, a Mãe de Deus. Mas como fazê-lo? Optamos por contar a história do Santo Sudário, que nos permite saber como é a verdadeira fisionomia de Cristo; e pela bela história do manto de Nossa Senhora de Guadalupe. Ambos, tecidos que desafiam a ciência há séculos, que apenas concluí que a imagem em nenhum dos dois casos foi impressa por mãos humanas.

Que dessa forma, possamos sempre mais nos unir com todos os que buscam levar a Boa Nova de Jesus e que o seu exemplo sirva como força, incentivo e luz na renovação de nosso amor e paixão por Cristo e pelos irmãos. Particularmente, desejamos ser presença de ajuda e de solidariedade com os que mais sofrem em nossa pátria, continente e humanidade.

Que o Espírito Santo oriente e ilumine a todos em nossa vida e missão na Igreja de Cristo, e que Maria, Mãe de Jesus, Mãe da Igreja e nossa Mãe, nos ensine a sempre buscar e cumprir a vontade do Pai na pessoa de seu Filho amado, Jesus.

Padre Evaristo Debiasi
Assistente Eclesiástico ACN Brasil

Setembro de 2008

DOM BOSCO

DOM BOSCO

"Pai e Mestre da Juventude"

☆ 1815 ✝ 1888

"O Senhor colocou-nos neste mundo para os outros"

Um lugarejo chamado Becchi, há alguns quilômetros de Castelnuono, no Piemonte, norte da Itália. Início do século XIX, época de grandes mudanças, a Revolução Industrial transformava o mundo. Neste tempo, mais precisamente em 16 de agosto de 1815, nasceu João Melchior Bosco, filho dos camponeses e cristãos exemplares Francisco Bosco e Margarida Occhiena. Uma família de origem humilde e muito pobre. Tudo se agravou depois que o pai de João Bosco faleceu de pneumonia, quando ele tinha apenas dois anos.

Apesar da infância sofrida, a vida de João Bosco foi iluminada. Sua mãe Margarida, que era analfabeta, mas rica de sabedoria, com a palavra e com o exemplo animava-o no seu desejo de crescer virtuoso aos olhos de Deus e dos homens. Quando ainda era criança, aos nove anos, teve um sonho profético que o marcou profundamente:

"Dormindo, pareceu-me estar perto de casa, num terreno espaçoso onde estava reunida uma multidão de meninos. Alguns riam, alguns brincavam; muitos blasfemavam. Atirei-me no meio deles, e com gritos e socos, tentava acabar com as blasfêmias e os palavrões. Naquele instante apareceu um homem respeitável, muito bem vestido. Um manto lhe cobria o corpo todo; tinha um rosto tão luminoso que eu nem podia fixá-lo no olhar. Aí, Ele me chamou pelo nome e me mandou chefiar aquela turma. E disse: 'Não é com pancadas, mas com mansidão que você deve conquistar esses seus amigos. Comece então a ensinar para eles sobre a feiúra do pecado e a preciosidade da virtude'".

João Bosco ficou confuso e com medo, respondeu ao Homem que ele não passava de um menino pobre e ignorante, incapaz de falar de religião àquelas crianças. Nesse momento, acabando a briga, a gritaria e as blasfêmias, o pessoal todo se reuniu ao redor do Homem que estava falando. Então João Bosco perguntou:

"Quem é o Senhor, que está me pedindo coisas impossíveis? E o homem respondeu: 'Justamente porque essas coisas lhe parecem impossíveis é que você tem de torná-las possíveis com a obediência e com a aquisição da ciência'. Onde, de que jeito eu vou poder conseguir ciência? 'Eu vou lhe dar a Mestra: com o ensinamento d'Ela você pode tornar-se sábio; sem Ela, toda a sabedoria se torna bobagem'. Ao final o Homem disse quem era: 'Eu sou o filho d'Aquela que sua mãe lhe ensinou a saudar três vezes ao dia.' Nesse momento, vi ao lado d'Ele uma Senhora de aspecto majestoso, revestida de um manto todo resplandecente, como se cada ponto fosse uma estrela brilhantíssima... Fez sinal para que eu me aproximasse e, me tomando pela mão, disse amavelmente: 'Olhe!'".

O primeiro Sonho de Dom Bosco.

João Bosco percebeu que os meninos tinham desaparecido. No lugar deles viu uma multidão de cabritos, cães, gatos e vários outros animais, A Senhora continuou:

'Aí está seu campo, é aí que você deve trabalhar. Torne-se forte, humilde e robusto, e o que você agora está vendo acontecer com esses animais, você tem que fazer para meus filhos'. Voltei então os olhos, e eis que, em vez de animais ferozes, apareceram outros tantos cordeirinhos mansos que, saltitando e balindo, rodeavam aquele Homem e aquela Senhora, como a lhes fazer festa. Nesse ponto, ainda em sonho, comecei a chorar e pedi à Senhora que me falasse de modo que eu pudesse compreender, porque eu não estava entendendo o que aquilo queria significar. Aí ela me pôs a mão sobre a cabeça dizendo: 'A seu tempo você vai compreender tudo.' Um barulho me acordou, e tudo desapareceu".

Na manhã do dia seguinte, o futuro santo contou o sonho para sua mãe, que lhe disse: "Quem sabe você vai ser padre?!"

Mas o jovem João Bosco ainda teria que superar muitas dificuldades para se tornar padre. Estudar exigiria um dinheiro que a família não tinha, e Antônio, o irmão mais velho, não gostava nada da idéia de João se tornar sacerdote, afinal de contas, a família que já não tinha o pai, e ficaria com um homem a menos para ajudar no sustento da casa.

A casa onde nasceu
Dom Bosco.

"Quem sabe
você vai ser
padre?!"

João Bosco era inteligente, se esforçava em seus estudos e sempre queria ir além. A oportunidade lhe veio quando, com 11 anos, conheceu o Padre Calosso. Ele um dia lhe perguntara sobre os últimos sermões da Missa, e João Bosco lhe repetiu palavra por palavra dois sermões quaresmais inteiros. Padre Calosso, impressionado com a memória do menino, se prontificou, após conversar com a mãe de João Bosco, a lhe dar aulas. O Padre ficou mais feliz ainda ao saber do motivo pelo qual João queria tanto estudar: se tornar sacerdote um dia.

Mesmo diante de todas as dificuldades e da pobreza, João Bosco nunca desistia. Durante um tempo contou com a ajuda de amigos da família para continuar os estudos. Foi costureiro, sapateiro, ferreiro, carpinteiro e ainda, nos tempos livres, estudava música. Tudo isso para conseguir se sustentar.

Aos 19 anos pensou em ser franciscano. Seu pároco ao saber disso, visitou sua mãe, pedindo que ela o fizesse desistir dessa idéia, pois na velhice ela iria precisar da ajuda dele. A mãe foi falar com seu filho: "Quero que tu penses bem nisso. Quando tiveres decidido, segue o teu caminho e mais nada. O mais importante é que tu faças a vontade do Senhor. O pároco queria que eu te fizesse mudar de idéia, porque no futuro iria precisar de ti. Mas eu te digo: nestas coisas tua mãe não entra, Deus está acima de tudo! De ti não quero nada. Nasci pobre, vivi pobre e quero morrer pobre. Aliás, se te fizeres padre e por desgraça te tornares rico, não porei mais os pés em tua casa. Lembre-te bem disso!" Dom Bosco nunca esqueceu essas palavras. Rezou muito, falou com seus amigos e com seu confessor. Ele dizia: "Quero ser sacerdote para tomar conta dos jovens. Eles são bons, se há jovens maus é porque não há quem cuide deles". Em 1835 entrou para o seminário de Chieri.

Ordenado sacerdote em 1841, em Turim, era chamado de Dom Bosco. Logo começou a dar provas do seu zelo apostólico, sob a direção de São José Cafasso, seu confessor. Nessa ocasião, decidiu tomar três propósitos para o resto de sua vida: ocupar rigorosamente todo o seu tempo; sofrer, humilhar-se em tudo e fazer todo o possível para salvar as pessoas; deixar que a caridade e a doçura de São Francisco de Sales o guiassem em tudo.

Em dezembro desse mesmo ano, no dia 8, dia da Imaculada Conceição, Dom Bosco estava na sacristia preparando-se para celebrar a Missa. Viu entrar um menino bem tímido, humilde e pobrezinho. O sacristão pediu que o menino ajudasse na Missa, ele respondeu que não sabia. Então o sacristão bateu no jovem com o cabo de um espanador, expulsando o garoto da sacristia. Dom Bosco ao ver a cena ficou muito chateado e pediu ao sacristão que o chamasse de volta. O menino voltou e participou da Missa. Depois da Celebração, Dom Bosco conversou com o menino e descobriu que este se chamava Bartolomeu Garelli, tinha 16 anos, não sabia ler nem escrever, era órfão, não tinha mais ninguém no mundo e trabalhava como assistente de pedreiro.

Dom Bosco perguntou então ao Bartolomeu se ele não queria aprender sobre o catecismo. O jovem Garelli respondeu prontamente:

— *Sim, contanto que não me batam!*

Dom Bosco o tranquilizou, dizendo que agora eles seriam amigos e ninguém o maltrataria. O convidou então para se ajoelhar e rezarem juntos uma Ave-Maria. Esta oração foi a inspiração e o início da Obra dos Oratórios Festivos, local onde os jovens encontrariam um bom ambiente, aprenderiam sobre a fé e teriam um rumo para a vida com sacerdotes e orientadores. Uma obra destinada, sobretudo, aos jovens mais carentes. Dizia: "Basta que sejam jovens para que eu ame vocês". Ao Oratório juntou um orfanato, uma escola profissional, depois um ginásio e um internato. Tudo acompanhado de perto por Dom Bosco e sua "Mamãe Margarida", como era chamada.

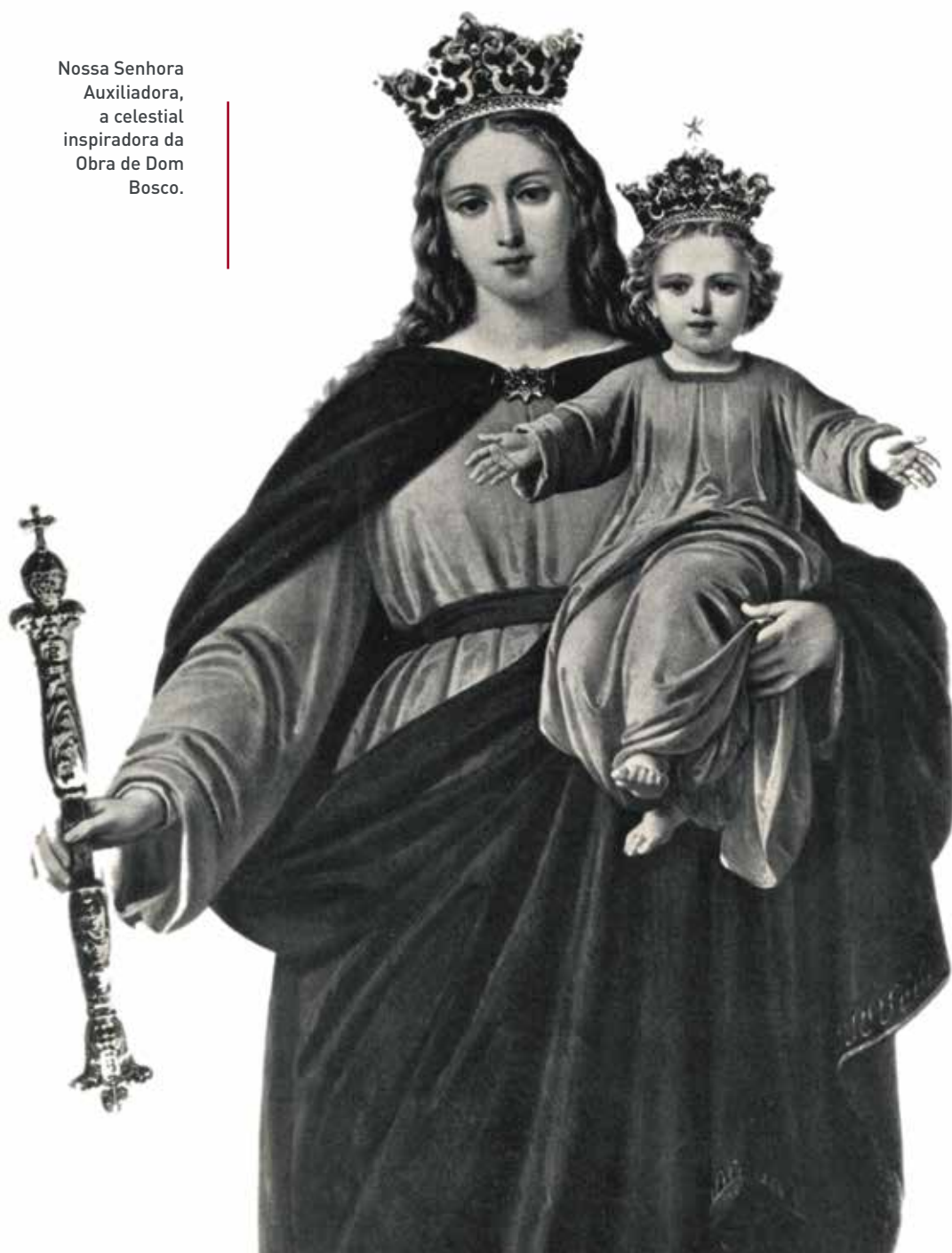
Margarida Occhiena, a mãe de Dom Bosco.

O carisma de Dom Bosco era tão forte que, de sua obra, brotaram muitos santos, como São Domingos Sávio, que faleceu com 15 anos. Algo que certamente ajudou os que estavam perto de Dom Bosco a alcançarem a santidade, foi a importância e o modo como ele os aconselhava a rezar: "Quando rezares observa uma ordem nos pedidos. Pede em primeiro lugar os bens espirituais, o perdão dos pecados, a luz para conhecer a vontade de Deus, a força para te manteres na sua graça; depois pede a saúde física, a bênção para a tua família, o afastamento das desgraças e a segurança de um trabalho. Em cada manhã entregai a Deus as ocupações do dia".

É útil conhecer o inovador sistema educacional criado por Dom Bosco que tanto bem fez e tem feito a milhões de jovens de todo o mundo. Ele o chamou de Sistema Preventivo, no sentido de prevenir a queda dos jovens no mundo do crime, dos vícios e da ociosidade. Eis como o próprio Dom Bosco resumiu o sistema preventivo: "São dois os sistemas usados desde sempre na educação da juventude: preventivo ou repressivo. O sistema repressivo consiste no fazer conhecer a lei aos jovens, vigiar para conhecer os transgressores e lhes infligir o merecido castigo... Diferente, e direi oposto, é o sistema preventivo. Ele consiste em fazer conhecer as prescrições e regulamentos de uma escola e garantir que os alunos tenham sempre o olhar vigilante do diretor e dos assistentes, que como pais amorosos falem, sirvam de guia em cada acontecimento, dêem conselhos e corrijam amorosamente. Ou seja: colocar os alunos na impossibilidade de cometer faltas. Este sistema apóia-se todo sobre a razão, a religião e o carinho; por isso exclui qualquer castigo violento e procura manter afastados até os castigos ligeiros".

Dom Bosco fez vários milagres em vida, principalmente multiplicação de alimentos e cura. Em novembro de 1849, cerca de seiscentos garotos estavam voltando de uma visita ao cemitério e Dom Bosco tinha apenas um saco com castanhas cozidas. Pediu que os garotos fizessem uma fila, e foi distribuindo fartamente as castanhas. Após distribuir para mais de duzentos garotos, só havia para mais dois ou três meninos. Para surpresa de todos, Dom Bosco continuou distribuindo e aquelas poucas castanhas jamais acabavam. Todos viam um milagre acontecer diante dos olhos, e ficavam na expectativa para saber se daria para todos. Ao final da larga distribuição, todos os meninos gritavam: "Dom Bosco é um Santo!".

Maria Santíssima foi sempre a minha guia...
Maria Santíssima é a minha tesoureira...
Não podemos errar: é Maria quem nos guia!...
(Dom Bosco)

Nossa Senhora Auxiliadora, a celestial inspiradora da Obra de Dom Bosco.

Grande devoto de Nossa Senhora Auxiliadora costumava dizer: "Maria é mãe de Deus e nossa mãe; mãe poderosa e piedosa que deseja ardentemente encher-nos dos favores do Céu. Estamos neste mundo como num mar tempestuoso, como num exílio, num vale de lágrimas. Maria é a estrela do mar, o conforto do nosso exílio, a luz que nos indica o caminho do céu enxugando as nossas lágrimas. Maria Santíssima protege os seus devotos em todas as necessidades, mas especialmente na hora da morte. As mães da terra nunca abandonam os seus filhos. O mesmo faz Maria que tanto ama seus filhos ao longo da vida; com que ternura, com que bondade não irá ela protegê-los nos últimos instantes, quando a necessidade é maior".

Essa devoção trouxe frutos em suas viagens pela Europa, para arrecadar fundos para sua Obra. Nossa Senhora o abençoou, permitindo que cegos voltassem a enxergar e surdos tivessem sua audição reconstituída, através das mãos de Dom Bosco.

Um caso significativo foi o de uma menina de 12 anos que era cega. Dom Bosco pediu que a menina rezasse uma Ave-Maria e uma Salve-Rainha. Depois de conceder uma bênção à menina, tirou uma medalha do bolso e perguntou a menina o que era aquilo. A pequena, com a visão já restabelecida disse com grande alegria: "É a medalha de Nossa Senhora, e do outro lado São José com um bastão florido na mão!" Dom Bosco ainda deixou a medalha cair no chão, e a menina, sem hesitação alguma, pegou a medalha. Ficou conhecido por todo o continente europeu como "o padre que faz milagres".

Dom Bosco também teve muitos sonhos proféticos. No início, não dava muita importância a eles, mas o Papa Pio IX, do qual se tornou amigo, mandou que ele anotasse todos os sonhos. Várias vezes ele previu a morte de pessoas, e em 1883 teve um sonho curioso, que parece se referir ao futuro do Brasil. Ele sonhou que foi levado por anjos, voando para a América do Sul (onde de fato nunca havia estado). Foi assim, nas palavras do próprio santo: "Por muitas milhas percorremos uma enorme floresta virgem e inexplorada. Não só descortinava, ao longo das cordilheiras, mas via até as cadeias de montanhas isoladas existentes naquelas planícies imensuráveis, e as contemplava em seus menores acidentes... Tinha sob os olhos as riquezas incomparáveis desses países, as quais um dia serão descobertas. Via numerosas minas de metais preciosos e de carvão, depósitos de petróleo abundantes como jamais se viram em outros lugares. Mas isso não era tudo. Entre os paralelos 15 e 20 graus, havia um leito muito largo e muito extenso, que partia de um ponto onde se formava um lago. Então, uma voz dizia repetidamente 'quando escavarem as terras escondidas no meio destes montes, aparecerá aqui a terra Prometida, onde correrá leite e mel. Será uma riqueza inconcebível. E essas coisas acontecerão na terceira geração'".

A região onde se construiu Brasília, cerca de 60 anos depois, fica justamente entre os dois paralelos mencionados pelo santo. E a construção de Brasília começou no que seria a terceira geração depois de Dom Bosco, na década de 50. Uma objeção à profecia do sonho era que ele previa quantidades imensas de petróleo, que até há pouco não se conhecia. Agora, com as descobertas de jazidas gigantes na costa brasileira, mais este aspecto do sonho parece se cumprir. Por causa deste sonho, Dom Bosco foi escolhido como um dos padroeiros de Brasília. Um santuário de Dom Bosco foi construído exatamente sobre o paralelo 15, de onde se tem uma linda vista da cidade.

Grigio defende Dom Bosco dos dois bandidos.

Há um fato curioso na vida de Dom Bosco que muitos consideram uma proteção divina. Um cachorro, ao qual chamavam de Grigio (que em português quer dizer cinzento) teve uma importância especial para o santo. Era um cão misterioso, que nunca aceitava comida de ninguém, nem do próprio Dom Bosco. Aparecia sempre quando Dom Bosco corria algum perigo. Em 1854, Dom Bosco foi assaltado por dois bandidos, que o amordaçaram e iriam colocá-lo numa espécie de saco. Eis que de repente surge o Grigio e ataca ferozmente os mal-feitores. Ele só parou o ataque aos bandidos quando Dom Bosco o chamou. O próprio santo testemunhou a grande importância de Grigio: "Esse animal foi minha salvação em muitos perigos em que me encontrei".

Dom Bosco

Em 1859, fundou com os seus jovens a Congregação Salesiana. Rapidamente se multiplicaram os Oratórios, as escolas profissionalizantes, os colégios, as paróquias, as missões, tudo acontecendo conforme a Providência dispunha. Repetia sempre a frase: “Dai-me almas e tire o resto”.

Com a ajuda de Santa Maria Mazzarello, fundou em 1872 o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora para a educação da juventude feminina. Em 1875 enviou a primeira turma de seus missionários para a América do Sul. Foi ele quem enviou os salesianos para fundar o Colégio Santa Rosa, em Niterói, primeira casa salesiana do Brasil, e o Liceu Coração de Jesus em São Paulo. Criou ainda a Associação dos Cooperadores Salesianos para agrupar e coordenar os leigos. Prodígio da providência divina, a obra de Dom Bosco é toda ela um poema de fé e caridade. Consumido pelo trabalho, o vigoroso italiano fechou o ciclo de sua vida terrena aos 72 anos de idade, em 31 de janeiro de 1888, deixando a Congregação Salesiana disseminada pela Europa e América.

Se em vida Dom Bosco foi honrado e admirado, muito mais o foi depois da morte. Seu nome de taumaturgo, de renovador da educação da juventude, de defensor da Igreja Católica e de apóstolo da Virgem Auxiliadora espalhou-se pelo mundo e ganhou o coração dos povos. Pio XI, que o conheceu e gozou da sua amizade, canonizou-o na Páscoa de 1934.

Apesar dos anos que separam os dias de hoje do tempo em que viveu Dom Bosco, seu amor pelos jovens, sua dedicação e sua herança pedagógica vêm sendo transmitidos por seus seguidores no mundo inteiro. Embora tenha feito repercutir pelo mundo o seu carisma e o sistema preventivo, que é baseado na Razão, na Religião e na Bondade, Dom Bosco permaneceu durante toda a sua vida em Turim, na Itália, fazia apenas algumas poucas viagens pela Europa para tratar assuntos de sua obra. Dedicou-se como ninguém pelo bem-estar de muitos jovens, em sua maioria, órfãos, que vinham do campo para a cidade em busca de emprego e acabavam sendo explorados por empregadores interessados em mão-de-obra barata, ou na rua passando fome e convivendo com o crime.

Pela sua longa atividade em favor dos jovens, por lhes ter dado todo o seu tempo, a sua inteligência e criatividade, Dom Bosco foi sempre indicado pelo povo como o “santo dos jovens”. Cem anos depois da sua morte, em 1988, a Igreja, através de João Paulo II declarou oficialmente São João Bosco como “Pai e Mestre da Juventude” na carta Pai dos Jovens.

Dom Bosco em meio a amigos e aos jovens que tanto amou.

Festa Litúrgica em 31 de janeiro

BERNADETTE SOUBIROUS

BERNADETTE SOUBIROUS

Uma Mensagem de Esperança

☆ 1844 ✝ 1879

"... porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste às pessoas simples" (Mt 11, 25)

Se não fosse a pobreza, talvez nada disso teria acontecido. Na França do século XIX, no ano de 1858, em Lourdes, uma família precisava de lenha para cozinhar o pouco de alimento que possuía, e para se aquecer. A primogênita da família Soubirous, Bernada Maria, chamada de Bernadette devido a sua estatura pequenina para os seus 14 anos, foi encarregada de ir buscar galhos caídos, juntamente com sua irmã Toinette.

A amiga Jeanne Abadie foi junto com elas, e desceram então pela Ponte Velha, que dava no rio Gave. Chegando lá, o atravessaram para chegar até a outra margem, a fim de recolher alguns gravetos, mas Bernadette não atravessou com elas, ela sofria de asma e há dois anos havia sido vítima da cólera, que quase lhe tirou a vida. De tanto as amigas insistirem, a pequena desamarrou seus sapatos para então ir junto delas.

Era a manhã do dia 11 de fevereiro, inverno na França, sobretudo naquela região onde ficava a gruta de Massabielle — chamada de "Rocha Velha" pelos moradores locais — quase na fronteira com a Espanha. Enquanto Bernadette tirava seus sapatos, sentiu um vento forte que chegou a sacudir seu corpo. Para seu espanto quando ela olhou para a natureza ao seu redor, percebeu que as árvores estavam paradas, como se o vento forte, que até fazia ruído, só chegasse até ela. Não deu importância e voltou a tirar as meias, mas o ruído e o vento voltaram e ela então olhou para a gruta.

Na entrada da gruta, estava uma Senhora com um vestido todo branco, um cinto azul e uma rosa amarela sobre cada pé descalço. As rosas eram da mesma cor que a corrente do terço que a Senhora segurava em suas mãos, as contas eram brancas. A mulher estava sorrindo de um jeito doce, e com um gesto através das mãos, chamou Bernadette para chegar mais perto dela.

Bernadette, que neste momento já não podia mais confiar no que seus olhos insistiam em dizer que era verdade, abaixou o rosto, esfregou seus olhos com as mãos e tentou olhar novamente para ver se a alucinação tinha ido embora.

Bernadette ficou assustada com aquela visão. Quem era aquela senhora tão bonita? O que ela queria? Quando a senhora olhou para ela e sorriu com muita bondade, todo o medo da menina desapareceu. A senhora fez um sinal para ela se aproximar. Bernadette deu alguns passos em direção à senhora, tirou o rosário do bolso e caiu de joelhos diante daquela visão lindíssima. Em seguida, a menina começou a rezar o terço em voz alta. A senhora a acompanhava com as contas do rosário, mas em silêncio; ela só dizia o Pai Nosso e o Glória. Quando a reza do terço terminou, a senhora desapareceu.

O moinho dos Soubirous, casa da jovem Bernadette.

Logo depois, sua irmã e sua amiga chegaram, com uns galhos e gravetos. Bernadette ainda estava atônita. Pegou um feixe de gravetos e mal sentia seu peso, sua mente e coração estavam ainda tentando entender o que ocorrera. No meio do caminho ia perguntando às duas meninas se elas não tinham visto nada.

Elas responderam que não, mas ao mesmo tempo ficaram curiosas. O quê Bernadette teria visto? A questionaram durante toda a volta, pressionando-a para que contasse. A vidente então, na sua inocência de criança, resolveu contar com a condição de que as duas meninas não contassem a mais ninguém. Feita a promessa, revelou.

Bernadette e sua irmã voltaram ao Calabouço, a casa onde a humilde família morava. Na verdade, nem casa era. Calabouço, que ficava na viela das Pequenas Fossas, era uma antiga prisão desativada, pois nem aos prisioneiros tinha condições de abrigar. Suas paredes eram úmidas, tinha grades ao invés de janelas, o teto era baixo e o piso de laje com palha espalhada, para ajudar a conter o frio, e também para servir de cama. De fato, eles não moravam na prisão, seria um luxo ter o Calabouço só para eles. A família de Bernadette morava em uma cela de 15 metros quadrados. Dentro do quartinho tinha apenas duas cadeiras e três camas, foi o que sobrou do tempo em que a família tinha um moinho no povoado de Boly. Ao pai, Francisco Soubirous, que tinha problema com o álcool, restava apenas recolher lixo e fazer pequenos trabalhos esporádicos para conseguir algum dinheiro. A mãe, Luísa Soubirous, lavava roupas para as famílias mais prósperas da região. Era tudo o que o casal podia fazer para tentar sustentar seus quatro filhos. Em outros tempos, a família era maior, mas os outros filhos não sobreviveram.

Representação da Aparição.
Igreja do Sagrado Coração
de Jesus - SP

A família Soubirous inteira era analfabeta, por isso mesmo, já com 14 anos, Bernadette ainda não havia feito a Primeira Comunhão, o que nunca a impediu de ter uma fé admirável e uma confiança cega em Deus. Confiança que a ajudou no capítulo que agora estava iniciando em sua vida, logo após retornar da gruta.

Sua irmã, Toinette, não resistiu ao segredo confiado e logo foi contando à sua mãe o que Bernadette disse ter visto. Dona Luísa e o senhor Francisco, pais de Bernadette, ficaram preocupados e a proibiram de retornar à gruta.

A menina, muito obediente, não voltou mais à gruta. No entanto, a imagem da bela Senhora não lhe saía da mente e nem do coração, ela queria muito poder vê-la novamente. Suas amigas também insistiam para ir lá de novo. Dona Luísa, vendo que sua filha estava triste, quase não comia, resolveu deixá-la voltar à gruta, mas, desta vez, com uma condição: além de ir acompanhada de suas amigas, levaria também um frasco de água benta. A recomendação era de que quando a Senhora aparecesse, jogasse a água; se acaso fosse alguma aparição do demônio, a visão certamente desapareceria.

Isso aconteceu na manhã do dia 14 de fevereiro, num domingo. Bernadette e suas amigas chegaram na gruta, e começaram a rezar o terço. Ainda na primeira dezena, a Senhora apareceu novamente a Bernadette, as amigas não conseguiam ver nada, apenas pedras. Bernadette seguiu as recomendações de sua mãe, dizendo: "se a Senhora for de Deus, fique; se for do demônio, vá embora", e jogou toda a água benta na Senhora, que apenas sorri ao ver o gesto da menina. A vidente se traquilizou, afinal, não era obra do demônio.

As crianças que estavam junto com Bernadette não entendiam nada, apenas ficavam maravilhadas com o seu rosto, que mais parecia de um anjo. Neste dia, a Senhora também não disse nada.

No dia 18 de fevereiro, ela voltou à gruta acompanhada por duas senhoras da vila que achavam que a tal senhora devia ser a alma de uma moça amiga delas, falecida alguns meses antes. De novo a bela Senhora apareceu sorrindo e Bernadette, a pedido das duas senhoras, levou papel e caneta e pediu que a Senhora escrevesse quem ela era e o que ela queria. A isto, a Senhora sorriu docemente e, pela primeira vez, disse algo diretamente para a menina:

— *Eu não preciso escrever aquilo que quero dizer*.

Continuou ainda e fez um pedido a Bernadette: que ela voltasse na gruta nos próximos 15 dias. A menina prometeu que voltaria se seus pais deixassem. A senhora, vendo a menina com medo, lhe disse: "Eu não prometo fazê-la feliz nesse mundo. Mas no próximo, eu garanto". E disse que gostaria de ver muita gente rezando ali.

Apesar da fragilidade e da obediência, Bernadette tinha uma independência de espírito e uma obstinação muito forte. Naquele dia, logo que chegou em casa, disse à sua família a promessa que fizera à Senhora. Os pais consultaram o padre Pomian, que já acompanhava o caso desde o início, e a madrinha de Bernadette. Ambos acharam que deveriam deixar a menina voltar à gruta nos próximos 15 dias.

No dia seguinte, a mãe e uma tia foram com a menina até à gruta. A vidente levou uma vela acesa. Ao chegar, começaram a rezar o rosário. Logo na terceira Ave-Maria, a Senhora apareceu de novo, sempre do mesmo modo e no mesmo lugar da gruta. No dia seguinte cerca de 30 pessoas a acompanharam. Novamente a aparição acontece, e a Senhora lhe sorri, mas não diz nada, enquanto os demais rezam. No domingo, dia 21, já são milhares de pessoas que a acompanham. Ninguém vê a Senhora, mas todos percebem como a menina fica imóvel, olhando fixo para um ponto, como se estivesse fora de si. As pessoas que a acompanharam começaram a dizer que na gruta alguém está tendo uma visão do Paraíso, e que a Senhora só pode ser a Virgem.

Ao retornar à vila, a polícia estava atrás de Bernadette para interrogá-la sobre o que estava acontecendo. Os pais ficaram muito aflitos e assustados. Os policiais estavam irritados, querendo que ela confessasse que era tudo invenção. A única pessoa calma era a própria Bernadette. Com toda a tranqüilidade, contou tudo aos policiais, reafirmando que era tudo verdade.

No dia 24, a Virgem pediu que fizessem penitência pelos pecadores. O fato de a menina se voltar chorando para a multidão e gritar “penitência, penitência, penitência” assustou a todos. A polícia e algumas autoridades locais fizeram de tudo para que a menina negasse as aparições. Inclusive ameaçaram que algo de mal iria acontecer a ela e à sua família se ela não negasse tudo. Como sempre, ela se manteve firme e calma. A essa altura, depois de várias conversas com seus pais e com o padre Pomian, estes começaram a acreditar que as aparições eram verdadeiras. A menina não tinha medo de nada, nem de ninguém, e todas as vezes que contava as aparições nunca caía em contradição. A história era sempre a mesma em seus mínimos detalhes.

História Sagrada e Catecismo usados por Bernadette. Os dois livrinhos estão colocados aqui sobre o lenço da jovem Santa.

A polícia, então, mudou de tática e tentou desacreditar a família. Começou a espalhar o rumor que era tudo invenção da família e que, muito pobre, queria se aproveitar da crendice popular para ganhar algum dinheiro. Mas esse rumor não tinha credibilidade, pois todos viam que o comportamento de toda a família era o contrário disso. Algumas pessoas piedosas, vendo a grande pobreza da família, lhe ofereciam dinheiro, roupas ou comida. Eles sempre recusavam qualquer presente e instruíram as crianças para nunca aceitar nada de estranhos. A própria Bernadette nunca aceitou nem dinheiro e nem presentes de quem quer que fosse. A polícia investigou se eles estavam recebendo algo e comprovou que, na realidade, recusavam tudo que se lhes queria dar, apesar de sua grande pobreza.

Na manhã do dia 25, a multidão que acompanhava Bernadette já estava apreensiva para saber se neste dia haveria alguma mensagem, algum pedido, ou ainda algum sinal. Neste dia, a senhora disse a Bernadette para que bebesse água da fonte. Mas não havia nenhuma fonte ali, apenas uma terra enlameada. Assim, Bernadette se arrastou para perto da gruta onde estava a senhora e começou a cavar aquela terra enlameada com as próprias mãos. Logo um filete de água barrenta surgiu no fundo do pequeno buraco e Bernadette lavou o rosto e as mãos com aquela água, ficando toda suja de barro. Muitos começaram a zombar dela e a desacreditar das aparições, acharam que estava louca, ainda mais depois que a visão acabou e que ela explicou que a Senhora pediu que ela bebesse da água da fonte. Todos viam que lá não havia fonte nenhuma, apenas um pequeno filete de água e por isso não deram ouvidos a vidente.

Eis que no dia seguinte, aquele filete de água estava realmente se transformando em uma fonte que logo desembocaria no rio Gave. Já neste dia, muitos doentes beberam daquela água e ficaram curados. Hoje se conhece esta fonte como "a nascente dos milagres", e é estudada por um centro de médicos especialistas de Lourdes.

Depois dessa aparição, as pressões sobre Bernadette se intensificaram. Dois dias depois ela foi interrogada e ameaçada pelo chefe de polícia local, pelo procurador da república da região e pelo diretor da escola pública. Mas ela, apesar de assustada, se manteve firme e confirmou tudo. O diretor da escola era uma pessoa cética, não acreditava em nenhuma religião. Depois deste interrogatório, ele teve certeza que Bernadette dizia a verdade. O chefe de polícia também mudou de opinião e passou a acreditar nas aparições.

Mas é em 27 de fevereiro que Bernadette receberia sua mais difícil missão: a Senhora lhe incumbiu de pedir aos sacerdotes que construíssem ali uma capela. A maior dificuldade era o pároco de Lourdes, o abade Peyramale, um sacerdote muito sério, a quem muitos temiam em Lourdes. Mesmo com medo, a menina obstinada foi ao encontro do sacerdote. O diálogo entre os dois foi reproduzido por um historiador da época, G.B. Estrade:

O abade Peyramale passeava no jardim, rezando o Breviário. Timidamente, Bernadette apareceu na porta. A voz potente do pároco a sacudiu:

— *Quem é você? O que quer aqui?*

— *Sou Bernadette Soubirous - responde.*

— *Ah, é você! - exclama o sacerdote, com cara de bravo. - Estão falando tanta coisa de você por aí minha filha. Venha comigo.*

Entram então na casa paroquial.

— *Vamos lá. O que você deseja minha menina?*

Em pé, com o rosto vermelho de tanta vergonha, Bernadette responde:

— *A Senhora da gruta me mandou dar um recado aos padres. Ela quer uma capela em Massabielle. É por isso que eu vim aqui.*

— *E quem é essa Senhora?*

— *É uma Senhora muito linda, que me aparece sobre a rocha de Massabielle.*

O padre suspira impaciente e continua com as perguntas:

— *Está bem, isso eu entendi. Mas quem é ela? É de Lourdes? Você a conhece?*

— *Não. Não é de Lourdes e eu não a conheço.*

— *E agora você recebe ordens de quem não conhece?*

— *Mas a Senhora não se parece com as outras pessoas.*

— *O que você quer dizer com isso?*

Bernadette olha fixamente para o sacerdote e não se inibe ao responder:

— *Quero dizer que é tão linda, tão linda, que parece com aqueles que estão no Céu.*

— *E você perguntou o seu nome?*

— *Sim, mas quando eu perguntei, ela inclinou a cabeça, sorriu e não respondeu.*

— *Por quê? Ela é muda?*

— *Não! Se ela fosse muda, não me pediria para vir aqui falar com o senhor.*

O abade Peyramale ouviu o último comentário e ficou em silêncio. Com certeza estava diante de uma menina humilde, mas inteligente. E pergunta curioso:

— *Como você se encontrou com ela pela primeira vez?*

Bernadette se entusiasma. Com os olhos brilhando, conta ao pároco como aconteceu a primeira visão e em seguida todas as outras.

O abade Peyramale ouve desatento. Já conhecia a história através de outras pessoas com quem conversara. Mas ele não deu o braço a torcer. E no final da narração de Bernadette, ele diz:

- Mas será possível que você não percebeu ainda que essa Senhora quer colocá-la em ridículo? Uma mulher sem nome, que não se sabe de onde vem, que habita numa gruta, descalça... você acha que ela é digna de se levar a sério?

O padre se levanta e, por fim, fala:

— *Você voltará à gruta com minha resposta. Diga à sua Senhora que o pároco de Lourdes não tem o costume de falar com pessoas que não conhece. Eu exijo que ela diga o seu nome. Quero também uma prova de que esse nome é o dela, e de mais ninguém. Se ela tem direito a uma capela, compreenderá bem o sentido de minhas palavras. Se não entender, então diga a ela que pare de me mandar mensagens.*

Berndette ouviu, contrariada. Cumprimentou o padre e saiu.

Trinta mil pessoas estavam à espera de Bernadette no dia 25 de março daquele ano. Muitas pessoas já haviam sido curadas pela água da fonte. O abade Peyramale continuava firme em sua posição e exigia saber o nome dessa Senhora, além de dizer a Bernadette que, já que o desejo dela era uma capela, que então arranjasse o dinheiro.

Nesse dia a Senhora apareceu novamente e então Bernadette perguntou três vezes o nome da Senhora, que sorrindo e unindo suas mãos sobre o peito respondeu:

— *Eu sou a Imaculada Conceição.*

Depois da visão, Bernadette se virou para uma amiga, perguntando o que queria dizer Imaculada Conceição. A pequena Bernadette não sabia que há quatro anos, em dezembro de 1854, o Papa Pio IX havia proclamado o dogma da Imaculada Conceição de Nossa Senhora. A Igreja reconhecia oficialmente que Maria nunca havia sido manchada pelo pecado original, desde o nascimento até a morte.

Bernadette voltou até a casa do abade Peyramale e disse finalmente o nome da Senhora. Alguns dias depois, três médicos chegaram a Lourdes com a missão de provar que Bernadette estava louca. Pensaram como primeiro aliado o abade Peyramale, que sempre desacreditou das aparições. Mas ao conversaram com ele, o abade apenas respondeu com voz firme:

— *Bernadette não tem nenhum problema mental. É sã de mente mais do que vocês e do que eu. E tem mais uma coisa, podem dizer ao prefeito de Tarbes que seus guardas podem me encontrar na porta da casinha de Bernadette. Antes de tocar em um único fio de cabelo daquela menina, vão ter de passar sobre o meu cadáver.*

Santa Bernadette

Para o abade, acabaram-se todas as dúvidas, Bernadette realmente falava com a Virgem. O nome Imaculada Conceição ainda era pouco conhecido e apenas o clero sabia sobre o dogma.

Como a cada aparição as multidões aumentavam, as autoridades ergueram tapumes e barricadas em torno da gruta e ficou proibido a qualquer pessoa se aproximar do local. Algum tempo depois, a 16 de julho, Bernadette sentiu uma vontade interior muito grande de retornar à gruta. Uma tia a acompanhou às 8 horas da manhã. Ela ficou do outro lado do córrego devido aos tapumes fechando a gruta. A Virgem aparece uma última vez, com um largo sorriso para a vidente, não diz nada e desaparece. Era um adeus.

Vários artistas tentaram reproduzir a face da Virgem. Mas Bernadette não gostou de nenhuma imagem ou quadro feito. Ela criticou a imagem feita para ser posta na gruta, que ficou sendo a reprodução clássica de Nossa Senhora de Lourdes. Ela dizia que Nossa Senhora era muito, mas muito mais bonita que aquelas imagens. Exatamente a mesma reação teve a vidente de Fátima, a Irmã Lúcia.

As aparições cessaram, mas as investigações continuaram, sobretudo por parte da Igreja, pois a maioria dos fiéis acreditava na veracidade das aparições. Vários doentes diziam ter sido curados, ateus se converteram e milhares de pessoas iam rezar perto da gruta - que continuava interditada. A fama das aparições fez a vida da vidente difícil. Ela não gostava de aparecer em público, nem de ficar famosa. Procurava se esconder do povo e só atendia a pessoas da Igreja ou autoridades. Mas mesmo assim, muita gente conseguia furar o cerco para lhe fazer perguntas.

Sua vida estava muito difícil. E sentindo o chamado, ela decidiu entrar no convento das Irmãs da Caridade, na cidade de Nevers, próxima a Lourdes. Logo ao entrar no convento, a madre superiora reuniu todas as irmãs e pediu a Bernadette para contar todas as aparições. Depois dessa reunião, a superiora lhe disse para nunca mais falar com as irmãs sobre isso, e as irmãs foram proibidas de falar ou perguntar qualquer coisa sobre esse assunto.

Ao fazer os votos, a irmã Bernadette tomou o nome religioso de irmã Marie Bernard. Ela viveu anonimamente a vida de uma simples e humilde religiosa no convento de Nevers, escondida do mundo por 13 anos. Quase sempre com doenças e saúde precária que lhe traziam muitos sofrimentos. Uma vez ela comentou com outras irmãs que sua principal função no convento era sofrer e oferecer este sofrimento a Deus. Ela foi sempre uma religiosa exemplar, que fazia bem a todos que se aproximavam dela. Muitas irmãs notaram que quando estava em oração, parecia que sua face ficava brilhante, reluzente.

Em várias ocasiões sacerdotes pediam autorização à madre superiora para falar com Bernadette sobre as aparições de Lourdes. Apesar de Bernadette não gostar de repetir continuamente as mesmas respostas para as mesmas perguntas, atendia a todos com paciência e resignação.

Em 1879 sua saúde piorou muito. Ficava de cama o tempo todo com muitas dores. Ela estava com apenas 35 anos de idade. Em seu leito de morte, a pedido do Papa Pio IX, foi lhe pedido para fazer um juramento solene de que as aparições haviam sido verdadeiras. Ela o fez sem pestanejar. Enquanto isso, em Lourdes, os milagres de cura de doentes se multiplicavam aos que se banhavam na fonte surgida milagrosamente na gruta. Então, uma irmã do convento perguntou à irmã Bernadette porque ela não pedia para ser levada a Lourdes para ser curada. Ela respondeu: "isto não é para mim".

No dia 16 de abril ficou claro que a irmã estava morrendo. Várias irmãs se ajoelharam ao redor de sua cama para rezar. A irmã havia pedido orações. Numa das orações, as irmãs disseram a frase da Ave Maria "Santa Maria, Mãe de Deus", ela respondeu com voz forte: "Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por mim pobre pecadora". Ela então fez um lento sinal da cruz e morreu em paz.

As coisas mais extraordinárias começaram a acontecer depois da morte de Bernadette. As irmãs notaram com espanto que o corpo da irmã estava flexível, como se ela estivesse em vida. Seu rosto ficou mais jovem e mais bonito, irradiando paz e pureza. No dia seguinte o corpo continuava como se ela estivesse viva, com cor e flexibilidade. Sua cabeça recebeu uma coroa de rosas brancas e em suas mãos foi posto o rosário que ela sempre trouxe consigo, e o papel assinado por ela contendo os votos. Parecia que ela estava dormindo em profunda paz.

Apesar de não se falar dela nos anos em que esteve reclusa no convento, a notícia de sua morte correu célere por toda a região. Multidões apareceram na capela do convento para se despedir dela, para rezar, para vê-la. O enterro teve de ser adiado duas vezes para que todos pudessem vê-la. As filas não diminuíam, o povo todo já a proclamava santa e todos queriam que algum objeto fosse tocado em seu corpo, as mães traziam bebês e crianças. Os trens para Lourdes iam lotados de fiéis que desejavam prestar sua última homenagem. Na missa de corpo presente, no dia do enterro, todas as ruas em volta do convento ficaram lotadas de fiéis rezando. Finalmente, no terceiro dia, as irmãs conseguiram fechar o caixão e a irmã foi enterrada no próprio convento.

Em Lourdes, o governo manteve a gruta fechada e interditada. Algum tempo depois, como as investigações da Igreja concluíram pela veracidade das aparições e as do estado não encontraram nada negativo, o bispo de Tarbes, diocese à qual Lourdes pertencia, pediu ao governo que desinterditasse a gruta. O prefeito respondeu que a ordem de fechar a gruta tinha vindo do próprio chefe de governo, Napoleão III. E em tom provocativo concluiu: vamos ver quem é mais forte, Napoleão ou Nossa Senhora!

Os pedidos para abrir a gruta chegavam de todos os lados. Quando a própria esposa de Napoleão III fez o pedido, ela foi reaberta. As peregrinações começaram, muitos doentes eram levados até lá para se banhar nas águas da fonte milagrosa. As curas começaram a acontecer em grande quantidade.

A Igreja é muito rigorosa e estrita em matéria de milagres. A diocese onde está Lourdes organizou uma comissão médica formada por especialistas famosos para examinar cada caso em que se dizia que tinha havido um milagre. Essa comissão estabeleceu regras muito rigorosas para que uma cura pudesse ser considerada um milagre: a doença tem de ser grave e incurável, provada por exames médicos anteriores e posteriores à cura, que deve ser imediata e total, sem intervenções médicas. E a regra que mais elimina curas como sendo milagres é a que estabelece que a pessoa não podia estar sob tratamento médico para aquela doença, pois senão como se pode ter certeza que não foi o tratamento que curou a doença? Só esta regra eliminou mais de 7.000 casos de curas inexplicáveis em Lourdes.

A Comissão Médica de Lourdes é composta por 20 médicos especialistas, a maioria professores de faculdades de medicina vindos de vários países. E dessa comissão fazem parte médicos católicos, de outras religiões e ateus. A cada ano há milhares de pessoas que se dizem curadas em Lourdes, mas só uns poucos casos conseguem passar por toda essa bateria de provas. Lourdes é hoje um dos santuários mais visitados do mundo.

A gruta de Massabielle hoje em dia é local de peregrinação para os fiéis que visitam Lourdes.

A capela que a "Senhora" pediu para Bernadette, hoje é o Santuário de Nossa Senhora de Lourdes.

Mas a história de Santa Bernadette ainda não acabou. Uma nova maravilha ainda iria acontecer: em 1908 o caixão no qual ela foi enterrada, foi aberto pela comissão que levava adiante seu processo de beatificação. Várias outras testemunhas e autoridades estavam presentes. Estupor geral: quase 30 anos depois de sua morte, seu corpo estava perfeito, tal como fora enterrado. Ela parecia estar dormindo e seu corpo continuava flexível, como o de uma pessoa viva. Em vista deste milagre incrível, seu corpo foi depositado numa urna de cristal, colocada na capela do convento sob uma bela imagem de Nossa Senhora, onde todos os fiéis podem vê-la e venerá-la. É um milagre contínuo, que qualquer um pode comprovar na cidade de Nevers, na França.

Em 1913, o Papa Pio X, ele mesmo um santo, proclamou-a venerável. Em 1925 ela foi declarada beata e no dia 8 de dezembro de 1933 foi proclamada santa pelo Papa Pio XI numa solene cerimônia na basílica de São Pedro em Roma perante imensa multidão. Vários milagres foram comprovados como tendo ocorrido por sua intercessão. Sua canonização foi feita não por causa das aparições, mas sim devido à vida santa que levou, e que foi testemunhada por centenas de pessoas que a conheceram.

Em sua viagem à Lourdes, o Papa Bento XVI orientou os fiéis sobre o que os peregrinos devem buscar na gruta de Massabielle: "Naturalmente não vamos para encontrar milagres. Vou encontrar o amor da Mãe, que é a verdadeira cura para todas as dores e para ser solidário com todos os que sofrem, no amor da Mãe. Este me parece um sinal muito importante para nossa época". Continuou ainda, dizendo que a mensagem de Lourdes mostra que: "O poder do amor é mais forte que o mal que nos ameaça".

Já se passaram mais de 120 anos do seu falecimento, e o corpo de Santa Bernadette permace incorrupto, como se estivesse num sono profundo.

Festa Litúrgica em 16 de abril

SANTO SUDÁRIO

SANTO SUDÁRIO

"O REFLEXO DO EVANGELHO"

"O Sudário é a imagem do amor de Deus, e do pecado do homem" Papa João Paulo II

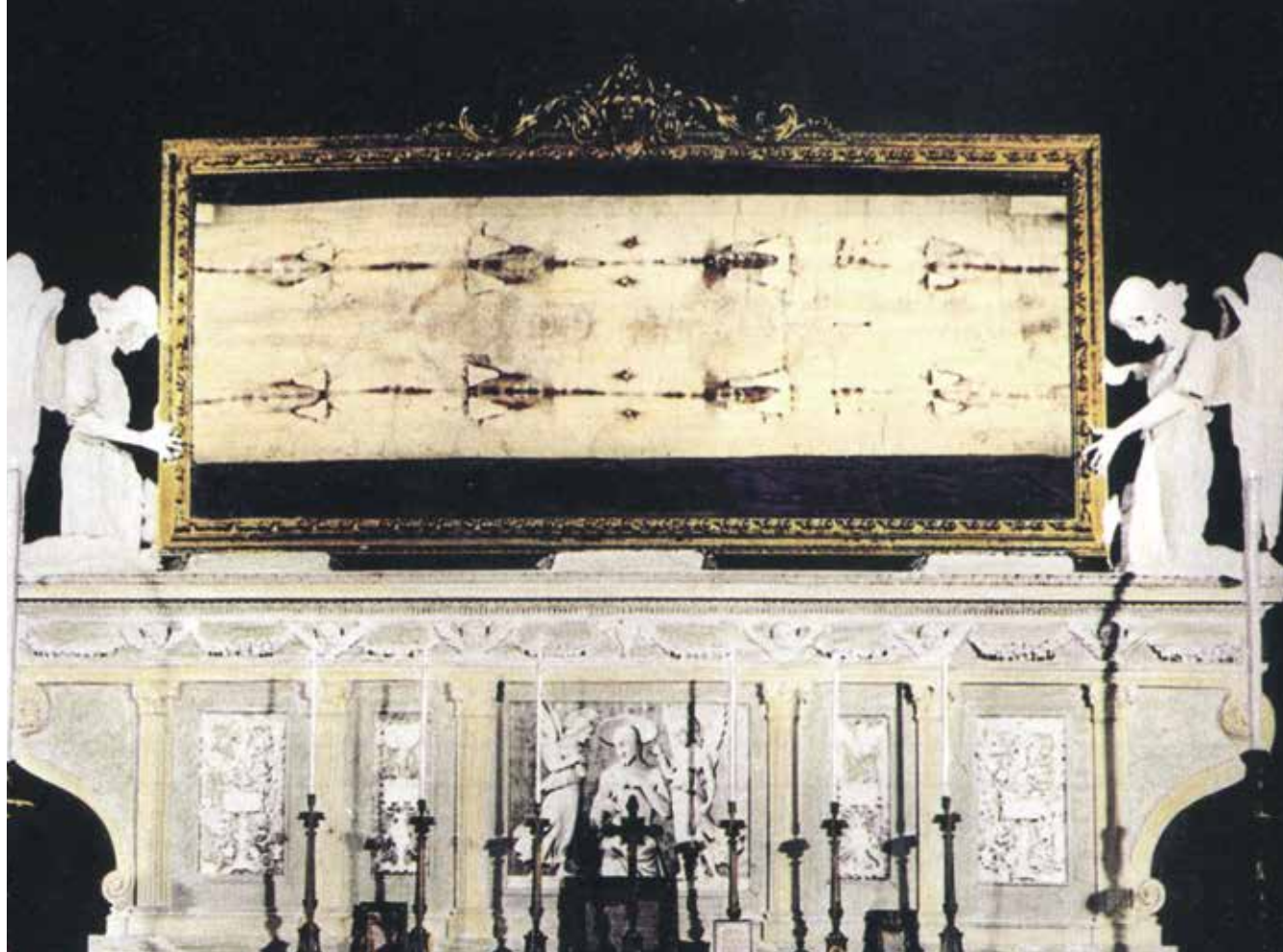
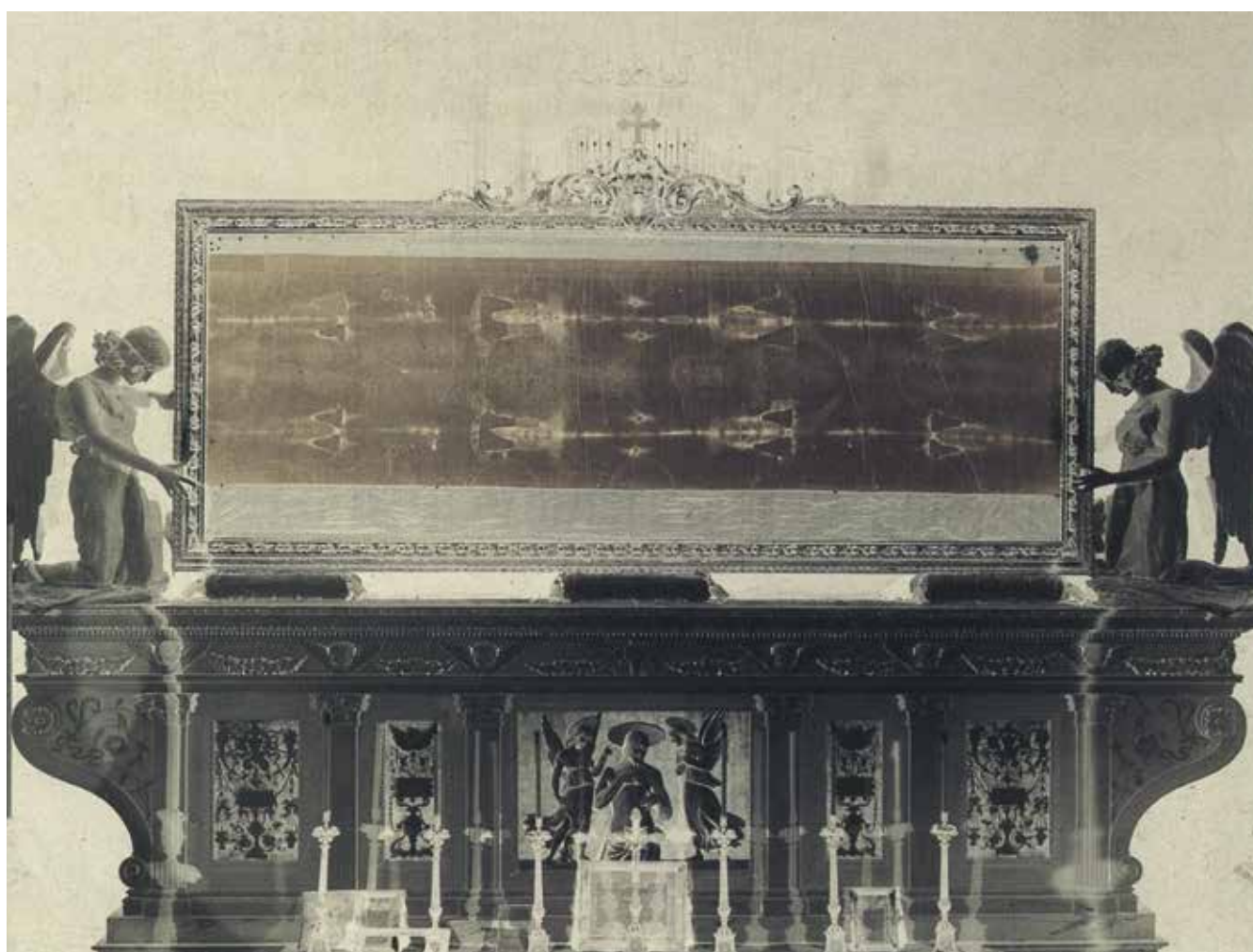
Estamos diante de três cruzes, com três homens nelas crucificados, em meio a um céu encoberto pela escuridão, há mais de dois mil anos atrás. As cruzes podiam ser vistas como símbolo da maldade humana, ou ainda, como símbolo do poder do Império Romano, mas, o que poucos imaginavam, é que a cruz, aquele instrumento de tortura, logo se tornaria, por toda a eternidade, símbolo do extremo amor de Deus pela humanidade pecadora.

Jesus estava morto, houve a certeza disso quando o soldado romano Longinus, que no futuro seria martirizado por se converter e defender o cristianismo até as últimas conseqüências, o perfurou com uma lança. Os discípulos estavam desolados e amedrontados temendo encontrar o mesmo destino cruel de seu Mestre. A sensação era de derrota, pois eles ainda não entendiam os planos de Deus.

O Filho do Homem provavelmente seria jogado numa vala comum, como acontecia com todos os criminosos daquele tempo. Jesus foi considerado um criminoso pelo Império Romano. A história mudou quando José de Arimatéia, membro do Conselho do Sinédrio, homem de posses e seguidor oculto de Jesus, venceu seu medo e pediu a Pilatos a permissão para colocar o corpo de Jesus em uma sepultura normal. O governador deu a permissão, e José conseguiu em tempo comprar uma mortalha para envolver o corpo de Jesus, porque o dia seguinte seria o sábado antes da Páscoa dos judeus, e não era permitido nesta data executar nenhum trabalho, inclusive envolver um cadáver em uma mortalha. Esta mortalha, hoje conhecida como o Santo Sudário, é um tecido de linho, medindo 4,36 por 1,10 metros, que surpreendeu e surpreende os cristãos de todo o mundo, principalmente a comunidade científica.

Quanto à sua história, acredita-se que logo após a Ressurreição, o Sudário tenha ficado com algum dos apóstolos ou com uma das santas mulheres. Nos três primeiros séculos da era cristã, não se têm notícias sobre essa relíquia, o que é natural, pois era um tempo de perseguição aos cristãos, e uma relíquia como o Sudário certamente seria motivo para mais perseguições e mortes.

As primeiras notícias do Sudário datam de 544, em Edessa, onde o Lençol estava dobrado de forma que apenas se podia ver a parte onde ficara impresso o rosto de Cristo. Até o século VIII, permaneceu em Jerusalém, depois de Bizâncio até o século XII. Em 1204, durante as cruzadas, muitas relíquias se dispersaram, mas há testemunhos escritos de que alguns cruzados tinham visto o Sudário. Estes são trajetos prováveis feito pelo Sudário. Entretanto a partir de meados do século XIV, há a documentação do itinerário percorrido pela preciosa relíquia.

A descida da Cruz: Jesus é envolto no Manto Sagrado.

Acima, foto do Santo Sudário como era exposto em 1898.
E abaixo, negativo da foto. Maior riqueza de detalhes.

Em 1357 o Sudário apareceu na França, como o conde de Charny sendo o seu proprietário. Em 1472 a família Charny o oferece a duquesa de Savóia, que mandou construir uma capela para abrigar a relíquia. Vinte anos depois, um incêndio devastou a capela, o Sudário estava num relicário de prata, que devido às altas temperaturas, derreteu e deixou cair algumas gotas do metal na relíquia, que foi queimada em algumas partes. O Sudário também foi, consequentemente, molhado pela água que apagou o incêndio.

Em 1503, sem a tecnologia dos dias atuais, mas com a curiosidade de "testar" a relíquia, ferveram o Sudário em óleo, para ver se a figura seria apagada. Nada aconteceu, a imagem nem mesmo se alterou.

No ano de 1532, na Igreja de Chambéry, outro incêndio queimou novamente algumas partes do Lençol, dois anos depois, o Sudário foi remendado pelas monjas clarissas de Chambery. Finalmente em 1578 o duque de Savóia, Manuel Felisberto, levou o Santo Sudário a Turim, onde está até os nossos dias.

Até então, o Sudário era admirado, mas quanto mais a ciência evoluía, mais eram colocadas dúvidas sobre sua autenticidade. Muitos acreditavam que, conforme novas tecnologias aparecessem, se provaria que o Sudário era uma fraude. Exatamente o oposto aconteceu e acontece. A cada dia que passa, quanto mais a tecnologia se desenvolve, tanto mais fica provado que a imagem no Sudário foi impressa de forma milagrosa pelo Cristo Ressuscitado.

O ano em que o Lençol passou a chamar diretamente a atenção dos cientistas foi 1898. O italiano Secondo Pia fotografou o Lençol pela primeira vez na história. Ele obteve autorização do rei da Itália Humberto I, que era o proprietário do Lençol naquela época. O momento da revelação do filme fotográfico foi o que impressionou a todos, o negativo do filme era na verdade uma impressionante imagem positiva de Jesus Cristo. Ou seja, as imagens do Lençol estão no lado inverso e ficaram corretas no negativo fotográfico. A impressão no negativo é muito mais nítida e detalhada do que no próprio Sudário, tem relevo e profundidade. Era a prova de que o Lençol não era uma fraude. A fotografia havia sido inventada apenas há algumas décadas. Ora, como um falsário poderia utilizar uma tecnologia que ainda não havia sido criada? Deus não desafiou a ciência, pelo contrário, se utilizou dela.

Os Papas sempre tiveram papel fundamental no reconhecimento do Santo Sudário, principalmente no século XX. Em 1973 o Papa Paulo VI reconheceu o Lençol com uma importante Consagração Pública. A partir daí, a Igreja passou a admitir e venerar o Santo Sudário. Já o Papa João XXIII, conhecido por sua simplicidade e bondade, quando viu o Lençol disse: "O dedo de Deus está aqui!".

Encorajados pela Igreja e pelo ex-monarca italiano Humberto II (até então proprietário do Sudário, deixou o em testamento para a Igreja Católica após sua morte), foi criado em 1978 o STURP (Shroud of Turin Research Project), Projeto de Pesquisa da Mortalha de Turim - que reuniu, sem exagero das palavras, os 40 melhores cientistas do mundo, independentemente de suas nacionalidades ou credo, tanto que, da equipe de 40 cientistas, apenas 4 eram católicos. O STURP contou com cientistas americanos da NASA, médicos renomados, químicos, arqueólogos, etc. Foram utilizadas 40 toneladas de aparelhos de pesquisa, 100 mil horas de pesquisas posteriores, estudos com raios infravermelhos e tudo o mais que a tecnologia pôde oferecer.

Conforme os estudos eram feitos, todos os detalhes dos Evangelhos iam sendo encontrados, cientistas iam se convertendo e se convencendo cada vez mais de que estavam diante de algo que os faziam se sentir menores que a própria pequenez. Todo o conhecimento da equipe apenas conseguia comprovar o que está escrito na Bíblia, e diante da curiosidade de como a figura fora impressa, eles nada conseguiam dizer. Quase dois mil anos depois, um lençol que apenas envolveu o corpo de Cristo, estava deixando o mundo boquiaberto com a "tecnologia" utilizada por Deus.

Uma das primeiras descobertas foi de que não se tratava de uma pintura, mesmo através de microscópios, não havia nenhum sinal de pintura. Espantosamente, a imagem foi criada por uma explosão nuclear, não uma explosão qualquer, as manchas do Lençol são muito mais fortes que as deixadas em Hiroshima após a explosão da bomba nuclear. Os cientistas concluíram que foi uma explosão de cerca de dois milionésimos de segundo, e com a mesma intensidade de uma supernova, ou seja, a luz emitida por uma estrela quando nasce. Uma explosão como essa deveria destruir no mínimo toda a cidade de Jerusalém, no entanto, nada aconteceu. Por quê? Nem os cientistas conseguiram dizer.

O Dr. John Jackson, cientista de física nucelar da NASA, submeteu uma foto do Sudário a um aparelho utilizado para vasculhar relevos no planeta Marte, e constatou que a imagem é tridimensional. A foto sozinha pôde dar precisamente o formato do rosto de Cristo. A imagem revelou ser o mais belo dos homens. Possuía 1,81 metro, 80 quilos, braços e pernas desenvolvidos, com todos os outros músculos de seu corpo proporcional, nenhuma gordura localizada, traços faciais bem delineados, sem rugas e de cabelos longos. Seus pés calçariam número 41.

O estudo revelou a beleza de Jesus. Deus quis que através da ciência, que o povo do século XX pudesse contemplar sua face novamente. A leitura tridimensional trouxe a perfeição de Cristo, mas também trouxe impresso os pecados dos homens, por quem Jesus sofreu e morreu...

As marcas de humilhação e dor que os homens provocaram no Filho de Deus estão no Sudário. Ambas as sobrancelhas estavam inchadas, a pálpebra direita foi rasgada, o nariz teve a cartilagem quebrada, o Filho do Homem recebeu muitos golpes no rosto que lhe fizeram estourar algumas veias, e ainda se pôde constatar que uma parte da barba lhe foi arrancada.

A flagelação também está impressa no Sudário. Foram contados cerca de 120 golpes do temível flagrum - instrumento de tortura romano parecido com um chicote, mas com bolinhas de chumbo ou então ossos que dilaceravam a pele - em suas costas, peito, ventre e principalmente nas coxas. Todos os golpes foram por trás.

Foi constatado que sua coroa de espinhos era na verdade um capacete de espinhos longos e pontiagudos, e que foi colocado em sua cabeça a pauladas. Foram encontrados mais de 70 furos provocados pelos espinhos em sua cabeça, um espinho ainda perfurou sua pálpebra.

Seus ombros foram dilacerados, provavelmente pelo peso da cruz. Vale lembrar que se tratava da madeira vertical da cruz, mas ao contrário do que se costuma imaginar, não era uma madeira acabada, lixada. Ela continha farpas que iam lhe perfurando os ombros, e foram encontrados ainda traços da madeira no Lençol. Estima-se que o peso da cruz (apenas o travessão) era de 45 quilos. Na altura dos joelhos foram encontradas partículas de terra misturada com sangue, consequência das quedas que Jesus sofreu no percurso até o Calvário, além de açoites, humilhações, espasmos de dor, cusparadas. Preço que pagou por ter amado a todos.

Ecce Homo

"Desprezado e rejeitado
pelos homens, nem
tomamos conhecimento
d'Êle. Todavia, eram as
nossas dores que Ele
levava em Suas costas".

Isaías 53,3

Todos os traços do caminho até o Gólgota estão lá, inclusive a marca de que Verônica enxugou seu rosto. É nítido, através da linha do sangue, que seu rosto foi enxugado, mas não a sua testa, ou seja, foi enxugado enquanto ainda estava com a coroa de espinhos, enquanto ainda estava vivo.

As marcas dos pregos que o perfuraram também estão lá. Foram colocados no pulso (na região conhecida como espaço de Destot), perfurando o nervo mediano, retraindo o dedo polegar até a palma da mão, o que provoca uma dor intensa. Depois de ter seus pulsos pregados, Jesus foi suspenso dolorosamente até que a viga horizontal encontrasse a viga vertical. Os pés ainda estavam soltos, seu corpo ficou seguro apenas pelos pulsos pregados.

Seu pé esquerdo ficou por cima do direito e foram pregados com um único cravo, que media cerca de 17cm. Calcula-se que foram necessárias oito marteladas para fixar os pés na cruz. Nesta posição, respirar exigia um esforço enorme, ainda mais já tendo sofrido toda a tortura; falar então, era quase impossível. No entanto, Jesus Cristo encontrou forças para salvar o bom ladrão e lhe conceder um lugar no Paraíso. Amou até o fim.

Assim como está na Bíblia, no Sudário consta que nenhum osso foi quebrado, mas a chaga do lado direito do peito está lá. A ciência conseguiu enxergar que, pela marca no Lençol, a lança perfurou o pulmão e o coração. Há resquícios de líquido pleural, que enchem os pulmões quando estes agonizam. Os médicos concluíram que a água de que fala a Bíblia, era este líquido pleural que estava no pulmão, junto com o sangue, provocado pelos açoites. Calcula-se que Jesus tenha perdido em torno de dois litros de sangue entre sua flagelação e crucificação.

O sangue encontrado no Sudário é do tipo AB+, exatamente o mesmo tipo encontrado no milagre de Lanciano, em que a Hóstia consagrada se transformou em carne humana e sangue (mais precisamente em tecido do coração).

O Santo Sudário realçado fotograficamente como positivo.

O grupo de 40 cientistas, em que apenas 4 eram católicos, foi se convertendo conforme as experiências eram feitas, a ponto de, no relatório final do coordenador do projeto, doutor D' Muhala, da Companhia de Tecnologia Nuclear, escrever da seguinte forma: "A Ressurreição real e física de Jesus de Nazaré é, sem dúvida alguma, a melhor explicação para os fatos físicos, químicos, médicos e históricos".

Apesar deste estudo em que todos os testes comprovaram que o Santo Sudário é legítimo, a Igreja sempre estimulou novos estudos. O Papa João Paulo II, visitando Turim, em maio de 1998, um ano após o último incêndio sofrido pelo Sudário, disse:

— *A Igreja não tem competência específica para se pronunciar sobre essas questões. Ela confia aos cientistas a tarefa de continuar a indagar, para chegar a encontrar respostas adequadas aos interrogativos conexos a este Lençol que, segundo a tradição, teria envolvido o corpo do nosso Redentor quando foi deposto da cruz. A Igreja exorta a enfrentar o estudo do Sudário sem posições preconcebidas, que dão por comprovados resultados que tais não são; convida-os a agir com liberdade interior e solícito respeito, quer pela metodologia científica, quer pela sensibilidade dos fiéis.*

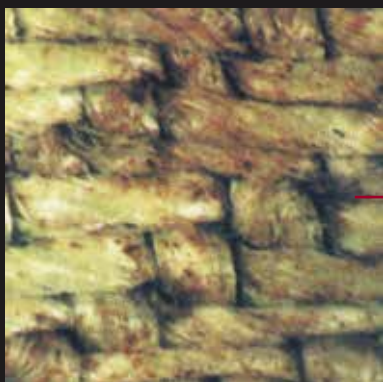
Houve ainda o polêmico teste do carbono-14 em 1988, em que um grupo de cientistas afirmou após o teste, que o Sudário era uma farsa e datava na verdade do século XIII. A notícia correu o mundo rapidamente, mas o que foi pouco divulgado, é que o teste do carbono-14, na verdade, foi falho.

O teste foi realizado com uma amostra muito pequena do tecido (7 cm, o mínimo necessário eram 70 cm), o teste necessitaria ser feito mais vezes, o que seria impossível, pois exigiria extrair pedaços preciosos do Lençol. O teste ignorou que o Sudário passou por três incêndios e ainda foi fervido em óleo no ano de 1503, fatos que alteraram completamente o teor de carbono-14.

Outros testes mais fidedignos foram realizados, como, o estudo dos polens, em que Max Frei, especialista em palinologia, provou que os polens, contidos no Sudário, provinham de plantas da mesma época e região de Jesus, e que algumas destas plantas já estão extintas há centenas de anos. Que falsário na Idade Média teria tal conhecimento?

O tecido – uma peça de linho, medindo 4,36 metros de comprimento por 1,10 metro de largura – é do século I, a trama usada no tecido é a mesma utilizada na Palestina no tempo de Jesus. Muitos outros testes comprobatórios foram realizados e confirmados.

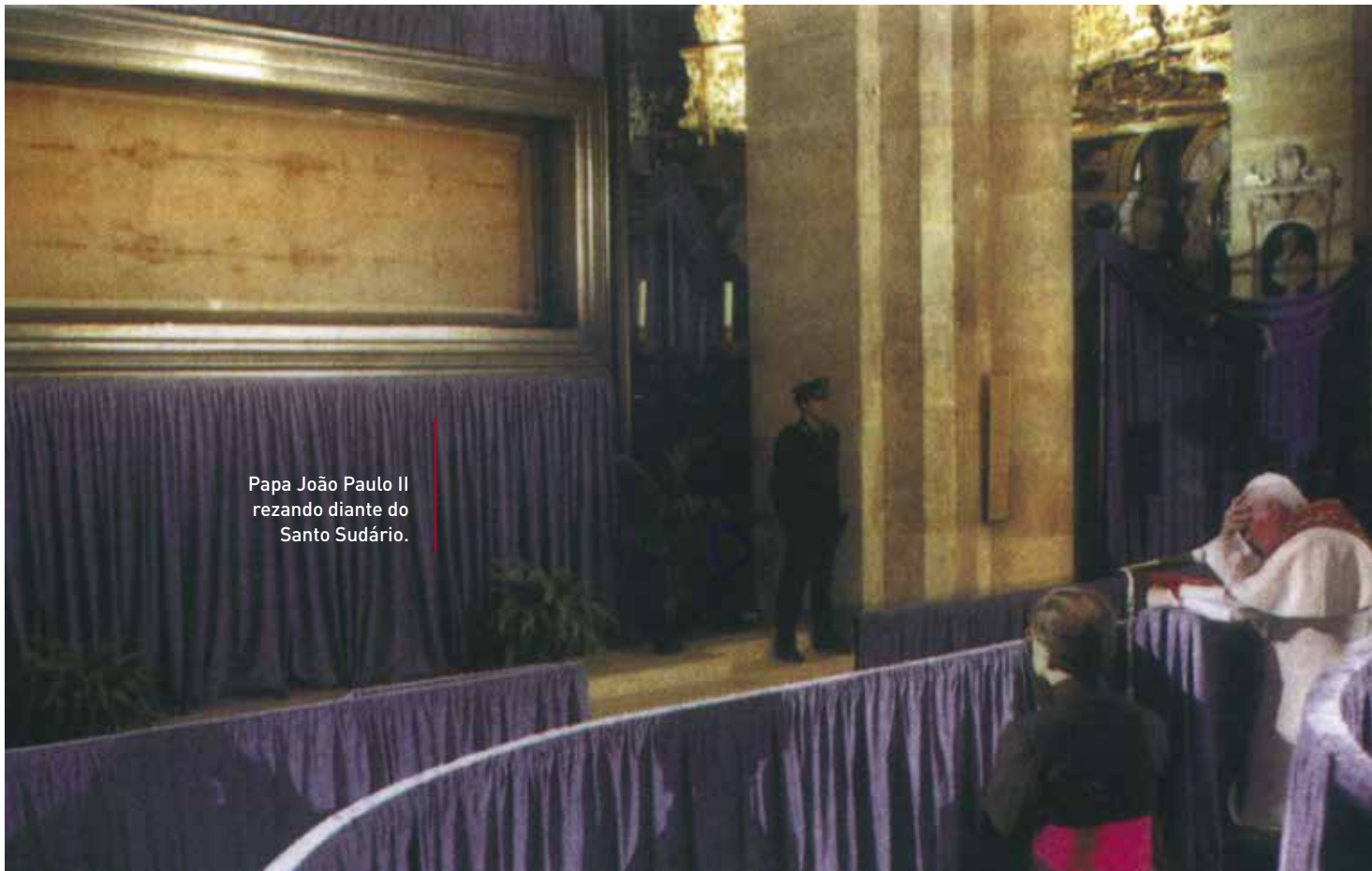
Tipos de pólens encontrados no Sudário. Alguns destes são de espécies que já não existem mais.

Moedas eram colocadas nos olhos daqueles que eram sepultados. Foram encontradas marcas nos olhos do homem do sudário, destas duas moedas, cunhadas na época de Pôncio Pilatos.

Após estudos feitos com o pano santo, foi comprovada a existência de manchas de sangue do tipo AB+. Exatamente o mesmo tipo de sangue encontrado no milagre de Lanciano, onde a Hóstia tornou-se carne e o vinho tornou-se sangue.

Após o estudo de 40 cientistas do mundo inteiro, o relatório final do coordenador do projeto, doutor D' Muhala, da Companhia de Tecnologia Nuclear, descreve: "A Ressurreição real e física de Jesus de Nazaré é, sem dúvida alguma, a melhor explicação para os fatos físicos, químicos, médicos e históricos".

A Igreja também alerta para que não se olhe apenas o que o Sudário prova, mas sim o que Deus quer dizer nos dias atuais através do Linho Sagrado. O Papa que mais vezes viu o Sudário foi João Paulo II, e ele próprio passou orientações de como o Sudário deve ser visto pelos fiéis:

> — *No Sudário reflete-se a imagem do sofrimento humano. Ele recorda ao homem moderno, muitas vezes distraído pelo bem-estar e pelas conquistas tecnológicas, o drama de tantos irmãos, e convida-o a interrogar-se sobre o mistério do sofrimento para aprofundar as suas causas. A marca do corpo martirizado do Crucificado, testemunhando a tremenda capacidade do homem de provocar dor e morte aos seus semelhantes, põe-se como o ícone do sofrimento do inocente de todos os tempos: das inumeráveis tragédias que marcaram a história passada, e dos dramas que continuam a consumar-se no mundo. Diante do Sudário, como não pensar nos milhões de homens que morrem de fome, nos horrores perpetrados nas inúmeras guerras que ensanguentaram e ensanguentam as Nações, na exploração brutal de mulheres e crianças, nos milhões de seres humanos que vivem de privações e de humilhações às margens das metrópoles, especialmente nos Países em vias de desenvolvimento? Como não recordar com perturbação e piedade quantos não podem gozar dos elementares direitos civis, as vítimas da tortura e do terrorismo, os escravos de organizações criminosas? Evocando essas situações dramáticas, o Sudário não só nos impele a sair do nosso egoísmo, mas nos leva a igualmente descobrir o mistério da dor que, santificada pelo sacrifício de Cristo, gera salvação para a humanidade inteira.*

Para nós cristãos, é impossível não reconhecer no Santo Sudário o preço que Cristo, nosso único Salvador e Redentor, em seu infinito amor ao Pai e aos homens, pagou para salvar e redimir a humanidade.

Papa João Paulo II rezando diante do Santo Sudário.

“O Sudário recorda ao homem moderno, muitas vezes distraído pelo bem-estar e pelas conquistas tecnológicas, o drama de tantos irmãos que sofrem.”
Papa João Paulo II

Desde 1694 o Santo Sudário se encontra na Catedral de São João Batista, em Turim, na Itália.

GEMMA GALGANI

GEMMA GALGANI

A Aurora da Paixão

☆ 1878 ✝ 1903

"Eu queria, Jesus, que minha voz chegasse aos limites de todo o mundo"

Camigliano, uma pequena vila próxima a Lucca, na Itália, dia 12 de março de 1878. Uma criança, a primeira menina da família de oito filhos do farmacêutico Henrique Galgani e Aurélia Landi, acabara de nascer. Um tio queria que a menina se chamasse Gemma, mas a mãe não aceitava dizendo que não havia nenhuma santa com este nome para poder interceder por sua filha durante a vida. Um sacerdote que viu a discussão interveio, lembrando que Gemma, um nome de origem latina, significa pedra preciosa e continuou: "Há muitas gemmas no Céu, esperemos que ela também seja um dia outra gemma no Paraíso".

A frase foi uma profecia. A menina foi batizada no dia seguinte e um dia seria conhecida como Santa Gemma Galgani.

Desde muito pequena, Gemma aprendeu com a mãe a rezar. Junto com as primeiras palavras, a menina já aprendia a rezar para o "Papai do Céu". E Gemma gostava muito do que ia aprendendo sobre a religião. Sentia uma enorme atração pela oração. Era uma menina muito inteligente e aprendia tudo com facilidade e rapidez. Aos cinco anos de idade, ela já lia no breviário o ofício de Nossa Senhora e dos defuntos. Ela sempre pedia à mãe para lhe contar histórias de Jesus.

Lucca, Itália

A mãe de Gemma, porém, não tinha boa saúde. No dia em que a menina recebeu o sacramento da confirmação, a crisma, ela ouviu uma voz em seu interior que lhe perguntava: "você me dá a sua mãezinha?" Gemma respondeu sem pestanejar: "Sim, desde que você me leve também". A voz respondeu: "Dá-me a sua mãe sem reservas. Por ora, você deve esperar junto com o seu pai. Vou levar você para o Céu mais tarde". Gemma concordou, dando o seu sim para Deus. Este "sim" de Gemma foi o primeiro de muitos outros que ela daria a Deus. Ele lhe pediria ainda para sofrer pela salvação das almas.

Conforme havia dito a voz, pouco depois a mãe de Gemma ficou gravemente doente e faleceu em pouco tempo. Não podendo cuidar da menina por causa dos seus trabalhos, o pai matriculou-a na escola das Irmãs de Santa Zita, na cidade de Lucca, como semi-interna. Ela foi uma aluna exemplar na escola. Além de inteligente, era muito dedicada aos estudos. Tirava as notas mais altas em todas as matérias, mas sua maior dedicação ia para o estudo da religião. Ao mesmo tempo, a pequena Gemma progredia também em sua vida espiritual. E exercia uma excelente influência sobre suas colegas. Uma de suas professoras comentou mais tarde que Gemma era a alma da escola.

A essa altura, o que Gemma mais queria era receber a primeira comunhão. Ela insistia com as freiras para autorizarem sua primeira eucaristia. Naquela época, não era costume dar a primeira comunhão para crianças. Ela dizia: "Dá-me Jesus e verás quão boa eu serei. Eu vou mudar bastante. Não vou mais cometer nenhum pecado. Dá-me Jesus! Eu O desejo tanto, que não posso viver sem Ele!". Quando ela completou nove anos, o bispo de Lucca, Monsenhor Volpi, que era confessor de Gemma e conhecia sua pureza de coração, autorizou sua primeira comunhão. Ela fez um retiro de 15 dias internada num convento de freiras. Durante este retiro, quando as irmãs narravam a Paixão de Cristo, Gemma sentia profundas dores e também uma febre altíssima.

No dia 17 de junho de 1887, na festa do Coração de Jesus, Gemma recebeu sua Primeira Eucaristia. Seu pai veio para a ocasião solene. Foi um dos dias mais felizes de sua vida.

Em 1894 Gemma perde um de seus irmãos, Gino, que se preparava para ser sacerdote e, três anos depois, uma nova prova, seu pai estava com câncer na garganta.

Gemma continuava seus estudos no colégio das freiras. Quando já estava quase acabando, aos dezenove anos, seu pai, que ia muito mal nos negócios, faleceu por causa do câncer. Foi um grande impacto. Ainda com o pai em seu leito de morte, os credores tomaram tudo o que restava da família, deixando seus irmãos na miséria. Gemma confidenciou: "Chegaram a ponto de meter as mãos nos meus bolsos, levando as cinco ou seis moedas, apenas uns centavos, que eu guardava comigo".

A família teve que começar tudo do zero, apesar de serem ainda bem jovens. E o pior é que Gemma não podia ajudá-los, pois sua saúde estava muito ruim. Teve meningite que a deixou surda por algum tempo e desenvolveu uma curvatura da espinha que lhe causava muitas dores. Somando-se a isso a perda do pai e a miséria em que caíram, Gemma sofria muito.

A família se dividiu, um de seus irmãos veio morar no Brasil, onde morreu e Gemma foi morar com seus tios em Camaiore, uma cidade próxima a Lucca. Sua intenção era entrar no convento das irmãs passionistas e se consagrar a Jesus por completo. Mas devido às suas doenças, ela não podia nem sair de casa. Para piorar a situação, grandes abscessos se formaram em sua cabeça e ela perdeu os cabelos. O médico da família não conseguia fazê-la melhorar. Nenhum remédio adiantava. Ela só piorava. Pouco tempo depois, ela ficou paralítica. Tinha apenas 20 anos e parecia que ia morrer.

Casa em que a Santa nasceu. A porta da direita dá entrada à casa da família e a porta da esquerda para a farmácia de seu pai.

Apesar das doenças e de suas dores atrozes, Gemma não descuidava de sua vida de oração. Ela lia vidas de santos e rezava muito. A vida que mais a impressionou foi a de São Gabriel da Virgem Dolorosa, um santo passionista. Ela mesma escreveu sobre isto: "Comecei a admirar suas virtudes e seus hábitos. Minha devoção por ele crescia. À noite, eu não dormia sem ter sua imagem debaixo do travesseiro e, depois disso, passei a vê-lo perto de mim. Não sei como explicar isso, mas eu sentia a sua presença. A cada momento e em cada ação, o irmão Gabriel vinha à minha mente".

No dia 23 de fevereiro de 1899, à noite, ela ouviu o ruído de um rosário, olhou para o lado de onde vinha o ruído e viu São Gabriel. Ele lhe disse: "Vê como o teu sacrifício foi agradável: eu mesmo vim ver-te. Você quer ficar curada? Reze com fé toda noite a novena ao Sagrado Coração de Jesus. Eu virei até a novena terminar e rezarei com você a este sacratíssimo Coração".

Conforme os dias da novena iam passando, Gemma ia melhorando inexplicavelmente. No nono dia, ela estava completamente curada. A família estava em volta de seu leito para rezar a última parte da novena. Ao terminar, Gemma levantou-se. Todos choravam de alegria pelo grande milagre.

São Gabriel da Virgem Dolorosa foi um jovem que recebeu o chamado para uma vida religiosa desde cedo, porém os prazeres do mundo o prendiam na sua vida antiga. O jovem ficou duas vezes gravemente enfermo. Prometeu entrar num convento, caso ficasse curado. A cura aconteceu, mas ele voltava atrás. Foi durante uma procissão de Nossa Senhora da Glória, que sentiu na alma as palavras: "O mundo não é para ti; Deus te quer no convento". Após isso, abandonou tudo e se entregou à Deus.

Também o Anjo da Guarda de Gemma lhe visitava constantemente, lhe incentivando em suas virtudes. Era o Anjo quem se encarregava de levar suas correspondências para o Céu ou para o seu diretor espiritual. Gemma escrevia suas cartas e as depositava no "pequeno relicário manjedoura", e o Anjo da Guarda recolhia essas correspondências e entregava aos seus destinatários.

Pouco tempo depois, no dia 8 de junho de 1899, gozando de saúde perfeita, Gemma recebeu uma graça especial ao receber a comunhão. Uma voz interior lhe dizia que algo muito especial iria lhe acontecer. Ao voltar para casa, entrou em seu quarto e foi rezar. Logo entrou em êxtase e viu Nossa Senhora que lhe aparecia. Ela lhe disse: "Meu filho Jesus te ama sem medida e deseja te dar uma graça. Eu serei uma mãe para ti. Serás uma verdadeira filha?" Nossa Senhora então abriu seu manto e cobriu Gemma com ele. Naquele momento, Jesus apareceu com todas as suas chagas abertas, mas daquelas chagas não saía sangue, mas chamas de fogo. "Num instante, aquelas chamas vieram tocar minhas mãos, meus pés e meu coração. Senti como se estivesse morrendo e eu teria caído no chão, se minha Mãe não tivesse me segurado, enquanto por todo esse tempo, eu permaneci sob o seu manto. Fiquei várias horas naquela posição. Finalmente ela beijou minha testa, tudo desapareceu e eu me vi de joelhos. Mas eu sentia uma dor forte nas mãos, pés e coração. Levantei para ir para minha cama, quando percebi que saía sangue dessas partes onde eu sentia dor. Cobri as feridas o melhor que pude, ajudada por meu Anjo e então pude ir para a cama..."

Muitas pessoas, inclusive eminentes membros do clero testemunharam este milagre dos estigmas de Cristo no corpo de santa Gemma, que se repetia todas as semanas, das tardes de quinta-feira até por volta das 15 horas da sexta-feira. Depois disto, as feridas sempre se fechavam, dando lugar a cicatrizes.

As chagas eram nos pulsos, pés, na cabeça as feridas da coroa de espinhos, além da flagelação nas costas e uma grande ferida no ombro, que correspondia à ferida de Jesus ao levar a Cruz. Neste tempo, por mais que tentasse esconder as chagas, as pessoas descobriram e Gemma virou motivo de insultos, sendo chamada de farsante e histérica, foi um período muito duro, pois até seu confessor, Monsenhor Volpi, duvidou dos estigmas.

Ao completar 21 anos, os irmãos não podiam mais sustentá-la, pois continuavam na miséria. Foi conseguido que Gemma fosse morar com uma generosa família de farmacêuticos da região, os Giannini. Ela iria ajudar a Senhora Giustina Giannini nas tarefas da casa. Apesar da casa ser grande, Gemma dava conta das tarefas com rapidez e todo tempo livre de que dispunha era usado na oração. Ela ia à Missa todo dia e comungava. A Senhora Giannini testemunhou mais tarde sobre Gemma: "Posso jurar que durante os três anos e oito meses que Gemma esteve conosco, eu nunca soube do menor problema em nossa família que fosse provocado por ela, e nunca vi nela o menor defeito. Repito, nem o menor problema, nem o menor defeito".

Santa Gemma Galgani

Foi nessa época que passou a ter um diretor espiritual, o padre Germano, da congregação dos padres passionistas. Ele logo percebeu que a jovem tinha uma profunda vida de oração e uma grande união com Deus. Ele a considerava uma "jóia de Cristo", que já estava bastante avançada em sua vida interior. Foi ele quem pediu que Gemma pusesse por escrito tudo que fosse acontecendo durante as aparições. Foram cerca de 150 durante sua vida.

Padre Germano testemunhou algumas vezes Gemma em êxtase, debatendo com Jesus e Nossa Senhora, para que a Mãe de Deus detivesse o braço de seu Filho sobre algum pecador. Logo em seguida após estes êxtases, alguém vinha, cheio de arrependimento, procurar o padre Germano para lhe confessar. Ele também foi o biógrafo de Santa Gemma e pela biografia recebeu uma carta de louvor do Papa Pio X.

O sofrimento de Gemma com os estigmas era sempre consolado por seu Anjo da Guarda. Eles conversavam e rezavam juntos como se fossem amigos íntimos. Uma vez ele lhe disse: "Olha para o que Jesus sofreu pelos homens. Considera uma por uma estas chagas. Foi o amor que abriu todas elas. Veja como o pecado é horrível, já que para expiá-lo, tanta dor e tanto amor foram necessários".

Além dos estigmas serem motivo de piadas na cidade e ser desacreditada por seu confessor, Gemma também enfrentou duramente o ódio do demônio, que lhe aparecia na forma de um cão feroz que lhe mordia ou então de outra criatura bizarra. Sempre depois destes ataques, Jesus Cristo aparecia e lhe curava todas as feridas. Como foi pedido pelo padre Germano, Gemma escreveu um diário sobre sua vida. Mas o demônio apareceu e levou o diário para o inferno, devolvendo-o apenas depois de o padre Germano fazer um exorcismo diante do túmulo de São Gabriel da Virgem Dolorosa. O documento, todo chamuscado pelo fogo, ainda pode ser visto na residência dos Giannini, onde está exposto.

Em 1902, santa Gemma, que gozava de boa saúde desde sua cura milagrosa, decidiu se oferecer como vítima expiatória pela salvação das almas. A sua oferta foi aceita por Jesus. Logo depois ela ficou gravemente doente. Não se alimentava, não conseguia sair de seu leito. Os médicos não descobriam o que ela tinha. Mas assim como veio de repente, também de repente a doença desapareceu. Ela ficou boa e retornou à sua vida normal.

No dia 21 de setembro de 1902 ela começou a tossir forte e a expelir sangue. Ao mesmo tempo, ela foi acometida por uma total aridez espiritual. Não recebia mais nenhum consolo e graças sensíveis em sua vida de oração. A tentação que vinha era de que ela tinha sido totalmente abandonada por Jesus. Ela chegou ter batalhas espirituais com o demônio, que a tentava a se desesperar. Durante essas batalhas espirituais, ela chamava sem parar os nomes de Jesus e de Maria.

Sobre esse período terrível de sofrimento e tentações, seu diretor espiritual, o padre Germano declarou: "A pobre sofredora passou dias, semanas e meses desse modo, dando-nos um exemplo de paciência heróica e razões para um medo saudável pelo que pode acontecer conosco, que não temos os méritos de Gemma, na terrível hora da morte".

Foto da autobiografia de Gemma que foi queimada pelo demônio. "O demônio estava enfurecido com o livro e usou de todos os artifícios para destruí-lo", padre Germano.

Apesar de todo este sofrimento que parecia não ter mais fim, ela nunca se queixou de nada. Sua fé era inabalável, mesmo passando pela aridez espiritual e sensação de abandono. Ela ficava em estado permanente de oração. Enquanto isso, sua doença progredia, ela estava esquelética, mas apesar disso, continuava muito bonita, como sempre foi, irradiando pureza de alma e de corpo. Como ela piorava, o padre Germano lhe deu o sacramento dos enfermos.

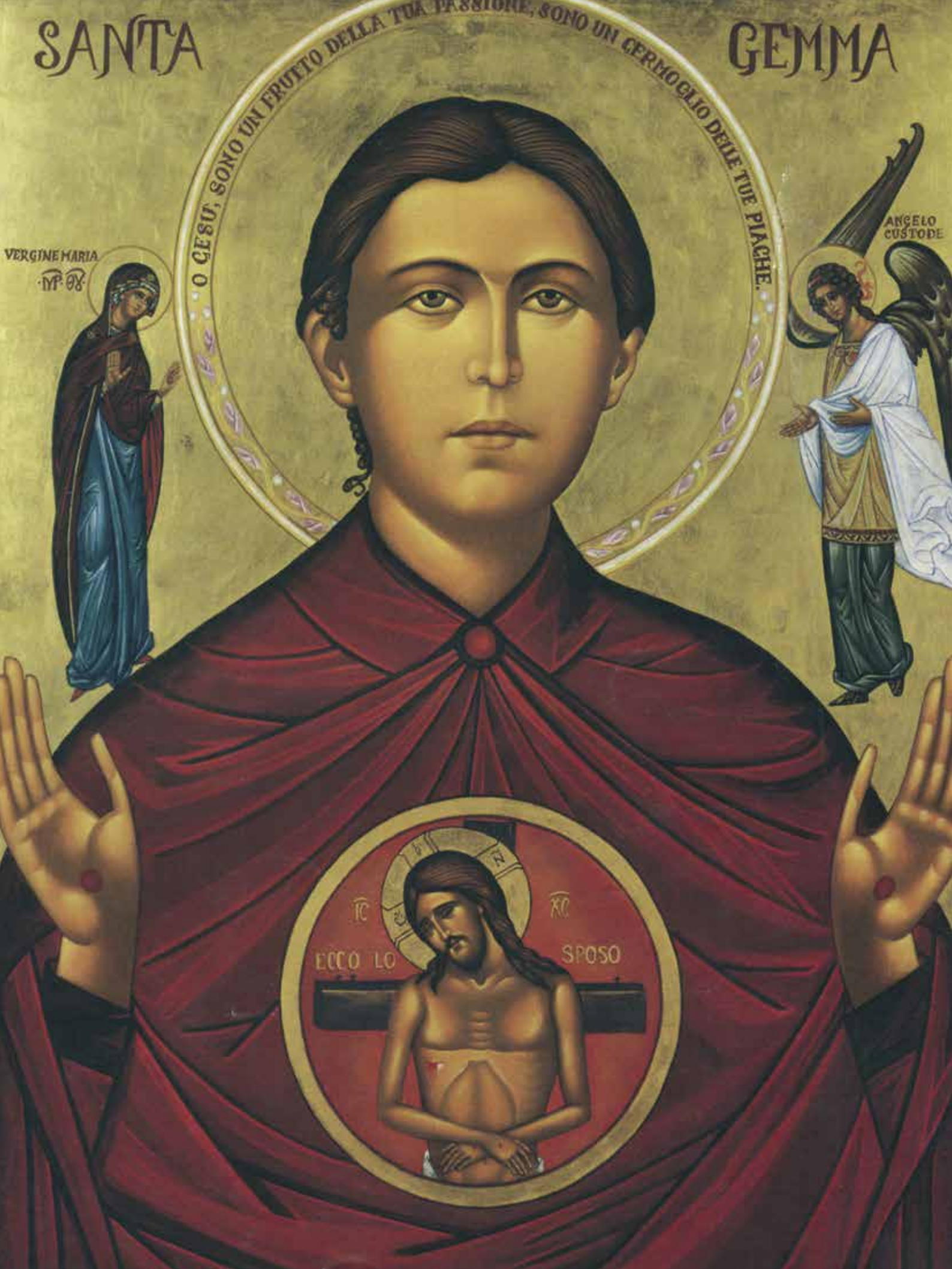
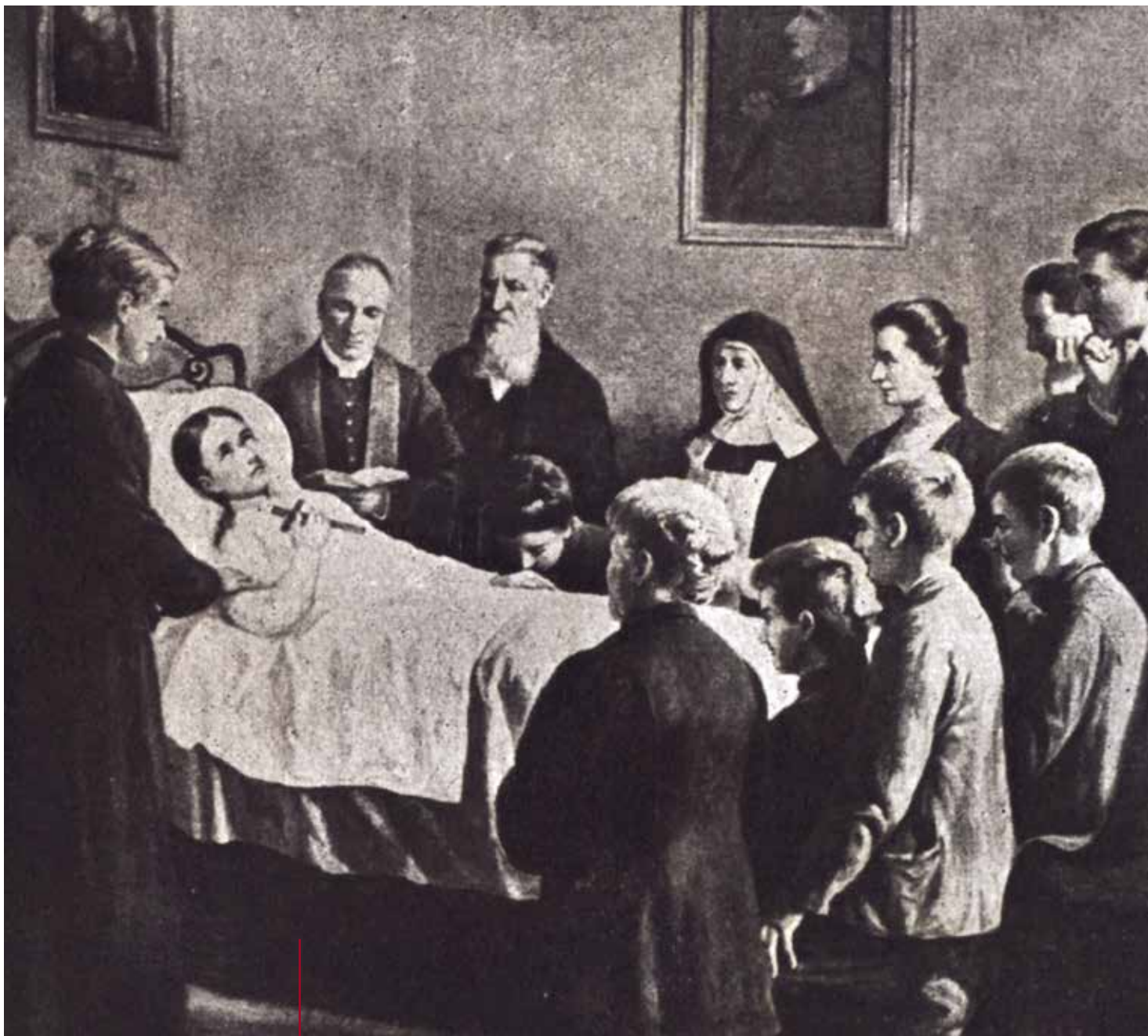
No dia 11 de abril de 1903, todos perceberam que o fim estava próximo e rodeavam seu leito de morte. Ela, com o crucifixo em mãos, em certo momento disse: "Agora é mesmo verdade que não me resta mesmo mais nada, Jesus. Eu recomendo a minha pobre alma a Ti, Jesus". Depois, olhando para uma imagem da Virgem Santíssima disse-lhe: "Minha Mãe, encomendai a minha pobre alma a Jesus. Dizei a Ele que tenha misericórdia de mim". Estas foram suas últimas palavras. Abrindo um largo sorriso, sua cabeça pendeu para o lado e ela exalou seu último suspiro.

Reinava tanta paz, ela morreu tão tranqüila, que as pessoas pensavam que ela tivesse apenas adormecido. Mas verificou-se que seu coração deixara de bater. Era o sábado santo. Ela faleceu ainda bem jovem, pois tinha apenas 25 anos. Um grande desejo que Gemma acalentou durante toda sua vida adulta foi o de se consagrar a Deus na congregação das irmãs passionistas. Devido às suas doenças, não pode fazê-lo em vida, por mais de vinte vezes foi recusada. Mas seu desejo foi realizado no dia de sua morte. As irmãs passionistas de Lucca a receberam oficialmente na Congregação e ela foi enterrada com o hábito de freira passionista.

No dia 24 de abril do mesmo ano, uma comissão médica faz a autópsia do corpo da santa. Grande comoção entre os médicos e enfermeiras: seu coração estava como que vivo, cheio de sangue e flexível. Ele foi colocado numa urna de cristal, onde se encontra intacto até hoje. Suas relíquias se encontram na capela do convento das irmãs passionistas de Lucca.

Durante sua vida, santa Gemma foi praticamente desconhecida, levando uma vida privada simples e discreta. Depois de sua morte, o padre Germano e outras pessoas recolheram as magníficas cartas que ela escreveu ao longo de sua curta existência. Foi aí que se começou a ver que grande santa mística ela havia sido. Em suas cartas, se pode perceber numa linguagem simples, a sua experiência única com Jesus. E se percebe também que em toda a sua simplicidade, ela foi uma teóloga ardente do amor de Deus.

Em Santa Gemma, o amor de Deus não foi somente uma emoção, mas sim um amor por Cristo através de sua Palavra. Como sua discípula, ela se colocou no lugar d'Ele e passou a sentir como Ele: "diversas vezes pedi a Jesus para me ensinar o verdadeiro modo de amá-Lo e então Jesus me fez ver as suas santíssimas chagas abertas". Ela desejou ardentemente participar da Paixão de Jesus, sentir as dores que Ele sentiu. Ela criou desse modo um pacto de amor com Cristo, de tal modo que Ele pudesse oferecê-la ao Pai como vítima expiatória de amor por todos os pecadores. Esta foi a missão de Santa Gemma, salvar os pecadores, não através de palavras ou ensinamentos, mas com a sua própria vida.

SANTA
GEMMA
O GESÙ, SONO UN FRUTTO DELLA TUA PASSIONE, SONO UN GERMOGLIO DELLE TUE PIAGHE.
VERGINE MARIA
ΜΡ ΘΥ
ANGELO CUSTODE
IC XC
ECCO LO SPOSO

Santa Gemma morreu já com fama de santa. Mas a Igreja é muito prudente nestas coisas e só em 1917 foi aberto o processo de beatificação e sua vida começou a ser estudada em seus mínimos detalhes. Todos os que a conheceram deram depoimentos sob juramento e todos testemunharam a prática das virtudes em grau heróico. Vários milagres oficialmente comprovados por juntas médicas confirmaram sua santidade. Assim sendo, ela foi beatificada em 1933 pelo Papa Pio XI. Houve porém, oposição em certos círculos ditos progressistas contra sua beatificação e posterior canonização. Estas pessoas alegavam que as inúmeras visões e aparições que ela teve ao longo da vida poderiam ter sido causadas por suas doenças, havendo dúvida sobre se seriam realmente fatos sobrenaturais. O Papa Pio XI resolveu a questão com muita sabedoria: ele disse que a iria beatificar, não por causa de suas visões, mas sim por causa da vida santa e exemplar que levou. No dia 2 de março de 1940 ela foi solenemente canonizada na Basílica de São Pedro em Roma por Pio XII, apenas trinta e sete anos após sua morte. O Papa a declarou padroeira dos farmacêuticos e de todos que trabalham em farmácias. Ela também foi apontada como modelo para a juventude.

No momento de sua morte, com o crucifixo em mãos, Santa Gemma disse: "Agora é mesmo verdade que não me resta mesmo mais nada, Jesus. Eu recomendo a minha pobre alma a Ti, Jesus". Depois, olhando para uma imagem da Virgem Santíssima disse-lhe: "Minha Mãe, encomendai a minha pobre alma a Jesus. Dizei a Ele que tenha misericórdia de mim". Estas foram suas últimas palavras. Abrindo um largo sorriso, sua cabeça pendeu para o lado e ela exalou seu último suspiro.

No interior da Basílica de São Pedro, o Santo Padre Pio XII, no trono pontifício, pronuncia a fórmula da canonização de Santa Gemma Galgani. Trecho das bancadas dos Cardeais, Patriarcas, Arcebispos, Bispos e responsáveis pelo cortejo papal.

Festa Litúrgica em 11 de abril

N. SRA DE GUADALUPE

N. SRA DE GUADALUPE

A MÃE DA AMÉRICA
1531

"Não estou eu aqui que sou tua mãe?"

México, ano de 1531, os missionários espanhóis tentavam em vão apresentar o Evangelho de Jesus Cristo aos índios astecas. A dificuldade era grande, aquela população já habitava o México há milhares de anos. Seus deuses eram o sol, a lua, as estrelas, além do deus pagão, que era a serpente. Por esses deuses eles ofereciam sacrifícios humanos.

Os missionários apenas conseguiam converter alguns poucos índios. Um destes índios se chamava Cuauhtitlantoadzin e havia sido batizado com 50 anos de idade, quando recebeu o nome de Juan Diego. Juan mudou profundamente sua vida após conhecer o catolicismo. Junto com sua esposa, que recebeu o nome de Maria Lúcia, e o seu tio, Juan Bernardino, eram cristãos fervorosos que caminhavam até 24 quilômetros por dia para participar da Missa no povoado de Tlatelolco, e dos encontros de catequese promovidos pelos franciscanos.

Após a morte de sua esposa, Juan passou a morar com seu tio, e no dia 9 de dezembro daquele ano, quando ele se dirigia à Celebração Eucarística passando pelo monte Tepeyac, ouviu o som de pássaros e uma voz suave, lhe chamando:

— *Juanito, o mais pequeno dos meus filhos, onde vais?*

Juan Diego não tinha dúvidas. Aquela jovem que aparentava ter 15 anos, vestida como os deuses que sua antiga crença pregava: seu manto era de estrelas, o sol estava atrás de seu corpo, a lua estava sob seus pés, era a Mãe de Deus. Ela sozinha era maior que todos os seus antigos deuses. Ele então respondeu:

— *Senhora, minha pequena, vou à tua casa, na cidade, para participar das coisas divinas e aprender os ensinamentos que nos dão os nossos sacerdotes, delegados de Nosso Senhor.*

Segundo o Nican Mopohua, escrito pelo sábio índio Antonio Valeriano, responsável por transcrever os textos sobre as aparições, o diálogo continuou com as seguintes palavras da Santíssima Mãe de Deus:

Nossa Senhora
de Guadalupe

— *Quero que tu, o mais pequeno dos meus filhos, saiba que eu sou a sempre Virgem Maria, Mãe do verdadeiro Deus, Aquele que é o criador de todas as coisas, que dá a vida e é Senhor do Céu e da Terra. Eu sou também a vossa Mãe, cheia de misericórdia, e por isso desejo vivamente que aqui me seja construído um templo, para que nele possa mostrar o meu amor, a minha compaixão, dar-te ajuda e defesa a ti, aos habitantes deste lugar, a todos os meus devotos que me invocam e têm confiança em mim. Neste lugar, quero ouvir os seus lamentos, vir ao encontro de todas as suas misérias, sofrimentos e dores. Agora, para realizar quanto deseja a minha benignidade, deves ir à casa do prelado do México para lhe dizer que sou Eu que te envio. Manifestar-lhe-ás o meu desejo de ter aqui um templo na esplanada. Presta atenção para lhe dizer tudo quanto viste e ouviste. Prometo-te a minha proteção, te farei feliz e te darei uma grande recompensa por este dever difícil que te confio. Agora que conheces a minha vontade, meu filho tão pequenino, vai e põe nisto todo o teu esforço.*

Inclinando-se, Juan Diego lhe responde:

— *Minha Senhora, vou fazer já o que me mandas. Eu sou o teu humilde servo. Vou-me embora.*

Juan Diego foi direto para a cidade e para a casa do bispo, Juan de Zumárraga, franciscano. Ao chegar, Juan Diego se apresentou e rogou a um dos empregados do bispo que fosse dizer a Dom Zumárraga que precisava falar com ele. Passou bastante tempo, até que o levaram à presença do bispo. Logo que entrou, relatou o que tinha visto e o que a Senhora do Céu havia pedido. O bispo ouviu toda a explicação e o recado que lhe trazia, mas parecia não lhe dar crédito. E lhe respondeu: "Meu filho, você vai voltar numa outra ocasião em que eu tenha tempo para ouvir tudo isso com calma. Eu então ouvirei toda essa história desde o início e depois pensarei no desejo que trouxe você até mim".

Dom Zumárraga precisava ainda de um intérprete para falar com os índios, isto então dificultava bastante o entendimento. Juan Diego saiu de lá muito triste, sentiu que talvez o bispo não acreditasse nele, afinal de contas, ele era da casta tlamenes, a mais desprezada entre os astecas, cuja inferioridade apenas não era maior que a dos escravos. Então, no dia 10 de dezembro, ele volta ao local da visão, e quando chega no monte, lá já está a Senhora a sua espera:

— *Senhora, minha pequena, a mais pequena das minhas filhas, fui cumprir as tuas ordens e cheguei, com algumas dificuldades, a falar com o homem indicado, expondo-lhe a tua vontade como me tinhas ordenado. Não o posso negar: fui recebido dignamente e ouvido com atenção, mas pelas palavras de resposta, tive a impressão de não ter sido acreditado. Ele recomendou-me que voltasse, para indagar sobre as intenções da minha visita. Compreendi, porém, claramente que ele considera a proposta da construção de uma Igreja mais como uma invenção minha do que uma ordem tua. E agora eu peço-te, minha Senhora e minha pequena, para que ele nos acredite, que Tu dês esta missão à outra pessoa, a alguém que seja uma personalidade conhecida, respeitada e bem vista. Eu sou um pobre homem, um ser que nada vale, alguém insignificante, uma simples folha. E Tu, Senhora, minha pequena, mandas-me a um lugar aonde eu não tenho o costume de ir e muito menos de permanecer. Senhora, minha patroa, assim, sou um peso e nada poderei fazer.*

Sorrindo com seu jeito amável, a Senhora responde:

— *Escuta meu filho, o mais pequeno de todos, e sabe que muitos são os meus devotos e servidores, a quem eu poderia confiar o encargo de levar a minha mensagem para realizar o desígnio que tenho em mente. Mas a minha escolha já foi feita. Eu quero que sejas tu mesmo a colaborar comigo, para atingir a minha finalidade. Então, meu filho, o mais pequeno de todos, eu recomendo-te e até te ordeno categoricamente que tu, já amanhã, voltes a ver o bispo. Fala-lhe em meu nome e diz-lhe com franqueza que é minha vontade que o templo se construa. Repete-lhe, ainda, que sou Eu mesma a mandar-te, a sempre Virgem Maria, Mãe de Deus.*

Juan Diego voltou ao encontro do bispo, que o ouviu com atenção e pediu uma descrição melhor da imagem da Senhora. O bispo chegou a imaginar que talvez o índio, muito devoto, pudesse ter criado uma fantasia em sua mente, misturando o que ele aprendeu na catequese com elementos das suas antigas crenças. Juan Diego, com coragem e determinação perguntou ao bispo:

— *Senhor, qual é o sinal que queres, eu corro já a pedi-lo à Senhora do Céu que me enviou aqui.*

Assim que Juan Diego saiu, Dom Zumárraga pediu que seus criados o seguissem, para saber com quem Juan Diego estava se encontrando e se de fato, estava se encontrando com alguém. Os criados foram atrás do índio, mas a certa altura, ele simplesmente desapareceu. Estava chegando o momento de se revelar os sinais.

Quando Juan Diego chegou à casa de seu tio, o encontrou gravemente enfermo, com o que eles chamavam de "cocolotzi", uma terrível peste daquele tempo, conhecida hoje como varíola. Ele já estava em estágio avançado, com o corpo todo banhado de sangue. Juan Diego buscou um médico para ficar junto do seu tio.

Como não havia cura para a doença, então o tio Juan Bernardino pediu ao seu sobrinho que fosse chamar um padre, para que ele pudesse se confessar e receber a estrema unção. E Juan Diego assim o fez.

Era o dia 12 de dezembro de 1531. Para chegar até o padre, ele teria que passar pelo monte Tepeyac, onde a Virgem Maria aparecia a ele. Preocupado com o seu tio, Juan fez um caminho desviando do monte, pois pensou que se acaso encontrasse a Senhora, ele se atrasaria para encontrar o sacerdote e assim ministrar os últimos sacramentos ao seu tio.

Enquanto ele passava pelo monte, até envergonhado por estar fugindo da Senhora, Ela apareceu e foi ao seu encontro, iniciando o seguinte diálogo:

— *O que é, meu filho tão pequeno, onde vais?*

— *Senhora, minha filha, a mais pequena das minhas filhas, vejo que te levantaste muito cedo e desejo que estejas bem. Como desejaria que estivesses contente! Mas devo dar-te uma má notícia: o meu tio, teu servo, está muito mal, ferido pela peste e já em agonia. Devo ir a toda a pressa à casa da tua cidade, para chamar um dos sacerdotes amados pelo nosso Senhor, para que vá consolá-lo e ajudá-lo a morrer bem. Cada um de nós, desde que nasce, é destinado à morte. Agora, minha Senhora e minha pequena, devo ir primeiro cumprir esta obrigação. Depois, voltarei aqui para receber a tua mensagem. Perdoa-me, tem paciência comigo! Eu não te engano, minha Filha pequenina. Logo que for possível, voltarei, amanhã.*

“Não estou aqui Eu que sou a tua Mãe?”

Nossa Senhora
e o índio Juan Diego

Juan Diego fica de joelhos. A Senhora fixa intensamente o olhar nele e, com as mãos juntas diz:

— *Escuta, meu filho, o mais pequenino dos meus filhos, e procura compreender bem. O teu coração está perturbado, mas não te aflijas por uma coisa de nada. Nenhum gênero destes males deve ser para ti um motivo de preocupação. Não estou aqui Eu que sou a tua Mãe? Estás sob a sombra da minha proteção. Eu sou a tua salvação. Tu estás no meu coração. De que tens, ainda, necessidade? Não sofras mais por isto. Quanto ao teu tio, sabe uma coisa: ele não morrerá desta doença. Tenha certeza de que ele já está curado.*

O mensageiro de Maria então se acalmou e ficou muito feliz, novamente podia sentir a paz em seu coração. Tinha a absoluta certeza de que seu tio estava curado e ficou à completa disposição da Senhora. A Mãe de Deus então lhe pediu que fosse até a montanha:

— *No cume da colina, encontrarás a surpresa de flores desabrochadas. Só tens de as colher e de trazê-las aqui. Vai, espero por ti!*

O índio foi correndo para o cume do monte, estava tão feliz que nem sentiu suas pernas cansarem, mas o Tepeyac não era um monte em que haviam flores, ainda mais no mês de dezembro, em que o gelo estragava tudo, nem erva daninha resistia lá. Mas quando ele chegou, encontrou um espetáculo de rosas desabrochadas e perfumadas. Eram as conhecidas rosas de Castela, muita raras, ainda mais naquela época do ano. Ele as recolheu em seu manto, conhecido também como poncho ou tilma, e desceu o monte para se encontrar com a Senhora do Céu, que lhe disse:

— *Filho meu, o menor de todos, estas flores são a prova e o sinal que você vai levar ao bispo. Diga-lhe em meu nome que ele veja nelas a minha vontade e que ele a cumpra. Você é o meu embaixador, muito digno e de confiança. Eu ordeno rigorosamente que você só abra sua manta diante do bispo para mostrar o que você está levando. Conte tudo a ele... para que ele erga aqui o templo que eu pedi.*

Depois disso, Juan Diego caminhou em direção à cidade, muito contente e com muita segurança que dessa vez tudo iria sair bem. Segurava com muito cuidado o seu poncho, para que nada caísse. E se deliciava com o perfume das lindas flores que levava.

Chegando à casa do bispo, os criados do prelado não quiseram incomodar Dom Zumárraga e pediram que Juan Diego esperasse do lado de fora, para ver se ele desistiria de mais uma vez incomodar o bispo. Juan Diego esperou e quando os criados sentiram o aroma das rosas, ficaram surpresos e tentavam pegar as rosas do poncho, mas Juan Diego não deixava.

Impressionados, os criados finalmente levaram Juan Diego até o bispo, a quem o índio disse:

— *Senhor, exprimiste o desejo de receber um sinal para poderes acreditar em mim e dares início à construção da Igreja. Levei o pedido à minha Senhora, Santa Maria, Mãe de Deus, que não teve dificuldade em acolhê-lo. Hoje de manhã, mandou-me subir ao topo da colina, onde a tinha visto noutras vezes, com o encargo de colher ramos de flores. Mesmo sabendo que aquilo não era um jardim, mas um lugar cheio de espinhos, fui da mesma forma. E encontrei como que um jardim do Paraíso, muitas flores cintilantes, molhadas pelo orvalho. Ela recomendou-me que voltasse aqui, para as trazer só a ti, como o sinal que pediste, para que te convenças de que vim por sua ordem, e decidas fazer a sua vontade. As flores estão aqui comigo, elas são para o senhor!*

Juan Diego então abre o seu manto e deixa cair as belas e perfumadas rosas, todos ficam espantados quando algo mais surpreendente acontece: no simples manto de Juan Diego aparece impressa a imagem da Virgem Santa, com o seu rosto de mansidão, mãos juntas, com a túnica cor de rosa até aos pés, o manto azul e dois grandes olhos brilhantes que pareciam vivos.

Assim como o bispo, todos se ajoelharam imediatamente tentando acreditar no que seus olhos viam. Dom Zumárraga, desamarrou o manto de Juan Diego e o levou para seu oratório. A partir deste momento, o bispo fez questão que Juan Diego ficasse hospedado no Palácio Episcopal. Também pediu para que logo no amanhecer do dia seguinte, Juan Diego o levasse até o local onde deveria ser construída a Igreja.

Juan Diego estava ainda ansioso para ver seu tio que havia ficado enfermo. Quando chegou em casa outra surpresa: o tio estava completamente curado, os médicos que o acompanhavam estavam sem palavras para descrever a cura. Juan Bernardino, o tio, descreveu que ele também viu a jovem Rainha, que o curou.

Imediatamente iniciaram a construção, o bispo e até mesmo o governador trabalharam como operários nesta obra que, de tempos em tempos, foi sendo reformada. Em 1976 foi inaugurada uma nova basílica muito maior.

Juan Diego abre seu poncho e despeja as rosas na presença do bispo. A imagem de Nossa Senhora aparece então no manto do índio

E iniciaram os milagres referentes ao manto: mais de 8 milhões de índios se converteram assumindo o catolicismo. Havia dias em que eram realizados 15 mil batismos de índios que, por amor à Jovem Rainha, queriam se tornar cristãos. Toda uma nação asteca se tornou católica, fazendo de Maria a maior evangelizadora da América.

Logo nos primeiros dias após a impressão milagrosa da imagem no manto, durante uma procissão, um índio foi ferido por uma flecha no pescoço, que atingiu a jugular e a traquéia. Os médicos nada puderam fazer. O índio morreu e o cadáver foi colocado no andor de Nossa Senhora de Guadalupe. Imediatamente a flecha pulou do pescoço do índio e este recobrou a vida. No local do ferimento ficou apenas uma mancha rosa.

Muitos milagres foram acontecendo por intercessão de Nossa Senhora de Guadalupe, como ficou conhecida. Quando a Mãe de Deus se apresentou a Juan Diego ela usou o nome Santa Maria Tequatlaxopeuh, que na língua asteca quer dizer "aquela que esmaga a serpente". Para os índios isto teve grande significado, pois antes eles ofereciam sacrifícios aos seus deuses pagãos. Já para os colonizadores espanhóis a dificuldade em pronunciar o nome Tequatlaxopeuh era grande. Os índios pronunciavam o nome "coatlalupei", que soa parecido com Guadalupe, que é uma antiga devoção espanhola à Nossa Senhora de Guadalupe, uma imagem de madeira encontrada nas areias de um rio entre os anos 1312 e 1350.

O poncho que Juan Diego vestia no dia 12 de dezembro no ano de 1531, deveria durar apenas 12 anos, pois é feito de um tecido muito frágil, extraído da planta maguey. No entanto, o poncho é o mesmo até os dias atuais e milagrosamente não se decompôs. O poncho mede 1,65m de comprimento por 1,60m de largura e está intacto, apesar de não ter sido bem preservado na época.

Por 120 anos, o tecido ficou sem proteção alguma, milhares de pessoas deixavam velas queimando ao seu lado, beijavam o tecido, tocavam-no com espadas, sofreu inundações e umidade salitrosa. Em 1791, quando alguém limpava a moldura onde o manto estava exposto, deixou cair acidentalmente um vidro de água régia, ou seja: ácido nítrico e clorídrico. O líquido não chegou a atingir a imagem, mas o tecido ficou com uma grande mancha, que misteriosamente foi desaparecendo com o tempo.

Outros retoques também já foram dados à imagem, a lua que era branca, foi coberta de prata, outras partes da imagem foram cobertas por ouro. Mas, tanto a prata quanto o ouro escureceram e estão caindo com o tempo, dando lugar às lindas cores originais da imagem.

Em 1921, Luciano Pérez, uma anarquista espanhol, se disse convertido e colocou um arranjo de flores sobre o altar, próximo à imagem. Na verdade, as flores escondiam uma carga de dinamite, que ocasionou numa violenta explosão. O altar de mármore foi destruído, um grande crucifixo de bronze se entortou, todos os castiçais da Basílica foram destruídos, assim como todas as janelas da Igreja e dos prédios vizinhos. O manto, no entanto, ficou intacto, como se nada tivesse acontecido.

Tantos milagres e tantos mistérios envolvendo o tecido começaram a chamar a atenção da avançada ciência do século XX. Em 1949, o doutor Richard Kuhn, prêmio Nobel de química, estudou exaustivamente duas amostras do tecido e chegou à seguinte conclusão: "Nas fibras não existem corantes vegetais, nem corantes animais, nem corantes minerais". Concluiu-se então que a imagem não era, de forma alguma, uma pintura.

Em 1979, os cientistas Jody Brand Smith e Phillip Serna Calaha, ambos membros da equipe científica da NASA, também fizeram, durante dois anos um meticuloso estudo da imagem. Usaram a fotografia em infravermelho, método que permite encontrar os esboços das pinturas e as marcas dos pincéis. É uma técnica muito utilizada para averiguar a autenticidade de pinturas antigas.

Os norte-americanos não encontraram nenhum sinal de pintura. Nem mesmo verniz foi empregado para conservar a imagem. Nenhum esboço foi encontrado, nenhuma técnica de pintura conhecida foi utilizada. Com o infravermelho é possível acompanhar cada fio de cabelo da imagem, até mesmo das sobrancelhas. A conclusão foi: "Apesar da ausência de qualquer recobrimento protetor, a túnica e o manto são brilhantes e coloridos como se acabassem de ter sido pintados! (...) O retrato original conserva-se como no dia em que foi feito (...) Pode-se notar que depois de mais de quatrocentos e cinquenta anos, não existe descoloração nem rachadura da figura original em parte alguma do poncho que, por não conter emplastro, deveria ter se deteriorado já há centenas de anos".

Fazendo ainda uma análise microscópica do manto, perceberam que a imagem está separada do tecido três décimos de milímetro, ou seja, a imagem está flutuando, não está impressa.

No quarto século de existência da imagem, o fotógrafo oficial da basílica, Alfonso Marcué, revendo alguns negativos fotográficos, encontrou uma figura humana nos olhos da imagem de Nossa Senhora de Guadalupe. Era o ano de 1929 e a Igreja mexicana estava sofrendo perseguição, portanto, achou melhor não divulgar a notícia da figura humana no olha de Maria.

Mas em 1951, o fotógrafo e pintor mexicano, José Salinas Chaves, ao examinar detalhadamente os olhos da Virgem com lentes, redescobriu o que parecia ser um rosto humano minúsculo nas pupilas dos dois olhos d'Ela. Vinte ilustres oftalmologistas examinaram os olhos da Virgem usando aparelhos especializados.

Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, México

Eles emitiram um relatório certificando que a figura presente na pupila da Virgem, era o efeito de triplo de "Purkinje-Samson", característico de todo olho humano normal e vivo. Trata-se dos três reflexos vistos por uma pessoa: um reflexo na superfície da córnea; outro, em um plano mais profundo, na superfície anterior do cristalino; e o terceiro, que se apresenta invertido, na superfície posterior do cristalino. Afirmaram que a imagem resultante se situa exatamente onde elas deveriam estar num olho humano e afirmam também que a distorção das imagens ocorre precisamente como num olhar normal, acompanhando a curvatura da córnea. Consideraram este fato um mistério inexplicável. Um dos oftalmologistas que examinaram o olho da imagem comentou depois que pareciam olhos vivos.

Tantas descobertas foram cada vez mais chamando a atenção de especialistas, entre eles o Dr. José Aste Tonsmann, que trabalhava no Centro Científico da IBM, no processamento de imagens transmitidas por satélites artificiais através de computadores. O processo digital utilizado na imagem tratava-se da construção de uma fotografia pelos computadores à base de dígitos ou números. E sabendo que os oftalmologistas enxergavam o busto de um homem com barba na imagem, Dr. Tonsmann afirmou: "Se este busto está aí, eu poderei ampliá-lo melhor do que ninguém, com os computadores".

Utilizando potentes computadores, Dr. Tonsmann aumentou os olhos da Virgem 2.500 vezes utilizando técnicas avançadas para não perder a nitidez. Então, apareceram, como que impressos, ou fotografados, exatamente como acontece num olho humano, aquilo que está na frente do olho umedecido. Ele reflete discretamente aquilo que vê. E o que havia nos olhos de Nossa Senhora? Em primeiro plano há um índio, que bate com as descrições de Juan Diego. Ao lado há um frade franciscano e um homem jovem de barba em atitude de admiração, é sabido que Dom Zumárraga era franciscano e que precisava de um intérprete para conversar com os índios, estava solucionada a figura que tanto chamou a atenção dos oftalmologistas. E atrás de todos se distingue o que parece ser uma família de índios ajoelhados em atitude de oração, com algumas crianças. Ou seja, estas pessoas são exatamente as que um documento da época descreve como sendo as que estavam presentes na casa do bispo quando se deu o milagre. O cientista declarou ser impossível mãos humanas fazer uma pintura tão minúscula como esta, que não se pode ver a olho nu e nem com lentes comuns. Basta dizer que as menores figuras encontradas medem 1/4 de um milionésimo de milímetro.

Um dos aspectos mais humanos da figura é que incrivelmente o manto tem, nas partes onde estão localizados o rosto e as mãos da Virgem, uma temperatura constante de 36,6 graus Celsius, ou seja, a temperatura de um ser humano vivo.

Nossa Senhora de Guadalupe é um milagre vivo, e foi proclamada em 1910, pelo Papa São Pio X, a padroeira das Américas. Em 1945, a pedido do episcopado e do povo mexicano, Ela foi proclamada rainha do México e o documento oficial afirma - depois de estudos científicos - que ela "foi pintada por pincéis que não são deste mundo". O Papa João Paulo II a visitou cinco vezes. Na última visita, em 2002, canonizou o índio Juan Diego. Nossa Senhora de Guadalupe também foi proclamada padroeira e protetora dos não nascidos que se encontram no ventre materno. Ela é muito invocada nos partos difíceis e há inúmeros milagres nesse tipo de caso.

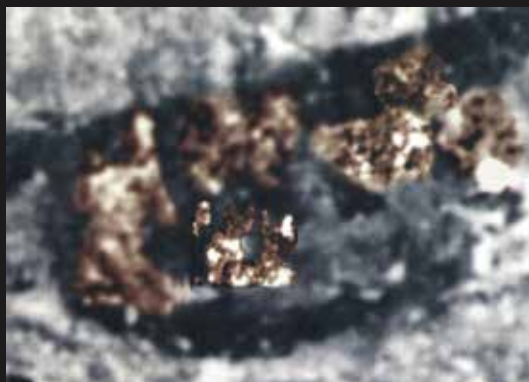
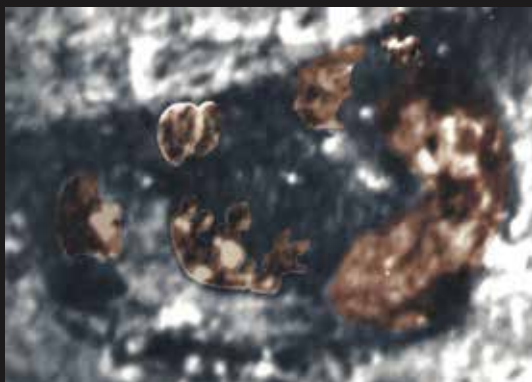



Imagem ampliada da íris de Nossa Senhora de Guadalupe com as figuras descobertas em evidência

Após estudos sobre os olhos de Nossa Senhora, chegou-se aos desenhos abaixo, fundamentados nas grandes ampliações por computadores.

imagem original ampliada

imagem ampliada seletiva

desenho aproximado

Figura de um ancião com um jovem. (supostamente Dom Juan de Zumárraga à esquerda e seu intérprete)

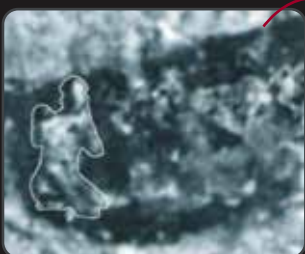
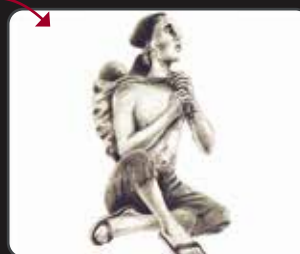



imagem original ampliada

imagem ampliada seletiva

desenho aproximado

Um índio sentado de maneira peculiar e com estilo aparente da época em questão

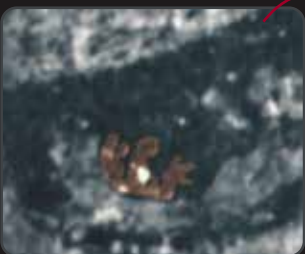



imagem original ampliada

imagem ampliada seletiva

desenho aproximado

Provável família indígena

O poncho de Juan Diego é exposto na Basílica de N. Sra. de Guadalupe, no México. Um dos santuários católicos mais visitados do mundo.

Festa Litúrgica em 12 de dezembro

BAKHITA

BAKHITA

"A CANÇÃO DA LIBERDADE"

☆ 1869 ✝ 1947

"Vendo o sol, a lua e as estrelas, dizia comigo mesma: Quem é o Patrão dessas coisas tão bonitas? E sentia uma vontade imensa de vê-Lo, conhecê-Lo e prestar-Lhe homenagem".

Sudão, coração da África, ano de 1874. Na Aldeia de Olgossa, em Darfur, numa pequena cabana, morava uma família com três filhos saudáveis e fortes, e quatro lindas meninas. Quatro outros filhos haviam falecido. O amor reinava entre eles, até que em uma tarde, uma de suas filhas, uma das gêmeas, a menina de apenas cinco anos, que um dia ficaria mundialmente conhecida como Santa Bakhita, acompanhou sua mãe ao campo.

O dia estava calmo, mas a pequena menina e sua mãe ouviram barulhos de cavalos, gritos e passos. Não havia dúvidas sobre o que esses ruídos significavam: eram os negreiros, mercadores de escravos que estavam invadindo a aldeia e raptando as pessoas. Os saqueadores atacaram a cabana da família de Bakhita, onde suas duas irmãs estavam. A irmã mais velha foi amarrada e seqüestrada. A pequena Bakhita lembraria por toda a sua vida, cada lágrima derramada naquele dia em que sua irmã fora levada. As buscas foram em vão, a família a perdera para sempre.

Dois anos se passaram desde o seqüestro, a família fez o possível para retomar a alegria em seu lar, e numa manhã, Bakhita foi com uma amiga até o bosque para colher ervas. Dois estranhos apareceram e despistaram a amiga. Bakhita em pouco tempo foi capturada e sentiu mãos fortes segurando seus ombros. Sacaram um facão e um fuzil, e a ameaçaram dizendo: "Se gritares, eu te mato. Vamos, segue-nos!". A menina ficou tremendo de medo e apesar das ordens tentou gritar, mas a voz estava presa em sua garganta, assim como sua vida estaria presa por muito tempo.

Foi levada com uma arma apontando para sua cabeça, os pés e tornozelos sangravam devido aos arbustos espinhosos e pedras pontiagudas. Bakhita finalmente conseguiu gritar: Mamãe! Papai! Mas era inútil, já estavam longe demais de sua aldeia. Caminharam durante toda a noite, por fim chegaram a uma cabana. Lá havia ferramentas e a menina temia pelo pior, por isso começou a implorar clemência a seus seqüestradores. Um deles perguntou: "Como vamos chamar esta criança? A chamaremos de Bakhita." O outro ainda disse: "É um nome bonito, que lhe trará sorte." Bakhita em árabe significa afortunada, felizarda, seu raptor não fazia idéia que acabara de profetizar a vida daquela menina. Bakhita ficou nesta cabana por um mês inteiro, na escuridão. Apenas uma vez por dia aparecia alguém para lhe dar uma pequena porção de comida. Lá o chão era sua cama e toda a sua casa, sua única alegria era quando caía exausta e sonhava com seus queridos, sua família, se encontrava com eles e contava seus sofrimentos e como estava feliz em vê-los novamente, mas o sonho logo dava lugar para o pesadelo de sua vida real.

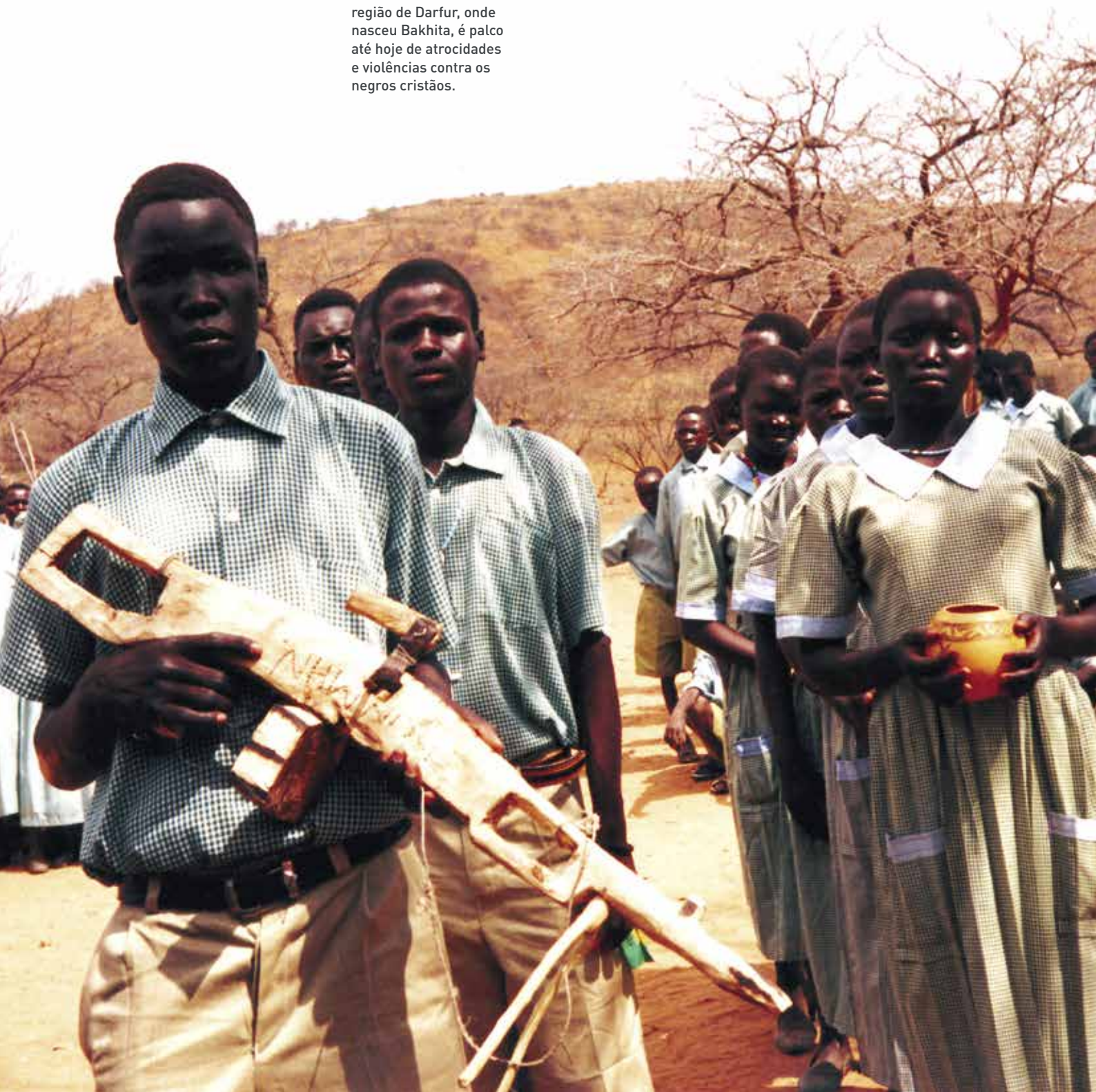
Uma manhã, Bakhita finalmente foi retirada da cabana para ser apresentada a um mercador de escravos, que a comprou imediatamente e a amarrou em uma caravana de seis escravos. Dentre eles havia uma pequena menina que se tornaria sua amiga. Caminharam por oito dias. Os escravos adultos tinham uma corrente em comum amarrada no pescoço e quando um deles caía, todos eles sofriam. À noite, quando se tiravam as correntes do pescoço e se colocavam outras nos pés, Bakhita pôde ver com grande angústia as grandes feridas que ficavam no pescoço dos escravos.

Quando a caravana chegou ao mercado de escravos, ela foi novamente vendida, juntamente com sua amiga, a um outro comprador. Este as acorrentou a uma cabana pequena e estreita. Uma tarde seu "dono" lhe tirou as correntes e ordenou que as duas debulhassem as espigas de milho que estavam no lombo de um burrinho, perto da cabana. Preocupado com os seus afazeres, o dono se afastou. As crianças não tiveram dúvidas, pela primeira vez em meses, estavam sem correntes em suas pernas e então saíram correndo o mais rápido que podiam. Correram por uma noite inteira floresta adentro. De repente, ouviram uns rugidos, não havia dúvida, lá até as crianças sabem reconhecer um leão à distância. Procuraram rápido uma árvore grande e subiram nela o mais rápido que puderam. Logo surgiu o leão que ficou um pouco por ali e foi embora. Pode-se imaginar o terror daquelas crianças sozinhas, perdidas na floresta africana à noite, fugindo de seus raptores. Até que, na manhã seguinte, encontraram uma aldeia e se encheram de esperança. Mas a esperança se desfez quando as meninas foram presas novamente na aldeia, e vendidas a outro negociante de escravos. Desta vez foram levadas para El Obeid, onde escravos trazidos de várias partes do país eram leiloados.

As duas meninas foram compradas por um homem muito elegante, rico e que já possuía muitos escravos. Elas então foram destinadas a serem empregadas das filhas de seu novo "dono". Bakhita e sua amiga eram bem tratadas, nada lhes faltava, mas esta paz não durou muito tempo. Certo dia Bakhita cometeu um erro na presença do filho de seu patrão, ela mesma nunca soube dizer qual foi o erro, provavelmente porque não houve erro algum, e sim crueldade humana, que obrigava crianças escravas a fazerem deveres além de suas capacidades. Seu patrão, zangado, a jogou no chão violentamente, pegou o chicote, a açoitou e deu pontapés furiosamente. A deixou quase morta e depois de um mês - o tempo em que ela levou para se recuperar do açoite - a vendeu novamente.

Desta vez Bakhita foi vendida a um general do exército turco. Em sua casa, o ambiente era impiedoso e a mãe e a esposa do general reinavam sem compaixão. Exerciam seu poder gritando e maltratando os escravos. Se um escravo, por descuido encostasse levemente em suas patroas, era motivo para chicotadas e, segundo os relatos de Bakhita, eram chicotadas para causar feridas. Tanto que em três anos que Bakhita trabalhou lá, ela não passou um dia sequer sem que uma nova ferida lhe fosse aberta.

Nesta casa, houve um dia em que o general discutiu com sua esposa. Para descontar sua raiva, ordenou que Bakhita e mais outra escrava fossem açoitadas por dois soldados. Ela relatou que se lembrava da vara com que batiam sobre sua coxa e arrancavam-lhe a pele e a carne, abrindo uma ferida que deixou sua perna imóvel por vários meses. Ainda sob o domínio do general turco, Bakhita viu muitas escravas morrerem pelos golpes recebidos, mas o pior ainda estava por vir.

A violência contra os negros do Sudão continua até hoje. Os muçulmanos, que habitam o norte, há tempos tentam islamizar à força os negros do sul, que resistem a essa violência. Eles são cristãos e animistas. A região de Darfur, onde nasceu Bakhita, é palco até hoje de atrocidades e violências contra os negros cristãos.

Como sinal de posse, era comum os "proprietários" marcarem os seus escravos com uma navalha, sofrimento do qual Bakhita havia conseguido escapar até o momento. Quando descobriram, ela não teve escapatória: "agora era a minha vez, não tinha força para me movimentar, depois de fazer o desenho habitual com a farinha branca, pegaram uma lâmina e me cortaram seis vezes no peito, sessenta vezes na barriga e quarenta e oito vezes no braço direito. Não posso descrever o que senti, especialmente quando espalharam sal violentamente nas chagas, para fazerem o sinal bárbaro mais distinto ainda".

Bakhita não conseguia se levantar devido a dor e perda de sangue, precisou ser carregada. Seguiram noites sem fim para Bakhita. Ela ardia em febre e sede, esperando por um médico ou ao menos um consolo. Bakhita ainda não tinha ouvido falar de Deus...

Em 1881 Bakhita estava com 12 anos. Nesse período, um fundamentalista islâmico atacou o Sudão planejando conquistá-lo. Quando o general turco soube do ataque, quis vender os seus escravos e voltar para sua pátria. Bakhita foi então levada pelo general turco para Kartum, a capital do Sudão, para ser vendida. Lá, ela ficou numa estalagem onde estava também o cônsul da Itália. Na manhã seguinte sua vida mudaria mais uma vez. O cônsul italiano a comprou e finalmente ela se tornaria o que seu nome de escrava lhe prometia: afortunada, felizarda.

Seu novo patrão era amável e afetuoso com Bakhita e, pela primeira vez desde o seu primeiro seqüestro, Bakhita pôde experimentar a paz em sua vida. Dois anos depois houve uma revolução no Sudão, e o cônsul precisou voltar para a Itália. Bakhita nunca ouvira nem falar na Itália, mas uma força que ela não soube explicar e que só mais tarde entendeu que era o Espírito Santo, lhe deu coragem para implorar ao cônsul que a levasse junto com sua família para a Itália. O pedido foi aceito e, chegando na Itália, o cônsul presenteou Bakhita a uma família amiga, o casal Michieli, que acabara de ganhar também um bebê, a menina Alice, que ficou aos cuidados de Bakhita.

Durante as viagens de negócios da família Michieli, Bakhita e Alice, que era chamada de Mimina, ficavam com as irmãs canossianas em Veneza. Então, o senhor Iluminado Checchini, administrador da família Michieli, assumia a responsabilidade sobre as duas meninas. O senhor Checchini era um homem muito bom, católico exemplar com um coração de ouro. Ele presenteou Bakhita com um crucifixo de prata, mas antes, ele beijou a cruz com grande fervor, gesto que deixou a futura santa muito impressionada. Foi ele quem explicou a Bakhita que Jesus Cristo era o filho de Deus e que morreu por todos.

Bakhita dizia que para ela "a cruz era um segredo, ela me dava uma força misteriosa e um sentimento que eu não entendia. Se eu já tivesse conhecido Jesus durante os meus anos de escravidão, teria sofrido muito menos".

Bakhita começou então a ser preparada para o batismo pelas freiras canossianas. O senhor Michieli precisou voltar para a África com sua família, e sua esposa queria que Bakhita fosse junto, mas Bakhita recusou, pois disse não estar bem instruída para o batismo. A senhora Michieli ficou furiosa com a ex-escrava, acusando-a de ingrata, mas Bakhita ficou firme apesar de seu coração também sofrer, pois gostava da família e era muito grata por tudo o que ela lhe fez. Disse ter a certeza de que era Jesus quem lhe dava forças para permanecer na Itália, pois Ele a queria para si. A família recorreu até mesmo ao Procurador do Rei. Ele mandou dizer que estando ela na Itália, onde não existe escravidão, Bakhita era uma pessoa livre.

No ano de 1890 Bakhita recebeu no mesmo dia o Batismo, a Primeira Eucaristia e a Crisma, recebendo o nome de Josefina Margarida e Afortunada, que segundo ela, foi uma alegria que só os anjos poderiam descrever. Logo após, ela teve o desejo de tornar-se canossiana. Em 1893 ela fez os votos perpétuos, consagrando-se a Deus e dedicando-se inteiramente aos seus irmãos e irmãs em Cristo. Era chamada carinhosamente de Irmã Morena.

Josefina Bakhita, à pedido da madre superior, relatou toda a sua história às irmãs de sua congregação no manuscrito de 1910. No entanto, nunca se lamentou pelo que havia passado. Ela nunca culpou as pessoas que a torturaram e escravizaram. Certa vez um estudante de Pádua perguntou o que ela faria se encontrasse novamente os mercadores de escravos que a sequestraram e torturaram. Sua resposta foi: "se eu encontrasse os negreiros que me raptaram e também aqueles que me torturaram, me ajoelharia e beijaria suas mãos, porque se não tivesse acontecido tudo isso, eu não seria hoje cristã e religiosa". Ela nunca acusou as pessoas e nem se queixou daqueles que a torturaram, sempre rezou para que eles tivessem a mesma sorte que ela e encontrassem Jesus. Por muitas vezes ela os defendia quando alguém tentava falar mal daqueles que a fizeram sofrer tanto.

Depois de fazer os votos, a nova irmã Bakhita foi designada pela superiora para ajudar no convento das irmãs na cidade de Schio, no norte da Itália. Era um grande convento com muitas atividades sociais: era escola para jovens pobres, havia um orfanato, educandário para órfãos mais crescidos, e várias associações católicas e um centro juvenil. A irmã foi designada para a cozinha, depois para a portaria e para sua alegria, para a sacristia, pois gostava muito de ficar perto da capela para poder rezar.

Fachada do Instituto Canossiano de Schio, na Itália.

A Irmã Morena
com um grupo
de alunas e
ex-alunas

Em meio a todas estas atividades, Bakhita era muito apostólica. Aproveitava o grande movimento de pessoas indo e vindo no convento, com todas suas atividades, para falar de Deus, que ela chamava de o "Patrão". E todos gostavam de ouvi-la. Perguntada por uma freira porque falava com tanta gente, ela sorriu e disse: "Eu preciso anunciar a todos o quanto o Senhor é bom e quão grandes são as suas misericórdias". Ela compôs uma oração missionária que repetia muito: "Oh Senhor, se eu pudesse eu voaria para junto do meu povo pra pregar bem alto a eles como é grande a Sua bondade. Oh, quantas almas poderei conquistar para Ti! Entre elas, minha mãe, meu pai, os meus irmãos e tantos, tantos irmãos africanos. Faz, meu Jesus, que eles Te conheçam e Te amem!"

Vendo todo o bem que a Irmã Bakhita fazia com os visitantes, a superiora designou-a para ser porteira do grande convento. O povo ficou muito contente, todo mundo queria falar um pouco com a Irmã Morena. Ela era muito boa em dar conselhos às famílias com problemas, a encorajar os desanimados, todos saiam contentes e mais animados depois de falar com ela. Ficou famosa a frase que repetia para todos: "faz como o Patrão quer". Ela foi convidada inúmeras vezes para falar em igrejas e conventos sobre as missões na África.

A partir de 1939 sua saúde começou a piorar. Sofria de bronquite asmática, artrites, pneumonia dupla e andava com dificuldade. Teve de usar uma bengala e esta logo foi substituída por uma cadeira de rodas. Já não podia ter funções definidas no convento, mas ajudava como podia e sempre procurava fazer o bem a todos que se aproximavam dela. Aproveitou a doença para intensificar sua vida de oração. Com o passar dos anos sua saúde foi piorando, respirava com dificuldade e o coração estava fraco. Apesar de seus sofrimentos, nunca se queixou de nada, pois dizia, tinha de ser como "o Patrão queria". Durante a Segunda Guerra Mundial, Schio foi bombardeada várias vezes. Quando soava o alarme para as pessoas correrem para os abrigos anti-aéreos, Irmã Bakhita não se movia e dizia, "deixa que atirem, é o Patrão quem comanda". E de fato, cerca de 50 bombas caíram por perto e nenhuma explodiu. Esse fato foi muito comentado e o povo atribuía o fato incrível a Irmã Bakhita. Quando em 1943, em plena guerra, nossa santa festejou 50 anos de vida religiosa, toda a cidade de Schio festejou junto com ela, pois a consideravam sua protetora naqueles dias terríveis da guerra.

Irmã Bakhita não tinha estudo, mas sua sabedoria era notável, sobretudo para aconselhar as pessoas, através de seu testemunho e seus conselhos, conseguiu inúmeras vocações para a África. Além disso, tinha um fino senso de humor. Pouco antes de falecer, já estando muito doente, uma irmã lhe perguntou: "Como vai?" Ela respondeu: "Eu estou indo... para a eternidade! Sabe, eu vou levar duas malas. Uma com os meus pecados, outra bem mais pesada, com os méritos de Cristo. Vou então me apresentar diante de Deus, dando um jeito de cobrir com o manto de Nossa Senhora a mala com os meus pecados e aí abro a mala com os méritos de Cristo e digo para Deus - agora me julgue com base no que está aqui. Aí vou olhar para trás, onde vai estar São Pedro cuidando da porta e vou dizer a ele, fecha logo essa porta São Pedro, porque eu vou ficar aqui!". Seu estado de saúde se agravou, ela sofria muito por não poder respirar direito. Mas nunca se queixou de nada. Recebeu o sacramento dos enfermos com muita resignação e uma ponta de alegria por estar chegando a hora de seu encontro com o "Grande Patrão". Suas últimas palavras foram: "Como estou contente! Vejam, Nossa Senhora, Nossa Senhora..." e faleceu sorrindo. Por estas palavras se depreende que deve ter tido uma visão de Nossa Senhora que veio recebê-la no momento em que partia desta vida. Seu enterro já foi uma proclamação popular da santidade dela. Para todos não havia dúvida: a Irmã Bakhita era uma santa. Milhares de pessoas compareceram e no próprio enterro as pessoas já pediam graças a ela.

Estágios da vida de Bakhita

Infância

Juventude

Maturidade

Em 1978 o Papa João Paulo II proclamou as virtudes heróicas de Bakhita e a declara Serva de Deus. Em 1992 ele a proclama beata e sua canonização foi feita solenemente na Basílica de São Pedro em Roma no ano 2000, diante de imensa multidão de fiéis. É interessante notar que inúmeros milagres foram operados por intercessão de Santa Bakhita desde sua morte. Mas o milagre que foi escolhido para obter sua canonização aconteceu na cidade de Santos, aqui no Brasil. A Sra. Eva da Costa Onishi sofria de uma complicação grave de ulceração infecciosa, de diabetes, insuficiência crônica venosa, obesidade mórbida e hipertensão. Ao rezar a Santa Bakhita foi curada de tudo sem explicação da medicina.

As relíquias de Santa Bakhita são veneradas na Igreja da Sagrada Família na cidade de Schio, próximo de Veneza, onde ela viveu a maior parte de sua vida religiosa. Muitas graças tem sido alcançadas por intercessão de Santa Bakhita, especialmente por pessoas de origem africana, gente por quem ela tanto rezou e tanto amou em vida.

As relíquias de Bakhita são veneradas em Schio na Itália.

Senhora Eva da Costa Onishi com a irmã Veglia di Giusto.

Festa Litúrgica em
8 de fevereiro

"Eu estou indo... para a eternidade! Sabe, eu vou levar duas malas. Uma com os meus pecados, outra bem mais pesada, com os méritos de Cristo. Vou então me apresentar diante de Deus, dando um jeito de cobrir com o manto de Nossa Senhora a mala com os meus pecados e aí abro a mala com os méritos de Cristo e digo para Deus - agora me julgue com base no que está aqui. Aí vou olhar para trás, onde vai estar São Pedro cuidando da porta e vou dizer a ele, fecha logo essa porta São Pedro, porque eu vou ficar aqui!" Bakhita, 1938

MADRE PAULINA

MADRE PAULINA

"A HUMILDE GRANDEZA"

☆ 1865 ✝ 1942

"A vontade de Deus é o meu Paraíso"

Em meados do século XIX, muitos italianos sofriam as consequências da Revolução Industrial. Um emprego era algo cada vez mais difícil. Na aldeia de Vigolo Vataro, o pedreiro Antônio Napoleão Visintainer e sua esposa Anna Domenica Pianezzer, eram pais de cinco filhos. Entre eles estava a pequena Amábile Lúcia Visintainer, de apenas nove anos, nascida no dia 16 de dezembro de 1865 e que ficaria conhecida como Santa Paulina, a primeira santa brasileira.

Napoleão já não conseguia mais trabalhos em sua terra natal, havia dias que nem comida para a família tinha, quando muito, uma sopa rala de verduras. A família não tinha mais como permanecer na Itália, deixar a amada terra seria difícil, mas algo precisava ser feito.

Enquanto isso no Brasil, o país também estava com grandes mudanças: se aproximava o tempo em que a escravidão seria extinta da nação. A Lei do Ventre Livre e a lei que proibia o tráfico de negros já estavam em vigor. As terras brasileiras precisavam agora de mão-de-obra, algo que na Itália havia de sobra. Aí estava a oportunidade da família Visintainer.

Vista geral da cidade de Vigolo Vataro, Trento - Itália

Casa onde Madre
Paulina nasceu
e viveu até os 10
anos de idade.

Os primeiros imigrantes italianos chegaram em Santa Catarina no ano de 1875, a bordo do navio San Martin. Nesse navio estava a família da pequena Amábile. Chegaram no porto de Itajaí, em Santa Catarina. Para Amábile seria um sonho morar no Brasil, poderia passar mais tempo com seu pai, teriam mais alimento, acabaria a miséria que estava rondando a família.

Através de caminhos aberto nas matas, a família encontraria os lotes de terra que seriam entregues para os imigrantes, era tudo muito diferente do que eles estavam acostumados, o clima, as doenças, apenas os montes daquela região lembravam sua terra natal. Encontrada a região, logo a chamaram de Nova Trento, algo que ajudaria a manter suas raízes.

Quando a família se estabeleceu em sua nova casa, rezaram o terço como de costume e em seguida iniciariam a lavoura, de onde viria o sustento.

Entre 12 e 13 anos, Amábile aprendeu as letras do alfabeto, mas ainda não sabia fazer conexão entre elas, ou seja, a pequena imigrante ainda não sabia ler em português. Ela lamentava muito por isso, principalmente porque precisaria se alfabetizar para poder fazer sua Primeira Eucaristia. Eis que no caminho para a pequena capela de São José, a menina estava triste apesar de estar toda vestida de branco, esperando fazer a Primeira Comunhão. Sua tristeza é porque naquele tempo, o padre costumava fazer umas perguntas para saber se a criança estava realmente preparada. Oras, como a pequena Amábile poderia responder algo do livro de Catecismo se nem ao menos o sabia ler!

A caminho da capela, enquanto a menina estava triste, fez a Jesus o pedido de poder ler, e que em troca somente leria livros de santos e coisas boas. Ao ser examinada pelo padre, abriu o livro Máximas Eternas, de Santo Afonso Maria de Ligório e conseguiu unir as sílabas e ler corretamente. Foi o primeiro sinal de que Deus preparava a pequena menina para a santidade.

No vilarejo de Vígolo, onde Amábile morava com sua família, havia apenas uma capelinha dedicada a São Jorge, pertencente à paróquia de Nova Trento. O pároco, Pe. Augusto Servanzi, jesuíta, logo percebeu a virtude de Amábile e de uma amiga sua, Virgínia Rosa Nicolodi. Deixou-as encarregadas de cuidarem da capela, da catequese das crianças e de confortar os enfermos do local. Seu amor, dedicação e paixão pelos enfermos desde a infância seria, sem dúvida, a tônica que marcaria sua vida e sua obra para sempre. E logo o religioso perguntou para Amábile se ela não pensava em um dia tornar-se freira. O coração da menina disparou, respondeu que isto seria um sonho. O padre a aconselhou que, se mantivesse suas virtudes, certamente seu sonho se realizaria. Amábile guardou tudo isto no coração. Empenhava-se cada vez mais em suas tarefas, principalmente no trabalho com os doentes, que era o que mais a realizava.

Dona Anna, mãe de Amábile, quando tinha 47 anos, ficou grávida novamente. Era sua quinta gestação desde que chegou ao Brasil. Esta gravidez estava complicada. No dia do parto Dona Anna gritava como nunca, sentia muitas dores. Mais de 24 horas de trabalho de parto se passaram, e eis que surge a parteira com a triste notícia de que tanto a mãe como o bebê, não resistiram e morreram.

Uma grande tristeza se abateu sobre a família. Amábile assumiu a direção da casa cuidando de seus irmãos menores. Seu pai ficou profundamente abatido, sempre chorando. O sonho de ser freira havia desaparecido da vida de Amábile, sabia que agora, cuidar da família seria sua vocação.

Mas Deus ainda tinha planos para a jovem ítalo-brasileira, e estes planos foram comunicados por Nossa Senhora, que apareceu em sonhos para a futura santa. Nos sonhos, a Mãe de Deus perguntou para Amábile: “É meu grande desejo que comeces uma obra. Trabalharás para a salvação de minhas filhas!”

Nossa Senhora mostra então o padre Marcelo Rocchi, que substituiu o padre Servanzi, como a pessoa que ajudaria Amábile a iniciar sua missão. E a Virgem Maria disse ainda: "Mais tarde mostrarei as filhas que te quero confiar". Ainda em sonho, Amábile prometeu servir à Nossa Senhora esforçando-se o quanto pudesse.

Depois deste sonho, Amábile voltou a se empolgar com o desejo de uma dia tornar-se freira. E Deus, através de Nossa Senhora, ia sempre mostrando os caminhos. Padre Marcelo Rocchi era apóstolo de Nossa Senhora de Lourdes, e logo inicia em Vígolo uma campanha para construir uma gruta e comprarem na França, uma linda imagem da Mãe de Deus.

Amábile rapidamente teve a idéia de fazer uma plantação de mandioca para vender e arrecadar dinheiro. Com o trabalho árduo de um ano inteiro, ela e suas amigas entregam ao padre a quantia suficiente para a compra da imagem. A gruta, que ainda existe em nossos dias, foi inaugurada em 1889.

Em 1890, Napoleão se casa novamente com uma senhora também viúva. Essa notícia deixou Amábile felicíssima, pois agora o pai poderia reconstruir sua vida e ela, Amábile, poderia realizar o sonho de se entregar inteiramente a Deus.

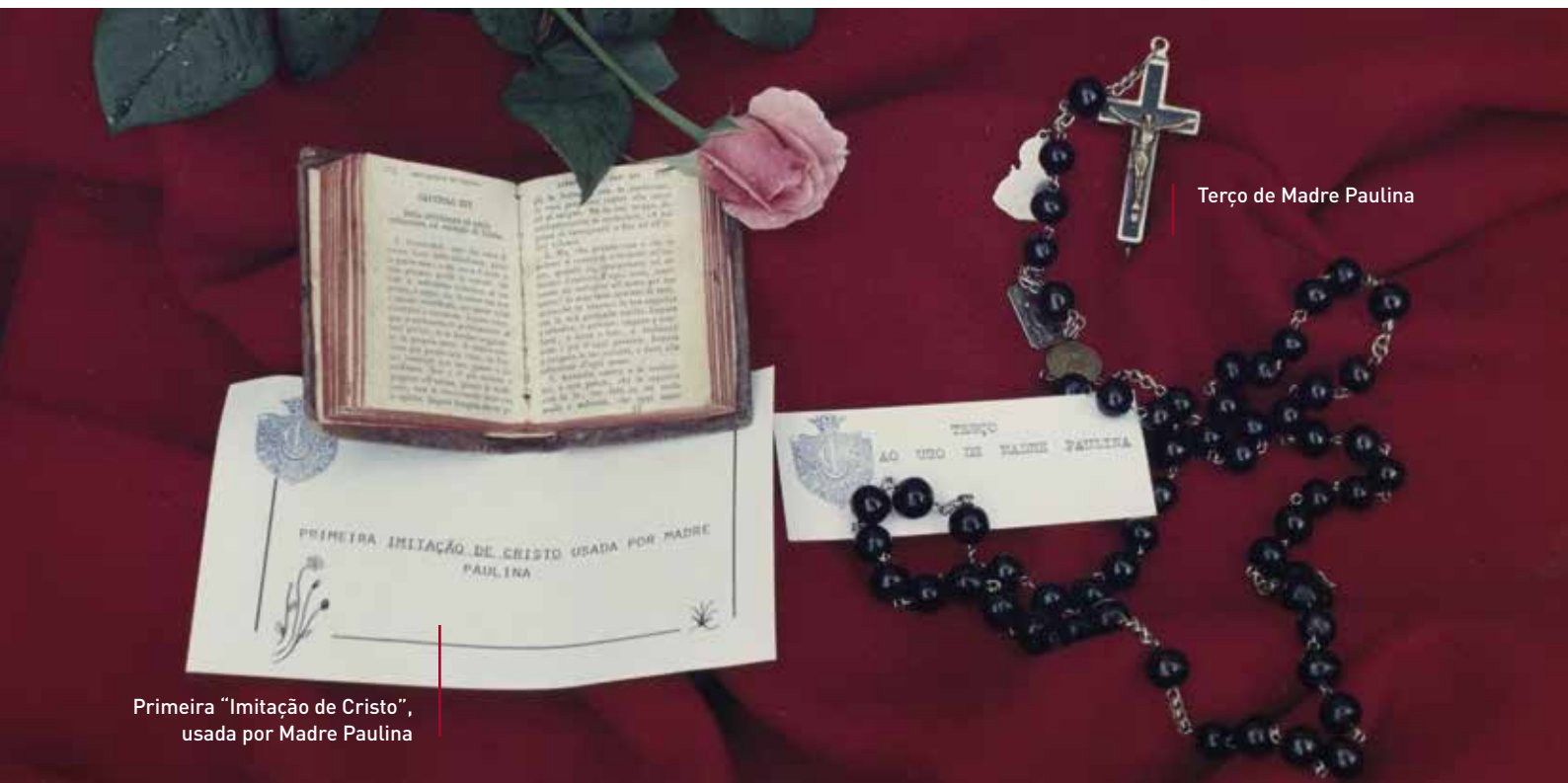
Ainda neste mesmo ano, no dia 12 de julho, Amábile e sua amiga Virgínia se mudam para uma pequenina e humilde casa de madeira ao lado da gruta de N. Sra de Lourdes. O objetivo era cuidar de Ângela Lúcia Viviani, que estava sendo acometida por um câncer incurável e a família nada podia fazer. O lugar logo se tornou conhecido como Hospitalzinho São Vigílio. As três chegaram no casebre num carro de boi e assim que entraram no novo lar, Virgínia tirou do baú que trouxe consigo, um pequeno quadro de São José. Fizeram uma oração e se deitaram, sem camas nem cobertas, sobre o chão frio, mas felizes. Este é considerado o dia oficial da fundação da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição.

A idéia deste Hospital não agradou a todos em Vígolo, alguns até chamavam as jovens de bruxas, hipócritas, atiravam pedras e jogavam lixo na porta do Hospitalzinho. Elas sempre limpavam tudo sem se queixar. Isto pareceu preparar o coração de Amábile para as provações que o futuro lhe reservava.

Seu pai, por algumas vezes, a chamou para voltar para casa, era difícil para ele ver a filha sendo perseguida assim. A isto ela apenas respondia: "Papai, não se preocupe comigo. Preciso seguir minha inspiração. Preciso descobrir o que Deus quer de mim".

Mas sempre havia doentes e o Hospitalzinho recebia cada vez mais enfermos. Outra moça, Teresa Anna Maule, se juntou a Amábile. As três trabalhavam duramente como bóias-frias para sustentarem o hospital. Expressam a vontade de se tornarem religiosas e em 1893 o superior dos jesuítas conhece o casebre onde elas viviam. Espantado com a pobreza do local ele questiona como elas podiam viver em tamanha miséria. Ao que Amábile responde: "Nós queríamos entrar para uma congregação religiosa, mas, como até agora não conseguimos, decidimos servir a Deus aqui, do nosso jeito, fazendo o que é possível". O superior, impressionado, as encorajou e disse que faria o possível por elas.

Conseguiram então uma nova casa em Nova Trento, para cuidarem dos doentes da cidade. Também eram ativas na catequese, procissões, grupos religiosos. Um professor se oferece para auxiliá-las nos estudos. E tão logo aprendem as lições, já abrem ao lado uma pequena escola para ensinarem gratuitamente as crianças da região.

Nossa Senhora aparece novamente em sonho para Amábile, desta vez lhe mostra milhares de meninas e diz: "Eis as filhas que te confio".

Terço de Madre Paulina

Primeira "Imitação de Cristo", usada por Madre Paulina

Não demora muito tempo para que a promessa da Virgem Maria se cumpra. Muitas jovens se encantaram com o modo de viver do grupo e queriam se juntar a elas. A roça era o que sustentava as meninas que chegavam, a enxada era companheira de todas as moças. E por não terem propriedades e terras, trabalhavam como bóias frias em terras alugadas, dividindo os já escassos recursos com os próprios donos da terra.

Amábile, diante das dificuldades de toda ordem que apareciam para o sustento das jovens que chegavam e queriam participar do seu grupo, se apresenta como mulher dinâmica, criativa e revolucionária para seu tempo. Fez curso de tecelagem e busca de toda forma novos meios para sustentar sua obra. Mulher de fé, viveu na total confiança da Providência de Deus comprometendo-se com a dor dos que mais sofriam, tornando-se mãe dos pobres, dos abandonados e dos enfermos por onde passou e viveu.

No ano de 1895, Dom José de Camargo Barros, bispo de Curitiba, faz uma visita pastoral a Santa Catarina, que naquela época fazia parte de sua diocese. Um dos lugares a ser visitado era o pequeno hospital fundado por Amábile, que a esta altura já era conhecido como "Conventinho".

A emoção era grande, Amábile escreveu uma carta a Dom José, pedindo a aprovação da comunidade. Em sua visita ele poderia dar uma resposta positiva ou, se acaso não concordasse com o modo de vida delas, poderia simplesmente mandar todas as moças para casa.

Quando o bispo chegou, todas estavam de joelhos, emocionadas. Ele pediu que elas se levantassem, tudo estava muito limpo mas também muito simples, quase sem nenhum móvel. Dom José percorre toda a casa e no final se depara com o quadro de São José, fica alguns momentos olhando fixamente a pintura. Logo após esse momento, ele aprova a comunidade.

Todas ficaram em festa, Nova Trento teria uma congregação religiosa. Padre Rossi, que havia assumido a paróquia naquele ano, as auxilia em todo processo. Como agradecimento, elas optaram pela cor preta em suas vestes, ou seja, a mesma cor usada pelos padres jesuítas. Padre Luiz Maria Rossi sugere então uma faixa azul, homenageando Nossa Senhora Imaculada. Pronto, esta seria a veste da primeira santa brasileira. As moças fizeram os votos e trocaram de nome. Foi então que Amábile escolheu se chamar irmã Paulina do Coração Agonizante de Jesus. Ela foi eleita para o cargo vitalício de superiora geral. A nova congregação passou a se chamar Irmãzinhas da Imaculada Conceição.

Em 1903, padre Luiz Maria Rossi foi transferido para São Paulo. Na capital paulista ele foi visitar a colina do Ipiranga, então situada na periferia pobre da cidade. Foi ali que Dom Pedro I proclamou a independência do Brasil. Hoje essa região da capital paulista é próspera e bonita, com o monumento à independência, o museu e o parque do Ipiranga, com numerosos hospitais, instituições e faculdades.

Um nobre muito rico e de visão, o conde José Vicente de Azevedo, se preocupava com os problemas sociais da nascente metrópole paulista, que atraía a população carente de todo o Brasil, todos tentando a sorte em São Paulo. Ele possuía muitas terras ali no Ipiranga e resolveu doar uma parte delas para instituições caritativas e educacionais da Igreja Católica. É por esta razão que ainda hoje há tantas instituições religiosas ao longo da avenida Nazaré, que corta o bairro.

Na visita do padre Rossi ao Ipiranga, o superior dos jesuítas, o padre Justino Maria Lombardi, sugeriu que ele convidasse as irmãzinhas de Nova Trento para abrir uma casa no Ipiranga. Havia ali um problema social espinhoso: com a abolição da escravidão há pouco tempo, vinham para São Paulo muitos ex-escravos para tentar conseguir emprego. Chegavam miseráveis e não tinham onde deixar as pessoas idosas e as crianças da família. O conde já se preocupava com esse problema, e havia criado em 1901 uma instituição ali mesmo, no Ipiranga, para cuidar dos ex-escravos e seus descendentes. Os jesuítas propuseram ao conde de chamar as irmãzinhas da Madre Paulina para cuidar dessa instituição. O conde aceitou com alegria a idéia e se propôs não só a dar o terreno, como também a ajudar financeiramente na viagem e na instalação das freiras da congregação.

Madre Paulina aceitou imediatamente a proposta surpreendente do padre Rossi. Deixou algumas irmãs cuidando dos doentes da casa de Nova Trento e partiu para São Paulo com três irmãs e seu pai, Napoleão Visintainer. Foi a última viagem feita com seu pai, ele viria a falecer oito anos mais tarde. A viagem foi inicialmente feita de carroça, indo de Nova Trento até o porto de Itajaí. De lá tomaram um navio para Santos e de Santos foram para São Paulo de trem. Essa viagem que hoje se faz em poucas horas, levou cinco dias extenuantes.

Em 1909, tem início o calvário de Madre Paulina. A Congregação estava crescendo em São Paulo, onde fundou quatro novas casas, contava com benfeitores como Dona Anna Brotero de Barros, uma rica viúva da alta sociedade paulistana. Dona Anna gostou da Congregação, mas queria não apenas dar opinião sobre o futuro da Congregação, mas também decidir e governar a respeito de tudo, até mesmo sobre as noviças, que seriam admitidas ou não. E isto logicamente desagradou Madre Paulina

Criou-se um mal-estar entre as irmãzinhas e Dona Anna. Porém, a rica senhora falava mal da madre Paulina para as autoridades eclesiásticas. A certa altura, não sendo mais possível tolerar as interferências constantes de Dona Anna, Madre paulina vai junto com a irmã Vicência, vice-superiora geral, conversar sobre isto com o arcebispo de São Paulo. Já envenenado por Dona Anna, ele recebeu mal as duas religiosas. Ali mesmo, durante a conversa, com a madre ajoelhada a seus pés, ele se irrita e diz: "A senhora está destituída do cargo de superiora geral. Viva e morra na Congregação como súdita. Que seja convocado o primeiro Capítulo Geral para eleger uma nova superiora". De cabeça baixa, chorando, Madre Paulina aceita a provação e a humilhação sem pestanejar. Ao invés de se defender ou tentar se explicar, ela simplesmente diz ao arcebispo: "Estou pronta para entregar a Congregação à próxima superiora geral. Meu único desejo é que a obra de Deus vá adiante".

Santa Paulina estava agora sentindo o mesmo abandono que Jesus sentiu por parte de seus apóstolos ao ser entregue a seus algozes. Só mesmo analisando os fatos com o olhar de Deus para entender Seus planos. Por ordem do arcebispo, Madre Paulina foi enviada para Bragança Paulista onde passou dez anos como serva obediente da congregação, apenas com o título de veneranda fundadora. Ela, a quem havia sido confiado o cargo vitalício de Madre Geral, agora seria a última das últimas. Mas ela soube acolher tudo com o coração em paz. Em Bragança Paulista, fazia faxina, preparava refeições, cuidava dos doentes, não tomava nenhuma decisão, ninguém era mais obediente que ela, dizia sempre: "Meu desejo é trabalhar, obedecer e morrer abandonada por todas as criaturas desse mundo... recordada somente pelo meu caro Jesus, que tanto amo. A vontade de Deus é o meu paraíso".

O próprio Dom Duarte, que fora o responsável por decretar seu exílio, reconheceu muitos anos depois, em 1932, a santa humildade de Madre Paulina: "A Madre Fundadora deu seu exemplo admirável de humildade e obediência e, afastada da direção da Congregação, por todas respeitada e venerada, promove a prosperidade de sua Congregação com o exemplo de uma vida edificante de oração e trabalho incessante".

O exílio em Bragança durou até 1918, quando as irmãzinhas de sua Congregação pediram ao arcebispo autorização para que Madre Paulina pudesse voltar para a Casa Madre da Congregação em São Paulo. O arcebispo deu seu consentimento, mas não retirou a proibição de que Madre Paulina assumisse qualquer cargo na congregação. De volta, ela cuidava das irmãs doentes, rezava muito e tinha conversas espirituais com suas companheiras. A madre geral era a mesma que a havia substituído, a Madre Vicência Teodora, que pediu à Madre Paulina colaborar na história de seu chamado por Deus e a fundação da Congregação. Ela ajuda a resgatar o carisma fundador que assim foi definido: "sensibilidade para perceber os clamores da realidade e disponibilidade para servir os mais necessitados e os que estão em situação de maior injustiça". Ela acompanhava, rezava e abençoava as irmãs que partiam para novas fundações e se alegrava especialmente com as que partiam para as regiões mais remotas e pobres.

Em 1933 a Congregação florescia, tendo sua fundadora viva, dando exemplo de santidade. O Papa Pio XI houve por bem emitir um Decreto de Louvor que elogiava a Congregação, as obras que ela desenvolvia pelos mais necessitados e a "Veneranda Madre Fundadora". Era o reconhecimento, depois do longo sofrimento.

Casa da Congregação em São Paulo, bairro do Ipiranga, dias atuais.

Como sempre, Madre Paulina estava ou fazendo alguma coisa, ou rezando. Quando não cuidava das doentes ou das que iam partir, fazia flores artificiais e rosários. E, em 1938, nova provação cai sobre ela: ao fazer rosários a mão, cortou seu dedo. Como era um corte pequeno, não deu importância. Mas a Madre já estava atacada pela diabetes e não se sabia. Por isso, a pequena ferida cresceu e se transformou numa gangrena diabética: tiveram que amputar o dedo e logo depois a mão e todo o braço. Novamente, Madre Paulina mostrou-se resignada e paciente. Ela comentou com as irmãs: "Deus me pediu um dedo e depois o braço. Mas porque negar o que Ele me pede se sou toda d'Ele? Estou só devolvendo o que Ele me deu. Que o nome d'Ele seja louvado em todas as partes, por todas as pessoas, em todos os momentos".

Em 1940, com a saúde muito debilitada, Madre Paulina fez seu testamento espiritual, cheio de encorajamento para suas filhas da Congregação. Estas duas simples frases resumem o que ela deixou: "Nunca, jamais, desanimeis, embora venham ventos contrários! Confiai em Deus e em Maria Imaculada, permanecei firmes e ide adiante"!

A Madre foi ficando cada vez mais doente. Em 1942 ficou cega. Recebeu os últimos sacramentos e faleceu em paz aos 77 anos, a 9 de julho de 1942 na Casa Madre, em São Paulo. Já em vida a Madre tinha fama de santidade. Depois de seu falecimento, as irmãs e o povo que a havia conhecido, começaram a pedir graças por sua intercessão e as graças pedidas eram concedidas. Algum tempo depois começam a surgir relatos de milagres. O Vaticano, prudente, resolveu esperar para abrir o processo de beatificação, provavelmente devido à questão com o já então falecido arcebispo de São Paulo. Como a devoção popular se alastrava e os relatos de graças e milagres se multiplicavam, finalmente o processo foi aberto em 1965 pela Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição.

Madre Paulina (sentada) junto com a superiora geral Madre Vicencia Teodora

Ora, assim como Deus tomou a cruz, símbolo de humilhação e sofrimento, Ele também o fez com o exílio de Madre Paulina. A humilhação de ter sido deposta do cargo de Madre fundadora foi aceito com tamanha humildade que foi a página mais luminosa da vida desta santa. Em 1991 O Papa João Paulo II, em visita ao Brasil, durante a cerimônia de beatificação de Madre Paulina em Florianópolis, Santa Catarina, disse que "sua conformidade com a vontade de Deus, levou-a a uma constante renúncia de si mesma, não recusando qualquer sacrifício para cumprir os desígnios divinos, especialmente no período, particularmente heróico, da sua destituição como Superiora Geral da Congregação por ela fundada."

A canonização se deu em Roma, a 19 de maio de 2002, feita pelo mesmo Papa. Foi a primeira santa canonizada que passou sua vida no Brasil.

O milagre escolhido pelo Vaticano como prova para a canonização, foi o de uma bebê do Acre. Trata-se de Iza Bruna Vieira de Souza, nascida em Rio Branco com um grave defeito congênito: uma má formação cerebral. Enquanto a menina ainda estava no ventre da mãe, a avó que assistia a Missa de beatificação de Madre Paulina, ficou tocada e em oração, entregou a neta aos cuidados de Madre Paulina. A criança nasceu e o prognóstico da equipe médica era o pior possível. Precisaram fazer uma cirurgia e se após a operação a bebê tivesse uma crise convulsiva, seria fatal, ou, na melhor das hipóteses, ficaria cega, surda, muda e tetraplégica. As crises vieram, mas, contrariando o diagnóstico médico, a menina Iza ficou completamente curada, sem nenhuma seqüela. Os médicos declararam não haver explicação para a cura milagrosa.

O corpo da Madre é venerado na capela da Casa Geral de sua Congregação em São Paulo, para onde acorrem muitos fiéis em peregrinação. Relíquias suas também são veneradas em Nova Trento, no grande santuário de Madre Paulina ali erguido. Sua festa é comemorada pela Igreja no dia nove de julho.

“Nunca, jamais, desanimeis, embora venham ventos contrários! Confiai em Deus e em Maria Imaculada, permanecei firmes e ide adiante!” Madre Paulina (primeira à direita) e madre Vicência Teodora (deitada na cama doente).

Festa Litúrgica em 9 de julho

MAXIMILIANO KOLBE

MAXIMILIANO KOLBE

"O santo de Auschwitz"

☆ 1894 ✝ 1941

"O ódio não constrói nada.
É o amor que salva".

Um dia meu filho não chegou para o jantar. Sentado à mesa, com uma cara muito feia, o pai estava visivelmente aborrecido. Os dois irmãozinhos, Francisco e José, comiam sem fazer qualquer barulho, porque o temporal estava armado. Dava pra sentir no ar. Quando acabou o jantar, de repente, a porta se abre. É Raimundo, todo esbaforido. Parecia um moleque de rua.

E o temporal desabou.

— *Isso é hora de chegar em casa?* - explode o pai. *Nem parece que tem família! É desse jeito que agradece à sua mãe, que cuida de você? Ela trabalha que nem uma condenada para você andar limpo e arrumado...*

A bronca não pára nisso. O pai está mesmo enfezado. Raimundo se mantém o tempo todo de cabeça baixa e depois sai de fininho para o quarto. Ficou sem jantar nessa noite.

No dia seguinte, enquanto eu remendava mais uma vez a camisa dele, meu pequeno Raimundo não saía de perto de mim. Ele continuava de cabeça baixa, todo humilde.

— *Meu filho, o que é que a gente vai fazer com você?* - deixei escapar num suspiro.

Raimundo desanda a soluçar e foge para o quarto. Depois eu percebi que ele estava de joelhos em frente ao oratório de Nossa Senhora de Czestochova.

Alguns minutos depois, ele se levanta. Parecia muito preocupado.

Passou vários dias assim, pensativo e calado. De vez em quando eu o escutava chorar, trancafiado em seu quarto. Eu me perguntava o que será que estaria acontecendo. Não podia ser normal aquilo, principalmente na idade dele. Tive de chamá-lo para uma conversa.

— *Escute aqui, meu filho, me conte, por favor, o que está havendo. Você ainda está emburrado por causa da bronca que levou do seu pai naquela noite, não é mesmo?*

Ele nega com a cabeça.

— *Então o que é? Por que você anda pelos cantos com essa cara amarrada?*

— *Mamãe, lembra quando você perguntou o que você e o papai iam fazer comigo? Eu fui perguntar isso pra Nossa Senhora. E sabe o que foi que Ela me disse?*

Raimundo contou que Nossa Senhora abriu as mãos e mostrou a ele duas coroas de flores, uma branca e outra vermelha. Com um sorriso nos lábios, Ela perguntou qual das duas ele queria. A coroa branca indicava a pureza e a vermelha a entrega da própria vida. Era assim que ele tinha entendido o sentido das duas coroas.

Raimundo continuou:

— *Eu não sabia escolher, mamãe. Então, resolvi ficar com as duas. Nossa Senhora me sorriu de novo e voltou para o quadro. Foi isso, mamãe. Não estou inventando nadinha.*

Depois dessa conversa, Raimundo voltou a ser o meu menino de antes, alegre e tranqüilo. Tinha arrancado esse peso do seu coraçãozinho.

Eu nunca contei essas coisas para ninguém, nem mesmo para meu marido. Guardei, no segredo do meu coração, essas palavras do meu filho. Agora que eu sei que ele está morto e como foi que ele morreu, achei que devia contá-las a vocês, seus confrades e amigos.

Essa carta foi enviada para os frades franciscanos por Maria Dobrowska, a mãe de Raimundo, que um dia seria chamado de São Maximiliano Kolbe, o prisioneiro 16670 do campo de Auschwuitz. O acontecimento narrado na carta aconteceu quando o pequeno Raimundo tinha cerca de 9 anos. Seu pai lhe chamou a atenção porque ele havia pegado algumas moedinhas escondido da família para comprar um ovo de galinha. Ele comprou o ovo, o entregou a uma vizinha que tinha uma criação de galinhas, para que o ovo pudesse chocar e assim ele teria um animalzinho de estimação. Desde sempre Raimundo se sobressaiu com relação aos seus outros irmãos, Francisco, o primogênito e José, o mais novo.

Nascido no dia 8 de janeiro de 1894, em uma pequena cidade da Polônia, Zdunska Wola, Raimundo, que foi batizado no dia de seu nascimento, era filho de Julio Kolbe e Maria Dobrowska, membros da Ordem Terceira Franciscana. Seus pais eram tecelões e seus salários mal davam para cobrir os gastos da família.

Moravam e trabalhavam em um quarto alugado. O dormitório era divido por uma cortina, que separava a casa do local de trabalho, onde ficavam os dois teares. No espaço reservado para o lar, tinham as camas e um oratório com o quadro da Virgem Negra de Czestochova, a família inteira era muito devota de Nossa Senhora.

Raimundo desde criança queria imitar os santos. Quando ficou sabendo que São Francisco pregava para os pássaros, tentou fazer o mesmo. Separou uma pouco de comida para atrair as aves e ficou escondido esperando. Quando as aves chegaram, ele saiu correndo na direção delas, que por sua vez, saíram voando com medo do garoto. Ele teria de ser santo de outra forma.

Até quando sua mãe lhe chamava a atenção ele imitava algum santo. Certa vez ele ficou sabendo que Dom Bosco, quando criança, ao quebrar um vaso de sua casa, pegou uma vara de marmelo para que sua mãe batesse nele, a mãe ao ver o gesto do filho, achou engraçado e não bateu. Oras, Raimundo copiou a tática e também sempre que quebrava alguma coisa, já aparecia com a varinha esperando o castigo, contando sempre com a piedade da mãe.

Como a família não tinha recursos, apenas poderiam auxiliar um dos filhos para os estudos, e o escolhido foi Francisco, o irmão mais velho. A família sonhava que ele se tornasse sacerdote e então o encaminharam para o estudo secundário. Raimundo e José ficaram sem estudar.

Um dia Raimundo foi à farmácia para sua mãe, e lá o farmacêutico, o senhor Kotowski, perguntou ao pequeno Raimundo como iam os estudos. O senhor Kotowski ficou desolado ao descobrir que aquele menino tão inteligente não estava estudando, e se propõe a dar aulas gratuitamente para ele. Ao final dos estudos, ele estaria apto a entrar para a escola secundária. A família Kolbe também gostou muito da idéia e ficaram agradecidos ao farmacêutico.

Quando Raimundo tinha 13 anos, finalmente viajou para Leopoli - onde hoje é a cidade de Lviv na Ucrânia, e que na época pertencia a Áustria - a fim de entrar para o colégio aberto pelos franciscanos. Foi a primeira vez em sua vida que ficou distante da família.

No colégio, se destacou como um dos melhores alunos, principalmente em ciências exatas. Um dos professores até brincou, dizendo que seria uma pena que alguém tão inteligente se tornasse frade.

Seus estudos no seminário menor haviam terminado e ele precisava se decidir se entrava ou não no noviciado da ordem, para ser um novo discípulo de São Francisco de Assis. Afinal, Raimundo se decidiu: iria se alistar no exército para lutar pela independência de seu país, tal como seu pai já estava fazendo, era o tempo da Primeira Guerra Mundial. Quando se dirigia para falar com o superior para comunicar sua decisão, a Divina Providência interveio. Vieram chamá-lo, pois havia uma visita para ele. Era sua mãe, para comunicar que seu pai havia falecido na guerra, que em vista disso ela havia decidido entrar na vida religiosa e que seu irmão mais novo, José, também queria entrar no seminário. A mãe estava muito contente que deste modo, toda a família se consagrava a Deus. Raimundo engoliu em seco, pois percebeu que aquela inesperada visita na hora H era um claro sinal de Deus para que ele perseverasse no seminário. Agora estava claro qual era a vontade de Deus para ele. Acabaram as dúvidas e angústias.

Maria Dobrowska, a mãe de Maximiliano Kolbe

Raimundo, o irmão do meio da família Kolbe, que mais tarde receberia o nome de Maximiliano

Primeira Guerra Mundial. A Europa começa a viver seu pior pesadelo até então.

Com tranquilidade e decisão Raiumundo entra no noviciado. Só então entendeu que fora chamado a ser soldado sim, mas da Virgem Imaculada, não para matar inimigos, mas para salvar pessoas.

Então, aos 17 anos, Raimundo entra para a ordem dos Franciscanos Conventuais, vestindo sua túnica pela primeira vez, disposto a seguir firmemente a pobreza e confiança de São Francisco, assumindo o nome de Maximiliano Kolbe. Logo foi enviado para o Colégio Internacional dos Franciscanos em Roma, na Itália, onde ele passou a morar. Fez seus estudos na famosa Universidade Gregoriana de Roma, e inclusive recebeu dois doutorados. Seus superiores tiveram visão: vendo que o jovem Maximiliano era bastante inteligente, quiseram que ele tivesse a melhor formação possível.

Nesta época, em meados de 1917, o mundo ainda estava imerso na Primeira Guerra Mundial. O Papa Bento XV havia feito, sem sucesso, um apelo pedindo o fim dos Conflitos. A Itália e vários outros países europeus viviam uma verdadeira onda de ataques e provocações de outras entidades, principalmente da maçonaria, contra a Igreja Católica. Foi ainda o ano da Revolução Russa. Mas, como em todos os momentos difíceis da história, vale lembrar que também era uma época de grandes esperanças: três pastorzinhos em Portugal afirmavam ver e ouvir mensagens de amor e esperança da Mãe de Deus. Muitos duvidavam ainda, mas as mensagens de Nossa Senhora de Fátima eram impressionantes demais para terem sido inventadas por três inocentes crianças que não sabiam o que estava acontecendo no mundo.

Os ataques que a Igreja sofria, a Guerra, e em contrapartida a mensagem de esperança dada em Fátima despertaram no jovem frade seminarista, Maximiliano, a vontade de criar um exército para a Virgem Maria, uma milícia. Ele se reuniu com mais seis colegas para discutir o que fazer. A reunião foi feita numa cela, diante de uma pequena imagem de Nossa Senhora, com duas velas acesas ao seu lado. Ali, o grupo de amigos decide pela fundação de um movimento que se chamaria a Milícia da Imaculada. Maximiliano foi encarregado de redigir uma ata da reunião.

Em palavras simples e sintéticas, ele resume a obra: "Finalidade: procurar a conversão dos pecadores, dos hereges, dos judeus, etc. e especialmente dos maçons; e a santificação de todos pela proteção da Virgem Imaculada. Condições: Oferecimento total de si mesmo à Imaculada, como instrumento em suas mãos imaculadas. Levar a Medalha Milagrosa a todos". O lema do movimento ficou sendo: "Conquistar o mundo inteiro para Cristo pela Imaculada". Inicialmente, como estavam muito ocupados com os estudos do seminário, a Milícia ficou só entre os sete.

Finalmente, Kolbe foi ordenado sacerdote em 28 de abril de 1918, em Roma. Seu nome agora era Maximiliano Maria Kolbe, mas o chamavam sempre de Padre Kolbe. Neste mesmo ano, o Papa Bento XV aprova a Milícia da Imaculada. É o momento de levá-la ao mundo. Ele voltou à sua pátria, a Polônia, que se tornou um país livre após a guerra. Nesta época também, Padre Kolbe começa a sofrer de um mal comum naquele tempo: a tuberculose.

Tornou-se professor no seminário e, mesmo entre as idas e vindas ao hospital, conseguia espalhar a Milícia da Imaculada, seja no seminário, seja em seu leito, no hospital, onde convertia judeus e protestantes.

Cada vez que Padre Kolbe saía do hospital, uma nova idéia brotava em sua mente e no coração. A primeira delas foi a revista "O Cavaleiro da Imaculada". Os superiores lhe deram a autorização para publicá-la, mas deixam claro que os franciscanos não poderiam lhe auxiliar com um centavo sequer, e isso não era má vontade dos franciscanos, é que a congregação realmente não tinha um centavo para oferecer.

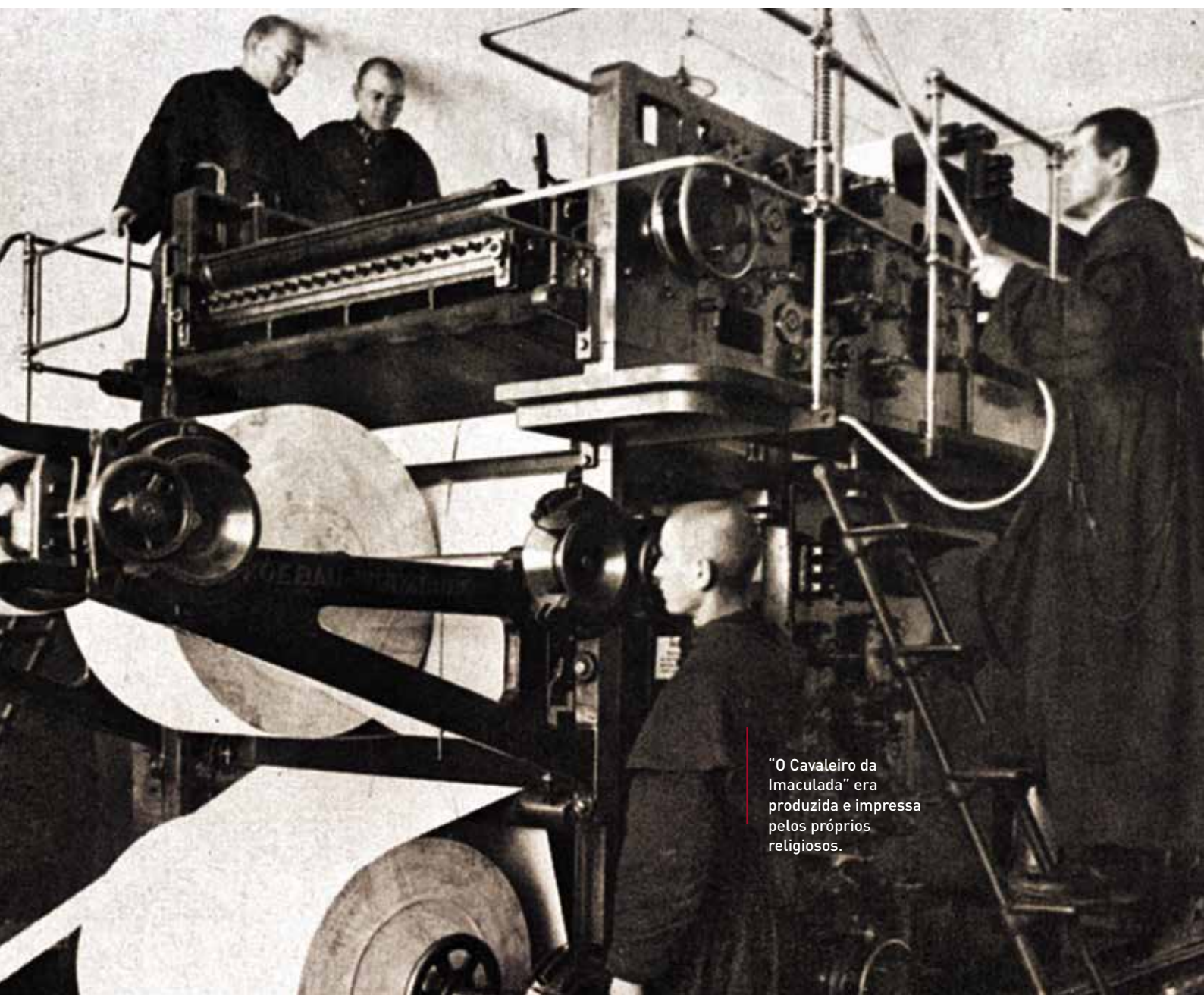
O sacerdote foi então de casa em casa pedindo donativos, mas o que conseguiu ainda era insuficiente para iniciar a revista. Então Padre Kolbe recorreu Àquela que jamais o abandonou, se prostrou aos pés de Nossa Senhora e pediu ajuda, argumentando a importância da publicação. Quando ele se levanta, encontra um envelope em frente a imagem de Nossa Senhora, e no envelope estava escrito: "para ser empregado numa boa obra". Dentro do envelope havia a quantia suficiente para a impressão da revista.

"O Cavaleiro da Imaculada" foi um sucesso retumbante e inesperado. Todo mundo queria ler a nova revista mensal. Os donativos começaram a chegar. E através da revista, a Milícia começou a ser difundida por toda a Polônia. Em pouco tempo a revista chegou a uma tiragem inacreditável para a Polônia da época: um milhão de exemplares. Fundou depois uma revista para crianças, uma só para sacerdotes e, depois, um jornal diário que chegou a ter uma tiragem de 200.000 exemplares. Os artigos do Padre Kolbe eram muito lidos e comentados. Ele tinha um verdadeiro carisma para o apostolado da imprensa, motivo pelo qual é considerado o patrono da imprensa.

Como todas estas publicações cresciam, era preciso uma organização melhor do que os locais improvisados em conventos. Em 1927, Frei Maximiliano obteve permissão para fundar um grande convento especializado na imprensa. Ele o chamou de Niepokalanow, que em polonês quer dizer "Cidade da Imaculada". Vários outros franciscanos foram colocados a serviço da nova obra e ali trabalhavam muitos leigos entusiasmados.

Mas tudo que é verdadeiramente grande começa pequeno e vai crescendo. A primeira construção de Niepokalanow foi uma capelinha de madeira muito simples e ao seu lado Frei Maximiliano ergueu uma barraca para ele e seus frades viverem. Subdividiram a pobre barraca em um espaço comum para os frades, uma cozinha e minúsculas celas individuais para Frei Maximiliano e seus companheiros. Viviam ali o Padre Kolbe, que fora designado superior do novo convento, dois frades e 18 irmãos.

Com o tempo e com a chegada dos donativos, um edifício bem maior foi erguido para abrigar as impressoras e serviços técnicos. Enquanto a barraca para si e para os frades era pobre, pequena e simples, os prédios para as máquinas e para a redação eram grandes. Frei Maximiliano queria o melhor e o mais eficiente para que o apostolado produzisse frutos para sociedade.

Nada menos que mil pessoas trabalhavam ali, todas consagradas à Imaculada. E tudo feito do modo mais eficiente possível. Com todas suas publicações e com a difusão da Milícia da Imaculada, Frei Maximiliano cumpria com o seu lema de "levar o mundo inteiro para Cristo através da Imaculada".

"O Cavaleiro da Imaculada" era produzida e impressa pelos próprios religiosos.

Em 1931, o Papa Pio XI pediu aos franciscanos poloneses para ajudar na evangelização do Japão. Padre Kolbe, apesar de ocupadíssimo com suas publicações, estava entre os primeiros que se apresentaram para partir. Ele e mais quatro frades foram designados para trabalhar no apostolado no país do sol nascente. Eles se instalam em Nagasaki, onde já havia uma comunidade católica e até uma diocese.

Frei Maximiliano começou a lecionar no seminário e logo fundou uma versão japonesa da revista "O Cavaleiro da Imaculada". A revista alcançou a tiragem de 30.000 exemplares, mas a obra não pôde crescer muito no Japão por falta de fundos. Os católicos japoneses eram em geral muito pobres, e em conseqüência, a Igreja era também pobre. Mas Frei Maximiliano conseguiu, com grande dificuldade e muito trabalho, construir um convento que chamou de Mugenzai-no-Sono, Jardim da Imaculada. Algum tempo depois, Frei Maximiliano, que como sempre trabalhava com os jovens, abriu um seminário anexo ao convento, para receber as primeiras vocações japonesas para os Franciscanos.

Em 1936, Frei Maximiliano ficou com sua saúde muito debilitada mais uma vez. Os médicos japoneses o aconselharam a voltar para a sua terra, a Polônia, pois ele só tinha, no máximo, mais três meses de vida.

Chegando na Polônia, ficou aos cuidados de sua mãe e em pouco tempo se restabeleceu, sua previsão de vida não podia mais ser contada em meses, ele ainda teria anos pelo frente. Reassumiu a direção de Niepokalanow, a Cidade da Imaculada. Neste tempo, iniciou um apostolado por correspondência, em que pedia às pessoas necessitadas, que escrevessem dizendo seus problemas, dúvidas ou simplesmente pedindo ajuda, prometeu que as cartas não ficariam sem resposta. A cidade passou a receber quase 2 mil cartas por dia.

Em 1939, o líder político da Alemanha, Adolf Hitler, pregava que a ocupação da Polônia era de "fundamental importância para a expansão da privilegiada raça germânica". Ninguém deu muita importância a este homem que discursava freneticamente. Mas em agosto deste ano, Hitler assinou um tratado com Stalin, em que eles invadiriam a Polônia e a dividiriam entre os dois.

No primeiro dia do mês seguinte, os nazistas invadiram a Polônia, tomando conta de tudo, principalmente da imprensa. Padre Kolbe, ao ficar sabendo da invasão, avisa sua equipe sobre o momento de provação e pede que todos voltem para a casa. Muitos foram mandados para conventos franciscanos mais seguros. Em Niepokalanow, apenas ficaram Frei Maximiliano e mais 50 irmãos franciscanos.

Logo a guerra chegou à Cidade da Imaculada, prédios foram bombardeados, religiosos foram presos. Hitler anunciou que a Polônia não mais existia enquanto nação. Niepokalanow foi transformada em hospital e Frei Maximiliano em enfermeiro, juntamente com outros frades.

Os nazistas logo perceberam a inteligência do Padre Kolbe, e pensaram que ele os poderia ajudar. Permitiram que ele retomasse a publicação de "O Cavaleiro da Imaculada", e queriam lhe dar cidadania alemã, mas ele soube recusar o "privilégio". Mas assim que o primeiro número da revista foi impresso, os soldados de Hitler se decepcionaram com o conteúdo, pois nada tinha a ver com o que eles esperavam, ou seja, a revista não tinha uma orientação nazista. A publicação foi decididamente vetada.

Em 1941 Hitler declarou o povo polonês como um povo de escravos. A primeira diretriz para executar seu plano foi dizimar a classe intelectual e as lideranças capazes de oferecer resistência, logo, Maximiliano Kolbe estava na mira.

Niepokalanow recebia quase 2 mil cartas por dia. Todas eram respondidas!

Padre Kolbe ajudava espiritualmente todos que escreviam para Niepokalanow.

No dia 17 de fevereiro, a Gestapo – polícia nazista – leva Padre Kolbe para a Prisão de Pawiak, uma espécie de triagem de onde saiam os prisioneiros para os campos de trabalho forçado.

Frei Maximiliano, que sempre esteve acostumado a obediência, ficou serenamente preso, com seu hábito franciscano e seu grande rosário preso a cintura, o qual ele estava sempre rezando. Este gesto, a oração do rosário, deixou um dos guardas furioso. O oficial nazista segurou o crucifixo do rosário e perguntou enfurecido se o Padre Kolbe acreditava naquilo. O futuro santo responde que sim. O guarda então lhe dá um tapa e repete a pergunta.

— *Sim, eu creio.*

Esta foi sempre a reposta do inocente Frei.

O oficial, sem acreditar no que estava vendo, começou a lhe esmurrar cada vez mais forte. E indignado com a resposta, perde a paciência e parte para os pontapés e socos. O espanca até quase a morte, e deixa seu corpo estirado no chão.

Seus colegas de cela o levantaram e Padre Kolbe, com o rosto quase desfigurado, sorri e diz que está tudo bem. A partir deste dia, o guarda ordenou que lhe dessem um macacão e levassem sua veste franciscana, a qual ele jamais voltaria a vestir.

Em maio de 1941, Padre Kolbe foi transferido para o campo de Auschwitz, onde passou a ser chamado apenas de 16670, o número que tatuaram em seu braço esquerdo. Auschwitz era um campo de horrores infernais, como o mundo ainda não tinha visto igual. Quatro milhões de seres humanos inocentes foram assassinados ali. Os nazistas montaram neste lugar uma eficiente máquina da morte, onde massas de prisioneiros eram mortas asfixiadas por gases letais. Os restos mortais daquela multidão de vítimas eram cremados em enormes fornos, tudo feito da maneira mais eficiente possível. Muitos católicos, inclusive sacerdotes, foram mortos ali. Não havia julgamentos, os prisioneiros eram simplesmente mandados para lá para serem mortos sumariamente.

O trabalho do Padre Kolbe era transportar brita, cortar árvores e levar lenha de um canto a outro. Certa vez, não conseguiu levar um tronco grande demais e caiu, levou então cinquenta golpes de um guarda que o deixou desacordado. Os outros prisioneiros cobriram seu corpo com ramos, como faziam com outros que iam caindo mortos durante o trabalho. Mas ao cair da noite ele aparece na cela, ainda não foi desta vez que conseguiriam matá-lo.

Nos dias que se seguiram ele estava com muita febre por causa da tortura empregada, foi transferido então para a ala dos infectos. Lá ele não reclamava de nada, simplesmente conversava com Deus, algo que logo chamou a atenção dos outros prisioneiros, que vinham até seu leito de palha para pedir palavras de esperança. Nesse tempo ele repetia sempre: “O ódio não constrói nada. É o amor que salva”. Sua febre passou e suas feridas se fecharam, foi então levado para o Bloco 14.

No dia 20 de julho, um dos prisioneiros do Bloco fugiu. E como regra, se um fugisse, dez morreriam. Daqui em diante segue o testemunho deixado pelo senhor Borgowiec, colega de campo do Padre Kolbe, em Auschwitz:

Desde o dia 29 de julho até a noite do dia 30 ficamos no pátio de pé, sem comer, sem beber, sem dormir; a noite foi muito fria e de dia fez calor. Os soldados colocavam comida na nossa frente e a jogavam no chão. Alguns, já sem força, morreram ali mesmo. Eu, o padre Kolbe e o Franciszek estávamos na mesma fila, a 5ª ou a 6ª. Fritz, o oficial alemão, andava entre as filas e quando parava diante de um prisioneiro, significava que era o seu fim, estava condenado. Ele estava escolhendo dessa forma os dez prisioneiros que iriam morrer em represália pela fuga da véspera. Quando Fritz se aproximou de mim, minhas pernas tremiam, a visão sumiu, meu único desejo era viver. Eu rezava: "Deus, não deixa ele me escolher!" Naquele momento não podíamos ter nenhum tipo de reação, não podíamos nem mesmo mudar a expressão do rosto, porque isso já seria suficiente para morrer.

Quando os dez foram escolhidos e tudo acabou, foi um alívio. Um dos escolhidos para morrer, o jovem sargento Franciszek Gajowniczek, gritou lamentando que nunca mais veria sua mulher e os filhos. De repente, alguém sai da fileira. Todos ficaram horrorizados, era o padre Maximiliano Kolbe! O silêncio era absoluto, só se ouviam os seus passos em direção a Fritz. Ele estava muito calmo e disse para o oficial alemão: "eu quero morrer no lugar desse homem". O alemão, pego de surpresa, lhe perguntou: "quem é o senhor?". Isso foi notável, era a primeira vez que ouvíamos um oficial alemão chamar um prisioneiro de senhor. Eles só nos chamavam com insultos. Frei Maximiliano respondeu: "Sou um polonês, sacerdote católico. Este homem tem mulher e filhos". Fritz aceitou a troca.

Maximiliano Kolbe

Os nazistas escolheram uma morte terrível para os dez prisioneiros escolhidos para morrer: a fome. Eles seriam mortos pela fome. Os dez foram despidos, e foram fechados numa pequena cela totalmente escura no porão de um dos blocos. Na cela, Frei Maximiliano liderou o grupo com orações e cânticos. Nas duas semanas que se seguiram, os presos iam morrendo um a um, sempre consolados pelo frade. Na terceira semana ainda havia quatro vivos, entre eles o frágil Padre Kolbe. Os nazistas perderam a paciência e decidiram matar os sobreviventes com uma injeção de ácido fênico. O Padre Kolbe calmamente estendeu seu braço para o carrasco. Um prisioneiro que foi mandado ao pavilhão onde estavam os agonizantes, viu os últimos momentos de frei Maximiliano: "Encontrei o padre Maximiliano Kolbe sentado no chão, apoiado na parede, com os olhos abertos e a cabeça inclinada. A sua face era radiante e serena".

E assim ele faleceu santamente no dia 14 de agosto de 1941, às 12h50, vigília da festa da Assunção de Nossa Senhora. Finalmente concretizou sua visão da Imaculada, vestiu a coroa do martírio oferecida pela Mãe de Deus quando ele ainda era uma criança. Seus restos mortais foram cremados ali mesmo em Auschwitz, e suas cinzas foram jogadas ao vento. Profeticamente, numa carta, anos antes, o Padre Kolbe escrevera: "Quero ser reduzido a pó pela Imaculada e espalhado pelo vento do mundo".

Depois da guerra foi iniciado na Polônia um movimento por sua beatificação. Todos que o conheceram o tinham por santo. Ele irradiava bondade e o amor de Deus ao próximo. Em 1971, trinta anos após sua morte, o Papa Paulo VI proclamou a heroicidade de suas virtudes, e o declara então beato confessor da fé.

No ano de 1982 o Papa João Paulo II o canoniza solenemente no Vaticano, reconhecendo os milagres atribuídos à sua intercessão e o proclamando Mártir da Caridade. Franciszek Gajowniczek, o homem salvo pelo padre Kolbe, estava presente na cerimônia. Na homilia da Missa de canonização, o Papa assim se expressou: "... Um grande amor por Cristo e um desejo de martírio acompanhavam-no no caminho da vocação franciscana e sacerdotal. Maximiliano não morreu, ele deu sua vida pelo irmão. É por isto que sua morte tornou-se sinal de vitória. Vitória sobre todo o sistema de desprezo e ódio do homem e daquilo que no homem há de divino, vitória semelhante àquela que levou Jesus Cristo ao Calvário". Disse ainda com voz forte: "Olhai, olhai do que é capaz o homem que se dedica a Cristo por meio de Maria Imaculada".

Cela na qual morreram os 10 condenados, pela tentativa de fuga de um prisioneiro. Entre os condenados estava Padre Kolbe, que trocou de lugar com um pai de família.

“eu quero morrer no lugar desse homem”

A entrada para Auschwitz, onde Maximiliano viveu seus piores momentos, mas que também o ajudaram a chegar mais perto do Céu.

Festa Litúrgica em 14 de agosto

TERESA DE CALCUTÁ

TERESA DE CALCUTÁ

O Sorriso Materno de Deus

☆ 1910 ✝ 1997

"Não usemos bombas nem armas para conquistar o mundo. Usemos o amor e a compaixão. A paz começa com um sorriso."

"Na presença da Madre Teresa, todos nos sentimos, com razão, um pouco humilhados e envergonhados de nós mesmos".

Esta frase pronunciada pelo Primeiro Ministro da Índia, Indira Gandhi, em discurso oficial perante a Assembléia geral da ONU em Nova York, é muito significativa do que foi a beata Madre Teresa de Calcutá.

Agnes Gonxha Bojaxhiu, seu nome de batismo, nasceu no dia 26 de agosto de 1910, onde é hoje a Macedônia. Essa região dos montes balcânicos, com uma incrível mistura de etnias, línguas e religiões, fazia parte da Iugoslávia. Com a queda do comunismo e de sua ditadura, a Macedônia proclamou sua independência. Aí vivem povos bem diferentes. Os pais de Agnes pertenciam à minoria albanesa que vivia no sul da antiga Iugoslávia, e apesar de estarem entre muçulmanos, os pais de Agnes eram católicos fervorosos.

Seu pai faleceu quando ela tinha apenas nove anos, o que obrigou sua mãe a sustentar a família fazendo bordados. Agnes teve de ir para uma escola do estado. Desde pequena rezava muito e tinha muita devoção a Nossa Senhora e a Santa Terezinha. Ela ajudava muito em sua paróquia. Com apenas 10 anos ela já dirigia o coro da igreja. Era inteligente, aprendia tudo com facilidade e tinha uma linda voz. Foi membro ativo da Congregação Mariana da paróquia. Nas reuniões da Congregação eram lidas cartas de missionários na Índia que contavam a situação terrível daquele povo. Isso lhe causava profunda impressão. Ela era tocada tanto pela miséria material, quanto pela espiritual.

Ao completar 18 anos, em 1928, ela refletiu seriamente sobre se consagrar inteiramente a Deus na vida religiosa. Sua mãe concordou e ela entrou na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora de Loreto, perto de Dublin, na Irlanda. Logo ao entrar no convento, Agnes não escondeu que seu grande objetivo era ser missionária na Índia. A superiora decidiu então que ela faria seu noviciado já no país onde ela se sentia chamada. Poucos meses depois de entrar na Congregação, ela foi enviada para a cidade de Darjeeling, no norte da Índia, lugar famoso por seus ótimos chás. As Irmãs de Loreto possuíam ali um colégio onde a irmã Agnes ajudava e fazia seus estudos.

No dia 24 de maio de 1931, fez sua profissão religiosa, fazendo votos temporários de pobreza, castidade e obediência. Nessa ocasião ela escolheu seu novo nome religioso: "Escolhi chamar-me Teresa, mas não foi pela grande Teresa que escolhi esse nome (referindo-se à Santa Teresa D'Ávila), mas sim pela pequena, Sta. Teresinha".

Madre Teresa com seu olhar que marcou a vida daqueles que se cruzaram com ele.

Teresa passou a lecionar história e geografia num outro colégio das irmãs, em Calcutá, o colégio Saint Mary's. Ela gostava de ensinar e se relacionava muito bem com suas alunas, que gostavam muito dela. Em maio de 1937 fez seus votos perpétuos. Pouco tempo depois foi nomeada diretora deste colégio. Tudo ia muito bem para a jovem freira neste colégio para as filhas das famílias mais ricas de Calcutá. Mas a irmã ficava profundamente impressionada com a espantosa miséria que via nas ruas da cidade. Gente morrendo de fome, doentes deitados nas ruas sem nenhuma assistência médica, e sem receber nenhum amor ou assistência espiritual.

O dia 10 de setembro de 1946 marcou sua vida e a história da Igreja. Ela assim narrou o que aconteceu: "Eu ia de trem de Calcutá a Darjeeling, para fazer meu retiro. Nunca é fácil dormir nos trens, mas tentar fazê-lo num trem da Índia é impossível. Tudo range, há um penetrante odor de sujeira devido ao amontoado de homens e animais, todo um detrito de humanidade, de cestos e de galinhas cacarejando... naquele trem, aos meus trinta e seis anos, percebi no meu interior um chamado para renunciar a tudo e seguir a Cristo nos subúrbios, a fim de servi-Lo dentre os pobres dos mais pobres. Compreendi que Deus desejava isso de mim..."

Ela pensava, cheia de amor, nos miseráveis de Calcutá que todas as noites morriam pelas ruas e que na manhã seguinte eram recolhidos pelos carros da limpeza pública como se fossem lixo. Não conseguia se acostumar com as cenas terríveis de pessoas esqueléticas morrendo de fome e passou aquela noite no trem meditando sobre isso. Sua conclusão foi bem concreta: "o que eu posso fazer por estes miseráveis?" Ela ficou angustiada, pois amava o que fazia, gostava de lecionar, era querida na congregação, onde levava vida tranqüila de oração e trabalho no colégio. Porém, dentro dos regulamentos estritos da Congregação não podia fazer quase mais nada. Mas Deus não a chamava para dar mais? Para se dar por inteiro a fim de ajudar os milhões de infelizes que perambulavam pelas ruas sem teto, sem família, sem nada?

Foi com todas estas perguntas que a angustiavam que a irmã Teresa foi falar com o arcebispo de Calcutá, Dom Fernando Périer. Não seria o caso dela deixar tudo para ajudar aquele povo da rua? A resposta do arcebispo foi um "não" categórico. Mais tarde, a irmã escreveu sobre isso: "não podia ser outra a sua resposta. Um bispo não pode autorizar a primeira freira que lhe aparece com projetos estranhos de ajudar o povo da rua com o argumento que essa parece ser a vontade de Deus". A irmã Teresa voltou com entusiasmo às suas tarefas diárias no colégio. Recebia a todo momento manifestações de carinho e apreço por parte das alunas e das demais freiras. Apesar de ter aceito a negativa do bispo com bom espírito, procurando esquecer a idéia de um chamado diferente, a imagem dos miseráveis morrendo voltava à sua mente.

Depois de um ano, ela decidiu voltar a falar com o bispo, mas dessa vez preparou bem sua argumentação, dando ênfase em que aceitaria a resposta qualquer que ela fosse. O arcebispo ficou impressionado com o fervor, a persistência e a simplicidade daquela irmã tão pequena e frágil. O arcebispo pensou bem no que responder e decidiu aceitar o pedido, desde que a madre superiora da Congregação também aceitasse.

Irmã Teresa escreveu logo uma carta para a superiora explicando seu plano de se dedicar sozinha a ajudar os mais miseráveis, mas mantendo sua condição de religiosa. A superiora viu no pedido a mão de Deus e autorizou. Em sua carta de resposta, concluiu: "Se essa é a vontade de Deus, autorizo-te de todo coração. De qualquer maneira, lembra-te sempre da amizade que todas nós te consagramos. Se algum dia, por qualquer razão, você quiser voltar para o meio de nós, fique sabendo que te receberemos com o amor de irmãs". O arcebispo então pediu autorização do Vaticano para a irmã sair da Congregação "para viver só, fora do claustro, tendo Deus como único protetor e guia, no meio dos mais pobres de Calcutá". A resposta do Papa só chegou no dia 12 de abril de 1948 e especificava que ao sair da Congregação, a irmã continuava religiosa, sob a obediência do arcebispo de Calcutá.

A saída foi muito difícil, para ela, para as demais freiras e para as alunas. Todos já a chamavam de Madre Teresa. Ela foi primeiramente fazer um curso de enfermagem, que julgava indispensável para o trabalho que iria iniciar. Ao mesmo tempo, requereu a nacionalidade indiana, que obteve em dezembro de 1948. Tendo saído da Congregação, tinha de escolher um novo hábito. Numa loja simples, encontrou um sari, roupa típica das mulheres indianas, bem simples, de tecido grosseiro branco com as bordas azuis. Colocou sobre ele um crucifixo. Era um traje de mulher simples indiana e com o símbolo cristão. Ela saiu pelas ruas, formou grupos de crianças a quem ensinava o alfabeto, noções de higiene e de moral. Os grupos iam crescendo, as crianças a amavam à primeira vista. Visitava os enfermos nas ruas, levando palavras de consolo, limpando-os, mas não tinha nada para lhes dar. Logo ela ficou conhecida e quando passava, os miseráveis gritavam, "Madre Teresa, Madre Teresa!" Eles já se contentavam só com o amor que percebiam nela.

Mas aquele início foi muito duro. Ela não tinha nada, nem dinheiro, nem remédios, nada para aqueles famintos e doentes, mas precisava urgentemente de alguma casa onde pudesse abrigar os mais necessitados. Ela, que era muito sociável, se sentia numa solidão terrível. Um dia ela decidiu se dedicar só ao mais urgente: achar alguma casa, algum prédio onde pudesse abrigar os mais doentes que jaziam pelas ruas. Passou o dia inteiro caminhando por Calcutá, sem achar nada. No final do dia, estava exausta e desanimada. Aí bateu a tentação de voltar para a vida tranqüila e confortável do colégio das freiras. Para combatê-la, compôs esta belíssima oração em forma poética:

Meu Deus,
Por livre escolha
E por teu amor,
Desejo permanecer aqui
E fazer o que a tua vontade
Exige de mim.
Não! Não voltarei atrás.
A minha comunidade são os pobres.
A sua segurança é a minha.
A sua saúde é a minha.
A minha casa é a casa dos pobres.
Não apenas dos pobres
Mas dos mais pobres dentre os pobres
Daqueles de quem as pessoas já não querem nem se aproximar
com medo do contágio e da sujeira
porque estão cobertos de micróbios e vermes.
Daqueles que não vão rezar porque não podem sair nus de casa.
Daqueles que já não comem porque já não têm força para comer.
Daqueles que se deixam cair pelas ruas,
conscientes de que vão morrer,
e ao lado dos quais
os vivos passam sem lhes prestar atenção.
Daqueles que já não choram,
Porque se lhes esgotaram as lágrimas;
dos intocáveis.

Ela estava nessa aflição, sem recursos, sem casa, rodando pelas ruas de Calcutá, quando encontrou um padre que fazia uma coleta para um jornal católico. Ela só tinha uma rúpia (moeda de pouco valor da Índia) e entregou ao padre. Continuou andando e confortando os doentes nas ruas, quando horas depois, se encontrou com o mesmo padre. Este lhe disse que um senhor acabara de lhe dar um envelope com 50 rúpias para ajudar os pobres. O padre lhe ofereceu o envelope. Ela viu nisso um primeiro sinal de que Deus não a abandonaria.

O maior sinal de Deus, porém, veio de onde ela menos esperava. Um dia, uma de suas antigas alunas, uma moça muito bonita, inteligente e bem preparada, de família muito rica, procurou a madre para lhe dizer que queria também deixar tudo para servir os mais pobres. A madre achou melhor testá-la e lhe disse que isso era algo muito difícil, que exigia uma vocação especial para aguentar a vida dura das ruas. E lhe disse: "Minha filha, pensa melhor, reze mais e daqui algum tempo, venha falar comigo". A jovem foi, pensou, rezou e veio dizer à Madre que tinha certeza que era isso que Deus pedia a ela. Logo depois apareceu outra ex-aluna, depois outra e mais algumas. Sem nenhuma propaganda, todas queriam seguir o exemplo daquela Madre que elas amavam tanto. O notável é que elas eram das castas superiores da Índia, não só eram de famílias ricas, mas pelo rígido sistema de castas, elas eram consideradas superiores ao povo e não deviam se misturar com os demais, e muito menos com os miseráveis. A Madre assim explicou o que estava acontecendo: "Elas se despojavam com íntima satisfação de seus saris luxuosos para serem revestidas com o nosso humilde sari de algodão. Vinham sabendo que era algo difícil. Quando uma filha das velhas castas se coloca a serviço dos párias (a casta mais baixa, considerada a dos intocáveis) trata-se de uma revolução. A maior de todas. A mais difícil: a revolução do amor!"

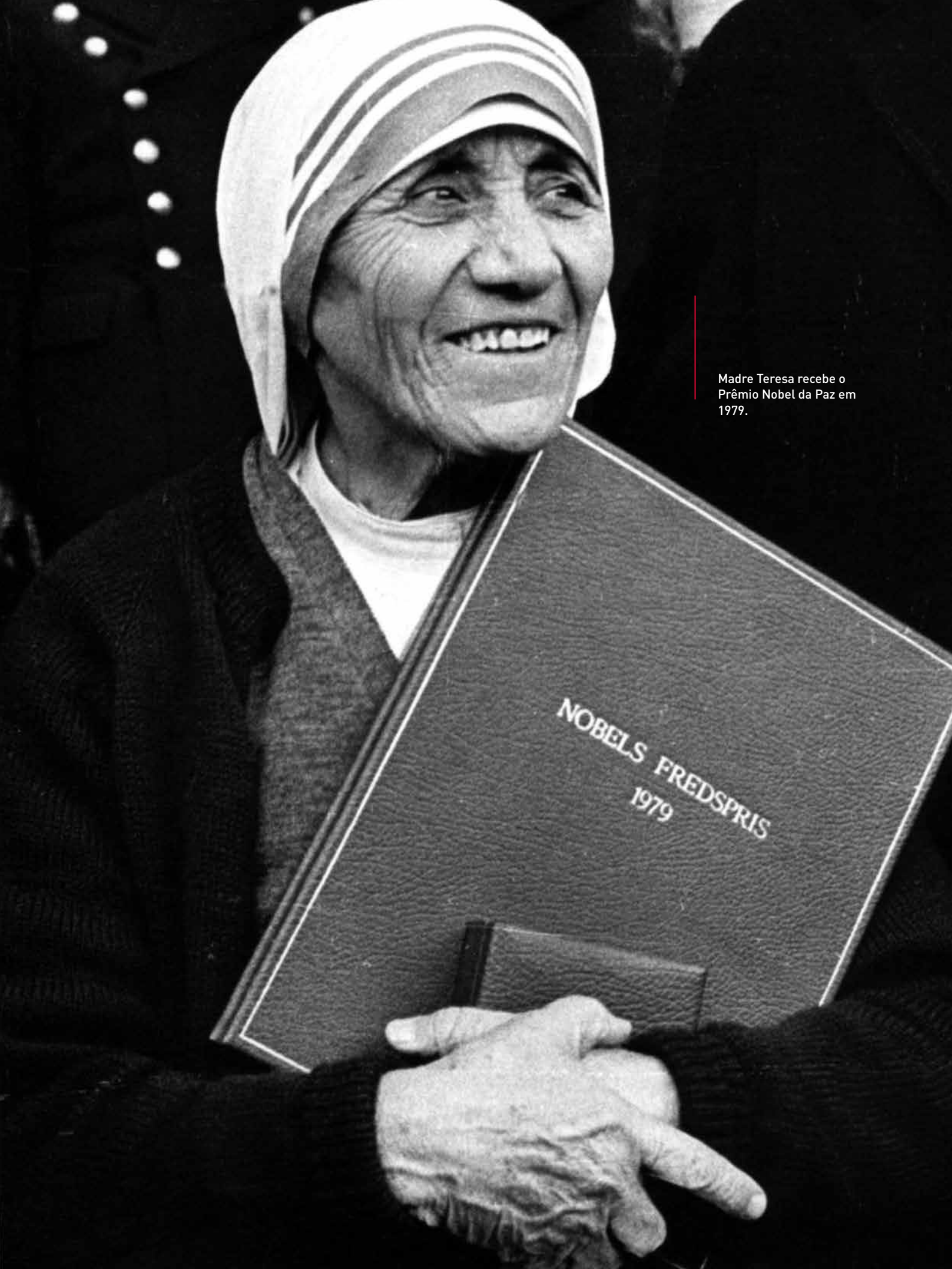
Madre Teresa com jovens em uma de suas viagens.

Madre Teresa organizou então uma vida regular religiosa para as moças que chegavam. Logo a casa ficou lotada. As moças se dedicavam neste início especialmente à educação das crianças, feitas em grupos formados nas ruas. A madre foi ensinando às jovens o amor pelos mais infelizes, pelos doentes graves encontrados nas ruas: "O primeiro trabalho com os doentes e moribundos recolhidos na rua era lavar-lhes o rosto e o corpo. A maior parte deles nem conhecia sabão, e a espuma lhes dava medo. Se as irmãs não vissem nestes infelizes o rosto de Cristo, este trabalho ser-lhes-ia impossível. Nós queremos que eles saibam que há pessoas que os amam de verdade. Aqui eles encontram a sua dignidade de homens e morrem num silêncio impressionante... Os pobres não merecem só que os sirvamos, merecem também alegria e as irmãs oferecem-na em abundância. O próprio espírito de nossa Congregação é de abandono total em Deus, de amor confiante, cheio de alegria..."

Cada irmã vive em extrema pobreza, tal como os miseráveis que elas ajudam. Cada uma tem como roupa apenas dois saris brancos de algodão bem simples e barato, um jogo de roupa interior, um prato de metal esmaltado, um par de sandálias, um pedaço de sabão, um travesseiro, um colchonete bem fino, dois lençóis e um balde. Ao menor sinal, as irmãs precisam estar preparadas para partir para qualquer lugar. A Madre escreveu as regras e constituições da nova Congregação que nascia. O arcebispo as aprovou e as enviou ao Vaticano, que as reconheceu em 1950.

A Madre logo abriu um lar infantil para crianças abandonadas e o famoso "Lar para Moribundos", no qual ela passava a maior parte de seu tempo, preparando os doentes para morrer e ministrando-lhes os cuidados médicos básicos que fossem possíveis. Ao ouvir falar dessa obra incrível, muita gente queria visitá-la, as doações começaram a chegar de toda a Índia e mais tarde, com as notícias da imprensa se espalhando, elas vinham de todo o mundo. As vocações também chegavam em grande número. Parecia que o exemplo daquela pequenina e aparentemente frágil freira, era irresistível. Novas casas começaram a ser abertas em outras grandes cidades da Índia onde abundavam os muito pobres.

Mas nem tudo eram flores. O primeiro lar para moribundos ficava bem ao lado de um templo hinduísta da deusa Kali, e anexo havia uma hospedagem para os peregrinos que vinham de longe visitar esse templo. Os monges do templo pagão ficaram furiosos que uma freira católica tivesse a ousadia de se instalar a seu lado e – afronta ainda maior –para tratar de miseráveis intocáveis, de quem eles nem chegavam perto. Vendo que não havia outra saída, os monges pagãos resolveram matar aquela freira que profanava as redondezas de seu santuário levando para lá todo aquele lixo humano. A madre logo ficou sabendo do que eles planejavam e um dia foi falar com o chefe dos monges. E lhe disse: "Se vocês querem me matar, matem-me agora mesmo, mas não façam mal aos meus pobres moribundos". O chefe dos monges fixou seu olhar naquela freirinha e ficou impressionado. Ele depois disse aos seus subordinados: "Observei com todo cuidado aquela mulher e a minha impressão foi a de que ao olhar para ela vi a própria deusa em ação. Não façam, portanto nenhum mal a essa mulher".

Madre Teresa, a serviço do amor e da caridade aos menores de nosso mundo.

Madre Teresa recebe o Prêmio Nobel da Paz em 1979.

Pouco a pouco, os monges começaram a se tornar seus amigos. Um dia, um deles contraiu tuberculose. Na Índia, os tuberculosos são abandonados por medo de contágio. O monge doente veio pedir refúgio à Madre Teresa, que o recebeu com amor. Ele blasfemava com freqüência contra Deus por causa da doença. As irmãs foram pouco a pouco mudando sua atitude. No final estava sereno e conformado. Os outros monges vinham visitá-lo e se admiravam da mudança conseguida pelas freiras. Ele morreu em paz e este fato fez com que os monges e seu público ficassem amigos da Madre Teresa e de suas freiras.

Seu trabalho, sua personalidade e capacidade em conseguir tudo através do amor e do despojamento, ganharam fama mundial e, em 1960, o Papa Paulo VI lhe concedeu um passaporte diplomático do Vaticano para que ela fosse mediadora em questões humanitárias mundo afora.

Em 1973, abriu uma seção para leigos fazerem parte espiritualmente de sua congregação - em poucos anos já havia mais de 50.000 pessoas inscritas. A Madre passou a viajar pelo mundo abrindo novas casas e ensinando suas discípulas. Mas fazia questão absoluta de passar uma parte de seu tempo cuidando dos doentes mais graves em seu lar para os Moribundos de Calcutá. A cada dia, ela escolhia os que estavam em pior estado para cuidar pessoalmente.

A Madre fundou um ramo masculino da Congregação em 1976 e em 1979 foi fundado um ramo contemplativo dos irmãos. Em 1976 ela também fundou um ramo contemplativo feminino. Dada a expansão inacreditável de sua obra por todo o mundo, a imprensa passou a tratar deste verdadeiro fenômeno social de nossos tempos. Aonde esta humilde freirinha ia, lá estava a imprensa internacional para ouvi-la. Ela, que foi tão avessa à publicidade e a aparecer diante do público, aproveitou para fazer o bem em declarações à imprensa. O Papa João Paulo II a encorajou pessoalmente a ser uma espécie de "embaixadora" da Igreja perante o mundo, aceitando os convites que chegavam de todas partes. Até a ONU a convidou a falar. O secretário geral da ONU na época, declarou ao apresentá-la aos delegados: "Essa é a mulher mais poderosa do mundo".

A madre recebeu o Premio Nobel da Paz em 1979 e numerosos outros prêmios. Dezenas de universidades lhe concederam o título de doutora Honoris Causa, inclusive de algumas das mais prestigiosas do mundo. Recebeu incontáveis medalhas, até da extinta União Soviética, que se considerava atéia. Personalidades a nível mundial iam visitá-la na Índia, como a princesa Diana da Grã Bretanha, que depois confessou ter sentido inveja das freiras da Madre, que haviam deixado tudo para servir os pobres.

Em 1990, ela pediu ao Papa João Paulo II para ser substituída na direção da Congregação, pois as irmãs a haviam reeleito apesar de seus protestos. Ela já sentia que sua saúde fraquejava. O Papa, porém, a confirmou no cargo. Na eleição, das 60 irmãs superioras votantes, o único voto contra ela foi o dela mesmo.

À primeira vista, parecia que tudo corria bem para a Madre, tal como, muito anos antes, quando era professora do colégio de freiras. Depois de sua morte, seu confessor, o padre Kolodiechuk, publicou algumas de suas cartas espirituais, por onde se vê que ela sofria de uma terrível aridez espiritual que a fazia sofrer muito. Ela não sentia consolação nenhuma, era como se Deus a tivesse abandonado. Mas ela ia em frente, como se tudo estivesse bem. Nunca se queixou, nem comentou isto com as demais irmãs e com ninguém. Só o padre que a confessava sabia de sua "noite escura" por conversas e cartas.

Seu coração dava mostras de estar cansado. Em 1989 já havia tido um enfarto e foi implantado um marca-passo. Em 1997, ao chegar de uma viagem aos EUA, ela se sentiu mal. Era o dia 5 de setembro. Às 21h30 a incansável madre Teresa morreu em grande paz, na casa sede da Congregação em Calcutá. Seu corpo foi transferido para a Igreja de São Tomás, anexa à sua primeira casa, que ela havia fundado 45 anos antes. Naquele momento, a Congregação já contava com cerca de 4.000 irmãs espalhadas em 600 fundações situadas em 123 países, sempre cuidando dos mais pobres e dos mais abandonados.

A Índia, que não é um país cristão, declarou luto oficial e seu enterro foi declarado funeral de Estado (só concedido a chefes e ex-chefes de Estado). O povo da Índia chorou sua morte, pois era muito querida por todos, cristãos e pagãos. A fila para ver seus corpo tinha quilômetros por dias a fio; nela estavam misturados ricos burgueses e suas famílias, pessoas de classe média e uma imensa multidão de pobres e miseráveis. Havia cristãos, pagãos e muçulmanos. As pessoas vinham a pé, em carros de luxo, em aviões, em trens e ônibus super lotados. Nunca na Índia se viu algo daquele gênero. A Missa de corpo presente foi celebrada no maior estádio da Índia pelo Secretário de Estado do Vaticano o Cardeal Sodano. O cortejo fúnebre pelas ruas de Calcutá reuniu a maior multidão já vista naquela enorme cidade. Numerosos chefes de Estado compareceram ao enterro, inclusive reis e rainhas. Mensagens de pêsames chegavam aos milhares de personalidades de todo o mundo. Seu enterro foi transmitido por centenas de televisões e rádios de todo o planeta. Calcula-se que cerca de um bilhão de pessoas viram ou ouviram a cerimônia.

Seu processo de beatificação foi iniciado pouco depois de seu falecimento. Sua fama de santidade era tão grande, que muitos se perguntavam se era necessário todo um processo para se verificar o óbvio. Mas o processo foi feito, e como estava tudo muito comprovado e sua santidade era evidente, foi o processo de beatificação mais rápido da história. Em apenas quatro anos estava concluído. É necessário pelo menos um milagre cientificamente comprovado para a beatificação. No caso da Madre, havia dezenas deles. Foi escolhido um caso impressionante de uma mulher indiana, Monika Besra, que tinha meningite tubercular e um tumor tão volumoso no ovário direito, que parecia estar grávida de seis meses. Sem nenhuma explicação médica, o tumor desapareceu. Sua beatificação foi feita pelo Papa João Paulo II na Praça de São Pedro a 19 de outubro de 2003.

Aquela mulher pequenina e aparentemente frágil, que havia abandonado o mundo e uma vida confortável, que havia iniciado sua obra sem um centavo, que havia levado uma vida de extrema pobreza, agora tinha o mundo a seus pés, impressionado. O que foi que a moveu? O que foi que impressionou tanto o mundo? Foi algo muito simples e - como ela mesmo dizia - algo muito difícil de se praticar: o amor, um grande amor a Deus e a todos, sobretudo aos que mais sofrem. Foi a prática bem concreta dos princípios do Evangelho de Nosso Senhor. Para levar o amor evangélico ao ponto que ela levou, era preciso ser santa. Madre Teresa de Calcutá, sem dúvida, foi uma grande santa que em breve será canonizada.

Eis uma breve coletânea de algumas frases dela ditas à grande imprensa e que ficaram célebres

"Nós fazemos coisas ordinárias,
mas com um amor extraordinário."

"Vamos nos amar uns aos outros, como Deus ama a cada um de nós. E onde este amor começa? Na nossa própria casa! Rezando juntos."

"Nós não somos assistentes sociais. Nós podemos estar fazendo assistência social aos olhos de algumas pessoas, mas nós somos na verdade contemplativas no coração do mundo."

"O que eu faço, você não pode fazer; o que você faz, eu não posso fazer. Mas juntos, nós poderemos fazer uma coisa bonita para Deus."

"A santidade não é um luxo para alguns poucos.
Ela é simplesmente um dever para você e para mim."

"A criança é um presente de Deus para a família.
Cada criança é criada na imagem e semelhança de Deus para grandes coisas: para amar e ser amada."

"Temos medo da guerra nuclear e dessa nova doença, a AIDS, mas matar bebês inocentes não nos assusta."

"Um coração feliz é o resultado inevitável
de um coração ardente de amor."

"Nunca compreenderemos o quanto
um simples sorriso pode fazer."

“Amai-vos uns aos outros, como Jesus vos ama. Não tenho nada a acrescentar à mensagem que Jesus nos deixou. Para realizarmos este mandato devemos ter um coração puro e rezar. O fruto da oração é o aprofundamento na fé. O fruto da fé é o amor. E o fruto do amor é o serviço ao próximo.”
Teresa de Calcutá, Agosto de 1997

Festa Litúrgica em
5 de setembro

TERESINHA

TERESINHA

Uma Rosa no Jardim de Deus

☆ 1873 ✝ 1897

"Sim, quero passar o Céu fazendo o bem sobre a Terra".

Era o ano de 1887, dia 31 de outubro. Chovia muito. Teresinha se vestiu de branco. Arrumou os cabelos bem levantados, inocentemente ela queria parecer mais velha. Seu pai a acompanharia na audiência com o senhor bispo de Bayeux, Dom Hugonin. Os dois foram conduzidos pelo vigário geral, padre Révérony, que dizia ver "diamantes" nos olhos de Teresinha, tão forte era o brilho esperançoso da menina.

Chegando ao senhor bispo, pai e filha se ajoelharam para receber a bênção. Dom Hugonin fê-los sentar numa poltrona enquanto ele se acomodou numa simples cadeira.

Iniciando o diálogo, quando o bispo perguntou a Teresinha o que ela desejava, Dom Hugonin pôde ver as lágrimas caindo pelo rosto da menina que dizia:

— *Quero entrar para o Carmelo.*

O Pai de Teresinha também começou a falar as coisas mais belas a respeito da filha e o quanto ela desejava ser carmelita. O bispo, admirado, não escondeu seu contentamento e percebendo o coração disparado de Teresinha pergunta:

— *Minha filha, qual é mesmo a sua idade?*

— *Quinze anos, excelência.*

— *Quinze anos! Você não acha ser prudente esperar um pouquinho mais?*

— *Excelência, a voz que me chama não me fala em espera.*

— *Você tem certeza disso?*

— *Excelência, eu sei que Deus não tem pressa, mas ninguém pode atrasar quando Ele chama.*

Este foi um dos capítulos iniciais sobre a vocação de Teresinha, que se tornou uma das santas mais conhecidas do mundo. Ela nasceu numa cidade do interior da França, Alençon, a 2 de janeiro de 1873. Seus pais, Louis e Zélie Martin, eram muito religiosos, o pai havia tentado ser monge, mas percebeu que sua vocação estava no matrimônio.

Batizaram o bebê, que era o nono filho do casal, com o nome de Maria Francisca Teresa Martin. A família vivia confortavelmente, o pai era relojoeiro e joalheiro, e a mãe era uma empreendedora bordadeira - Alençon era, e ainda é, famosa pelos seus lindos bordados artísticos.

Ainda bebê, Teresinha teve uma forte enterite. Não sabendo mais o que fazer para curar sua pequena Teresa, a mãe conseguiu uma ama de leite que vivia numa vila próxima, a senhora Rose Taillé. O bebê morou com esta família por cerca de um ano. Os habitantes desta vila tinham o bonito costume de se presentear com rosas. É possível que a precoce convivência com a beleza e o perfume das rosas ao seu redor, tenha dado a Teresa a sua paixão por elas - ela gostava especialmente das rosas brancas e das vermelhas.

Quando Teresinha tinha três anos de idade, a mãe, Zélie, faleceu vítima de câncer. Teresa escolheu sua irmã Paulina como sua segunda mãe. A família mudou-se para uma pequena e tranqüila cidade próxima, chamada Lisieux. Viviam numa bela casa chamada "os Buissonets".

Apesar da falta da mãe, a família vivia feliz, com as irmãs mais velhas cuidando das irmãs menores e dos afazeres da casa. Eram cinco irmãs, pois as demais faleceram ainda bebês, coisa comum na época. O pai tinha um carinho especial para com Teresa, sua filha caçula, que chamava de "minha rainha". A menina recebeu desde muito pequena uma boa formação religiosa. Teve uma ótima educação, iniciada pelas freiras beneditinas, que tinham um colégio na cidade e que foi depois completada por uma professora particular. Desde pequena todos percebem que Teresa era muito piedosa, ela dizia que nunca iria recusar nada ao "bom Deus", ela daria tudo o que Ele lhe pedisse.

Quando Teresinha tinha 10 anos, ela adoeceu e tinha agitações, fortes tremores por todo o corpo, calafrios e dores muito fortes. O médico apenas conseguia dizer que era "um caso muito grave", tanto que disseram não haver esperança de cura. Mas em suas memórias, ela contou que um dia suas irmãs se ajoelharam ao lado de sua cama e rezaram ao lado de uma imagem de Nossa Senhora das Vitórias. Teresinha, mesmo fraca, também rezou e depois destas orações ela relatou que "de repente a Santíssima Virgem me pareceu bela, tão bela como jamais tinha visto algo de tão belo. Seu rosto respirava uma bondade e uma ternura inefáveis, porém o que me penetrou até o fundo da alma foi o 'encantador sorriso da Santíssima Virgem'". Depois deste "sorriso", Teresinha ficou completamente curada.

O fato mais tocante de sua infância, no entanto, foi a primeira comunhão, feita aos onze anos. Logo depois foi crismada. A comunhão marcou o início de uma vida espiritual mais séria, com uma profunda união de alma com Jesus. Até então, ela era piedosa, mas ainda uma criança. Desde a morte da mãe, ela chorava por qualquer coisa, era uma criança muito sensível e delicada, sua saúde nunca foi muito boa.

No Natal de 1886, aos 13 anos, ela recebeu uma graça muito grande que chamou de sua "conversão". Ela deixou ali definitivamente de ser criança e compreendeu que Deus queria que ela oferecesse a Ele todos os seus sofrimentos e todo o seu ser. Ela o fazia silenciosamente, nunca se queixando ou comentando o que lhe acontecia. Apesar de ainda muito nova, seu sonho já era o de se consagrar a seu Deus como carmelita. Só se soube disso depois de sua morte, ao se ler seu diário de memórias, que passou a ser conhecido como "História de uma Alma". Ali se lê como ela, com toda simplicidade, subia espiritualmente para conseguir uma grande união com Deus.

Celina e Teresa (à direita) em 1881

Num trecho de suas memórias sobre a época de sua conversão, ela escreveu: "quando falo em mortificações, não quero me referir às penitências dos santos. Longe de querer aparecer como aquelas almas de impressionante valor, que desde a infância se entregaram a toda sorte de penitências. As minhas mortificações são modestas e consistem primordialmente em quebrar a minha vontade, e assim, evitar qualquer resposta áspera, ou palavra de réplica, em prestar pequenos favores às pessoas de minha convivência e muitas outras iniciativas deste gênero. Desse modo, ia-me preparando com o exercício destes 'nadas', para ser uma digna esposa de Jesus, utilizando o tempo de espera para me aprimorar na renúncia de mim mesma, no cultivo da humildade e nas demais virtudes".

A essa altura, duas de suas irmãs já haviam entrado para o Carmelo, como freiras de clausura. O Carmelo é uma das congregações religiosas femininas mais rigorosas da Igreja. Uma das irmãs que havia entrado no Carmelo era sua segunda mãe, Paulina. Teresa ardia de vontade de seguir suas irmãs. Mas sua idade não o permitia, era preciso ser maior de idade para entrar. Seus rogos à madre superiora e ao bispo local não adiantaram. Mas uma palavra dita pela superiora do Carmelo a encheu de esperança: só o Papa poderia abrir uma exceção.

Em 1887, seu pai decide participar de uma peregrinação a Roma e a convida ir junto. Teresa vê a oportunidade de ouro para pedir ao Papa a dispensa para entrar no convento aos 15 anos de idade.

O Papa nesta época era Leão XIII. Teresa estava disposta a pedir diretamente ao Sumo Pontífice a autorização tão desejada para entrar no Carmelo. A peregrinação ficou seis dias em Roma visitando as numerosas maravilhas da "cidade eterna". No último dia, tiveram uma audiência com o Papa e a pequena Teresa assim descreveu o encontro:

"Às oito horas, nossa emoção foi profunda ao ver o Papa entrar para celebrar a santa Missa... Meu coração batia muito forte e minhas orações eram muito fervorosas ...O Evangelho desse dia continha essas palavras animadoras: 'Não tenhais medo, pequeno rebanho, porque foi do agrado do vosso Pai dar-vos o seu reino'. Eu não tinha receio, esperava que o reino do Carmelo fosse meu em breve. Eu não pensava, então, nessas palavras de Jesus: 'Preparo para vós, como o Pai preparou para mim, um reino'. Isto é, reservo para vocês cruzes e provações; só assim sereis dignos de possuir esse reino pelo qual ansiais. Como foi necessário que Cristo sofresse e assim entrasse em sua glória, se nós desejarmos ter um lugar junto a Deus, bebei do mesmo cálice que ele bebeu!... Este cálice foi-me apresentado pelo Santo Padre, e minhas lágrimas misturaram-se à amarga bebida que me era oferecida. Depois da Missa de ação de graças, a audiência começou. Leão XIII estava sentado numa grande poltrona, vestido simplesmente de uma batina branca. Ao redor dele estavam cardeais, arcebispos e bispos... Passávamos diante dele, cada romeiro se ajoelhava... recebia sua bênção... foi-nos avisado que estava proibido falar com o Papa, pois a audiência estava se prolongando demais... virei-me para minha irmã Celina a fim de consultá-la: 'fala!' Disse-me ela. Um instante depois, eu estava aos pés do Santo Padre. Tendo eu beijado sua sandália, ele me apresentou a mão. Em vez de beijá-la, pus as minhas sobre as dele e levantando para o rosto dele meus olhos banhados em lágrimas, exclamei: 'Santíssimo Padre, tenho um grande favor para pedir!' Então, o Soberano Pontífice inclinou a cabeça, de maneira que meu rosto quase encostou no dele... 'Santíssimo Padre - eu disse - em honra do seu jubileu, permita que eu entre no Carmelo aos 15 anos...

Virando-se para o padre diretor da romaria, que me olhava surpreso e descontente, o Santo Padre disse: 'não compreendo muito bem!' '...Santíssimo Padre - respondeu o padre diretor - é uma criança que deseja ingressar no Carmelo aos 15 anos, mas os superiores examinam a questão nesse momento'. 'Então, minha filha - respondeu o Santo Padre - olhando-me com bondade - faça o que os superiores disserem'. Apoiando minhas mãos sobre seus joelhos, tentei um último esforço e disse com voz suplicante: 'Oh! Santíssimo Padre! Se o senhor disser sim, todos vão estar a favor!' Ele me olhou fixamente e pronunciou as seguintes palavras, destacando cada sílaba: 'Vamos, vamos, você entrará se Deus quiser'... A bondade do Santo Padre me animava e eu queria falar mais, porém dois guardas tocaram-me polidamente para me fazer levantar. Vendo que isto não era suficiente, me seguraram pelos braços... e foi pela força que me arrancaram dali... No momento em que eu estava sendo retirada, o Santo Padre colocou sua mão nos meus lábios e levantou-a para me abençoar. Então meus olhos se encheram de lágrimas...".

Alguns meses depois, o bispo aceitou a entrada de Teresa no Carmelo para dali a três meses, após a Quaresma de 1888. No dia 9 de abril, Teresa foi finalmente aceita no convento de Lisieux. Na véspera, a família toda se reuniu para o último jantar. O pai quase não falava, mas olhava sua querida Teresa com muito amor e carinho. Muitas lágrimas foram derramadas. No dia seguinte de manhã, eles se reuniram na capela do Carmelo. Ao final da Missa, toda a família chorava, só Teresa estava contente: o grande dia havia chegado. Antes de atravessar a porta do convento, Teresa caiu de joelhos e pediu a seu pai para abençoá-la. O pai a abençoou chorando. Instantes depois, as portas do convento se fechavam por trás de Teresa, separando-a do mundo exterior.

Teresa em 1888. Ela tem os cabelos penteados para o alto, tal como os usara, a fim de parecer mais velha.

Ao entrar no convento de clausura, Teresa não só realizava seu sonho de se consagrar a Deus, mas dava um grande passo no desenvolvimento de um novo caminho para a santidade. Ela estava decidida a ser santa. Tinha um imenso desejo de fazer grandes coisas por Deus, de salvar muitas almas, de ser uma grande missionária em terras longínquas, em fazer grande sacrifícios por Deus e pelas almas. Mas ela própria, em sua humildade, acreditava que era fraca, que não tinha grandes qualidades humanas, nem muitos estudos, tudo nela era de pequenas dimensões.

Apenas dois anos e meio após sua entrada no Carmelo, Santa Teresinha fez sua profissão solene em setembro de 1890, com os votos perpétuos e o recebimento do hábito definitivo. Seu pai encontrava-se internado numa clínica com graves perturbações mentais. Santa Teresinha passou por um longo período de aridez espiritual, a "noite de trevas do espírito", como dizia São João da Cruz, cujos escritos a ajudaram muito.

Seu novo caminho para a santidade veio a ser conhecido como "a pequena via". Numa espécie de diário espiritual, dirigido à madre superiora, Teresinha definiu esta nova via: "Sempre desejei ser santa. Mas, ai de mim, sempre verifiquei ao comparar-me com os santos, que há entre eles e eu a mesma diferença que existe entre uma montanha, cujo cume se perde nos céus e um obscuro grão de areia. Em vez de desanimar, disse a mim mesma: O Bom Deus não pode inspirar desejos irrealizáveis; posso, portanto, apesar de minha pequenez, desejar a santidade. Fazer-me crescer a mim mesma é impossível; tenho de suportar-me tal como sou, com todas as minhas imperfeições, mas quero, contudo, procurar a maneira de ir para o Céu por um caminhozinho muito direto, muito curto, uma pequena via inteiramente nova... Eu queria encontrar um elevador que me levasse até Jesus, porque sou demasiado pequena para subir a rude escada da perfeição. Então procurei nos Livros Sagrados a indicação do elevador – alvo do meu desejo – e li estas palavras saídas da boca da Sabedoria Eterna: 'Se alguém for pequenino, venha a Mim'. Então, aproximei-me, adivinhando que tinha encontrado o que procurava. Querendo saber, oh meu Deus, o que faríeis com o pequenino que respondesse ao vosso apelo. Continuei minhas buscas e eis o que encontrei: 'Assim como uma mãe acaricia seu filhinho, assim, eu vos consolarei; levar-vos-ei ao colo e embalar-vos-ei nos meus joelhos...' O elevador que me há de levar até o Céu, são os vossos braços, Jesus! Para isso não tenho necessidade de crescer; pelo contrário, é preciso que eu permaneça pequena, e que me torne cada vez menor, oh meu Deus!"

Nesse diário espiritual, escrito a partir de 1895 a mando de sua irmã de sangue e superiora, Madre Inês, Teresa retratou sua vida interior. Neste livro belíssimo, intitulado História de uma Alma, ela explica muito bem o que é a sua "pequena via". Durante sua vida no Carmelo, ninguém leu estas memórias, a não ser a madre e sua irmã Paulina, também carmelita. Estes escritos extraordinários foram publicados um ano após sua morte.

Durante sua vida no convento, Teresa foi uma simples freira, nada fazendo de extraordinário aos olhos do mundo. Era exemplar no cumprimento das regras e procurava fazer o bem a todas as freiras. Em sua íntima união com Deus, Santa Teresinha adquiriu domínio completo sobre os seus atos e sua vontade. Graças a isto, todas as virtudes começaram a desabrochar em sua alma. Isto só foi possível com um esforço perseverante e com muita luta contra suas tendências, contra si mesma. No Carmelo, sempre quis ser a humilde serva de suas irmãs, servindo a todas com muito amor.

Eis como ela descreveu sua vocação religiosa: "Na primeira epístola aos Coríntios, São Paulo diz que nem todos podem ser ao mesmo tempo apóstolos, profetas e doutores, porque a Igreja é composta por diferentes membros e que, portanto, os olhos não fazem o serviço das mãos. Continuei a leitura e encontrei este conselho: 'aspirai aos dons mais altos. Aliás, posso indicar um caminho que ultrapassa a todos' (1Cor 12,31). E explica o Apóstolo como todos os dons, mesmo os mais perfeitos, não são nada sem o amor... E que o amor é o caminho mais excelente para encontrarmos Deus. Esta revelação surpreendeu-me e trouxe paz ao meu espírito. Agora, com mais tranqüilidade, continuo a busca do meu lugar na Igreja, porque, quando examinei os membros descritos por São Paulo, não havia encontrado no corpo místico um lugar para mim. Foi o amor que me deu a chave da minha vocação. Isto porque, se o corpo da Igreja era composto por membros diferentes, não podia lhe faltar o mais nobre e mais necessário dos órgãos, o coração. Ora, a Igreja tinha também um coração e este, naturalmente, se abrasava de amor... Desse modo, fiquei finalmente entendendo que o amor é o cofre onde estavam todas as vocações, que o amor é tudo, que abrangia todos os tempos e todos os lugares, porque é eterno! Então, no auge de minha delirante alegria, exclamei: Jesus, meu amor... Encontrei, por fim, minha vocação: vocação para amar!"

E este amor era praticado da seguinte forma: "Assim se consumirá minha vida... não tenho outro meio de provar a Jesus o meu amor, senão o de lançar flores, isto é, não deixar escapar nenhum pequeno sacrifício, nenhum olhar, nenhuma palavra, aproveitar todas as menores coisas e fazê-las por amor... quero sofrer por amor e gozar por amor".

De dentro de seu convento de clausura, Santa Teresinha ardia de desejo de ser missionária. Seu ardor missionário se revelava no zelo pela salvação das almas. Sua missão foi a de fazer Deus conhecido, amado e adorado por seu amor, por sua bondade.

"Todos que me invocarem, receberão minha resposta"

Santa Teresinha

Seu desejo de ser missionária era tão intenso, que escreveu que não desejava sê-lo somente durante alguns anos, mas desde a criação até a consumação dos séculos. Santa Teresinha ampliou o conceito de missão, mostrando que através da oração, todos podem ser missionários. Nesse sentido, ela foi uma verdadeira missionária sem nunca ter saído de seu convento: ela ajudou com suas orações e sacrifícios os missionários, participando de seus trabalhos através de seu coração solidário, sedento de levar as almas a Deus. Foi por esta razão que, em 1927, 30 anos após sua morte, ela foi proclamada padroeira das missões pelo Papa Pio XI.

Em junho de 1895, Santa Teresinha oferece sua vida a Jesus como vítima expiatória pelos pecadores: "Eu pensava nas almas que se oferecem como vítimas à justiça divina, a fim de desviar e atrair sobre si os castigos reservados aos culpados. Esse oferecimento parecia-me grande e generoso, mas estava longe de me sentir inclinada a fazê-lo. Oh, meu Deus, exclamei do fundo do meu coração, só a vossa justiça recebe almas que se imolam como vítimas? ....Vosso amor misericordioso não precisa também? Em todo lugar vós sois desconhecido ou rejeitado... Vosso amor desprezado vai ficar em vosso coração? Parece-me que se encontrásseis almas que se oferecessem como vítimas de holocausto ao vosso amor, as consumiríeis rapidamente. Parece-me que estaríeis feliz em não conter as ondas de infinita ternura que estão em vós... Oh, meu Jesus, que seja eu essa feliz vítima, consumais vosso holocausto pelo fogo do vosso divino amor! ...Madre querida, vós que permitistes que eu me oferecesse assim a Deus, conheceis os rios, ou melhor, os oceanos de graças que vieram inundar a minha alma".

Quase um ano depois, veio a prova que Deus havia aceito a sua generosa oferta de sua própria vida: de repente, ela teve uma primeira crise de tuberculose. Ao mesmo tempo, ela estava numa crise espiritual, por onde não sentia mais nenhuma consolação ou prazer em rezar, em estar diante do Santíssimo Sacramento, nada a consolava.

Era a noite espiritual, a aridez do espírito. Mas Terezinha continuou rezando, oferecendo sacrifícios, fazendo atos de bondade e de entrega à vontade divina, sem se importar com a aridez espiritual. A tuberculose a encheu de júbilo, pois entendeu que o oferecimento de sua vida fora aceito por Deus. Naquela época, ainda não havia cura para a tuberculose, que evoluía para a morte, com a doença destruindo os pulmões. Alguns meses depois, Santa Teresinha piora e passa a morar na enfermaria do convento. A 30 de junho ela recebe a unção dos enfermos. Sofria muito, mas não se queixava.

Há um costume até hoje nos Carmelos, que ao morrer uma irmã, a superiora escreve uma carta aos demais conventos, relatando os fatos mais notáveis da vida da falecida. Estando acamada, já em estado grave, Santa Teresinha ouviu duas colegas freiras conversarem a seu respeito no corredor. Uma freira dizia para a outra: "O que nossa Madre poderá dizer da Irmã Teresa do Menino Jesus após sua morte? Ela é uma boa irmãzinha, mas nada fez". A outra diz: "Ela nada fez de notável, não se a vê praticar a virtude, não se pode sequer dizer que ela seja uma boa religiosa". É que Santa Teresinha havia praticado a sua "pequena via", escondida aos olhos de todos, inclusive das freiras que moravam no mesmo convento.

Seu estado de saúde foi piorando, seus sofrimentos eram atrozes. No dia 30 de setembro, ela ficou numa profunda paz e morreu serenamente às 19h20 aos 24 anos de idade. Ao morrer, seu semblante se transformou num belíssimo sorriso.

Os prodígios começaram imediatamente após sua morte, para espanto das irmãs que não davam muita importância àquela jovem freira. A cela em que ela havia vivido foi tomada inexplicavelmente de um intenso perfume de violetas. Uma das irmãs do Carmelo sofria de anemia cerebral, mas durante o velório de Teresinha, ao oscular o corpo da santa, ela foi imediatamente curada.

Durante sua vida, Santa Teresinha foi desconhecida, até mesmo pelas freiras que conviviam com ela. Mas a futura santa pressentia, talvez por alguma revelação privada ou iluminação interior, que esta situação seria bem diferente depois de sua vida terrena. Em seu leito de morte ela disse: "O que o bom Deus me reserva para depois de minha morte, o que eu pressinto de glória... vai de tal modo além de tudo que se pode conceber, que por vezes sou obrigada a parar de pensar: sinto vertigem". Ela prometeu, pouco antes de entregar sua alma a Deus, que queria passar a eternidade fazendo o bem sobre a terra, disse que sua missão de rezar e pedir pelos pecadores e pelos necessitados, não acabaria com sua morte. Ela disse que faria "chover" pétalas de rosas sobre a terra, querendo dizer que queria conseguir de Deus muitas graças para quem as pedisse. Ela prometeu: "Todos que me invocarem, receberão minha resposta".

Depois de sua morte, as pessoas amigas do Carmelo começaram a invocar aquela jovem freira. Tendo obtido graças, contavam o fato a outros e assim, de boca em boca, a devoção a ela foi se espalhando como rastilho de pólvora. Uma característica importante na devoção a Santa Teresinha, é a intimidade que logo se estabelece entre ela e seus devotos. Ela passa a viver a vida deles, intervém ajudando-os mesmo nas menores dificuldades e a muitos consola nas atribulações.

Logo começaram a afluir fiéis no convento de Lisieux para rezar para aquela freirinha desconhecida pelos homens, mas muito amada por Deus. O processo de beatificação foi iniciado, e com os depoimentos das freiras que a conheceram melhor, com a leitura de suas cartas privadas e, sobretudo do seu diário íntimo, a "História de uma Alma", ficou evidente a sua santidade, ao mesmo tempo grande, imensa, simples, quase infantil. O processo terminou rapidamente e com êxito. Ela foi beatificada em 1923 pelo Papa Pio XI e seus restos mortais foram transladados para a capela do convento, para facilitar a visita dos numerosos devotos. Os milagres e graças alcançadas por sua intercessão ocorriam pelo mundo inteiro. O livro com suas memórias espirituais se transformou em best-seller em vários países, as edições e traduções se multiplicaram.

Última foto de Teresinha, agosto de 1897

Em 1925, o Papa Pio XI a proclamou santa numa solene cerimônia de canonização na Praça de São Pedro. Foi uma das maiores cerimônias deste tipo que Roma vira até então: mais de 500.000 peregrinos vindos do mundo inteiro foram a Roma para a ocasião. O Papa estabeleceu a sua festa litúrgica para o dia primeiro de outubro de cada ano. Por todo o mundo começaram a ser construídas igrejas e capelas em homenagem à grande pequena santa de nossos tempos. Hoje já há mais de 2.000 igrejas em louvor a Santa Teresinha. E, algo incrível, aquela jovem freira de poucos estudos, que nunca escreveu nenhum tratado de teologia, nem nenhum outro livro, foi proclamada pelo Papa João Paulo II como doutora da Igreja, honraria concedida só a uns poucos grandes santos teólogos. Isto se deveu à sua formulação original e utilíssima para os fiéis da "pequena via" para se chegar à santidade. Ela também foi proclamada pelos bispos da França como co-padroeira do país, junto com Santa Joana d'Arc e co-padroeira de toda a Europa. Em 1980 o Papa João Paulo II foi como peregrino a Lisieux para rezar junto às suas relíquias. Estas relíquias passaram a viajar pelo mundo.

Um detalhe curioso que liga a santa ao Brasil: ao querer atender aos numerosos pedidos para que suas relíquias viajassem pelo mundo, a superiora do Carmelo pediu à Igreja do Brasil se seria possível mandar fazer uma urna com madeiras preciosas de nosso país para ali colocar as relíquias da santa. Os bispos brasileiros atenderam ao pedido, e a "urna brasileira" passou a percorrer o mundo, sempre atraindo imensas multidões. Tem havido muitas conversões durante estas viagens. Tornou-se costume entre os fiéis rezar a novena a Santa Teresinha e lhe pedir uma rosa como sinal de que a graça pedida será alcançada. A chuva de rosas que ela prometeu, continua, basta pedir com fé e devoção!

Teresinha (à direita) representando Joana D'arc, e Irmã Genoveva no papel de santa Catarina, 1895.

Festa Litúrgica em 1 de outubro

GIANNA

GIANNA

Mártir do Amor Materno

✩ 1922 ✝ 1962

"O amor é o sentimento mais bonito que o Senhor colocou na alma dos homens"

Meu amado Pietro, como agradecer a magnífica aliança? Querido Pietro, em sinal de reconhecimento, eu lhe dou o meu coração e sempre amarei você como o amo agora.

Acredito que na véspera de nosso noivado há de sentir-se feliz, sabendo que é para mim a pessoa mais querida, a quem sempre dirijo meus pensamentos, afetos e desejos e só espero o momento de ser sua para sempre.

Queridíssimo Pietro, você sabe que é meu desejo vê-lo feliz e saber que está feliz; diga-me como deverei ser e o que deverei fazer para fazê-lo feliz...

Com muito amor, desejo-lhe uma Santa Páscoa,

Um abraço,
Sua Gianna

Esta seria apenas mais uma linda carta de amor, não fosse um detalhe: é uma carta de amor escrita por uma santa.

Gianna Beretta Molla nasceu numa família profundamente católica da região de Milão. Seu pai era administrador de uma indústria. Sua mãe, professora formada, mas não trabalhava para cuidar da numerosa família. Gianna foi a 12a filha do casal, mas apenas sete deles sobreviveram à primeira infância. Ela nasceu em Magenta, na Itália, a quatro de outubro de 1922. Como seus pais eram terceiros franciscanos, juntaram ao nome de Gianna o de Francesca, em homenagem a São Francisco. Em 1925, a família transferiu-se para Bérgamo, no norte da Itália. Ali, Gianna foi preparada para a primeira comunhão. Como ela era precoce, além de se mostrar religiosa desde muito pequena, o padre da paróquia autorizou a menina a fazer a primeira comunhão aos cinco anos e meio de idade. A partir desta data, ia com a mãe todos os dias à Missa. Foi o Papa São Pio X que recomendou a primeira comunhão feita no início da idade da razão. Antes dele, era feita muito mais tarde.

A família vivia e ensinava as virtudes cristãs aos filhos. Todo domingo, o pai ia com os filhos homens visitar asilos de idosos abandonados ou muito pobres, para levar algum consolo e ajuda material. A mãe fazia economias para enviar doações para missionários em países longínquos. A atmosfera do lar da família era de calma e de paz. A mãe nunca gritava com os filhos, mas sabia adverti-los de algo errado que eles faziam. Ela não deixava passar nada errado e se a falta havia sido grave, deixava-os de castigo. Mas tudo feito com muita calma e sabedoria. Ela fazia com que todos ajudassem nos afazeres da casa e que os mais velhos ajudassem a cuidar dos mais novos – inclusive nos estudos e lições de casa.

Gianna cursou o primário numa escola das irmãs canossianas, e o curso secundário foi numa escola pública. São dessa época os primeiros escritos de Gianna. Eram cartas escritas aos pais e irmãos. Ela estava encontrando dificuldades nos estudos, por isto, teve de ficar em Bérgamo nas férias, enquanto a família foi descansar junto a um lindo lago no norte da Itália. Em suas cartas, Gianna manifestava um grande amor pela família e um cansaço com os estudos que ela achava difíceis.

Nessa ocasião, a irmã mais velha e mais próxima a Gianna, Amália, ficou gravemente doente e pouco tempo depois morreu. Foi um duro golpe para toda a família e especialmente para Gianna, que havia se apegado muito a esta irmã, que muito ajudou na sua formação cristã. Logo depois, o pai também ficou doente e impossibilitado de continuar trabalhando. Por recomendação médica, ele pediu sua aposentadoria por doença e se mudou com toda a família para uma cidadezinha à beira mar, Quinto, bem próxima do grande porto italiano de Gênova. Nesta pequena cidade, a família continuou com os hábitos anteriores: Missa diária, participação bastante ativa na vida paroquial e vida familiar intensa.

Ao completar 15 anos, os pais enviaram Gianna para fazer um retiro espiritual com o pregador jesuíta Pe. Michele Avedano. Este retiro a tocou profundamente. Ela começou ali a escrever seus pensamentos e o primeiro caderno está cheio de alusões a este retiro. Ela anotou o que mais a impressionou e que ela transformou em orientação para toda sua vida: horror ao pecado, a necessidade da oração, a importância da graça de Deus e viver uma vida de imitação a Cristo. E sobretudo, ela começou a entender que o apostolado da caridade é o que de melhor se pode fazer às pessoas. Nessa ocasião, ela compôs uma fórmula de consagração a Maria: "Ó Maria, eu me entrego em tuas mãos maternas e nelas me abandono completamente, com a certeza de obter o que te peço. Tenho confiança em ti, porque tu és a minha doce Mãe e minha confiança é total, porque tu és a Mãe de Jesus. Com esta confiança eu me coloco em tuas mãos, segura de ser ouvida; e com esta confiança no coração te saúdo, minha Mãe e minha confiança, eu me consagro inteiramente a ti, rogando-te de te lembrares que eu sou tua, que te pertenço; guardai-me e defendei-me, ó doce Maria, e em todo instante de minha vida apresentai-me ao teu filho, Jesus." Depois deste retiro, Gianna levou muito mais a sério a sua vida cristã. Ela havia deixado de ser criança.

Gianna (a primeira à esquerda), sua mãe, Virgínia, Amália e seu pai.

Atrás de Gianna, Francesco, Ferdinando, Zita, Enrico (padre Alberto) e Giuseppe.

Seu rendimento escolar também melhorou bastante. Passou de ano com notas muito boas. Gianna se inscreveu na Ação Católica e freqüentava com prazer as reuniões. Esta associação foi bastante difundida nas paróquias italianas e foi muito importante para preservar a juventude católica das influências nefastas do fascismo que tomava conta da Itália. O lema da Ação Católica: "Ação, Oração e Sacrifício", correspondia perfeitamente às aspirações da jovem Gianna. Tudo ia bem, menos a sua saúde. Ela se sentia fraca, cansada. Teve de parar os estudos e ficou em casa ajudando a mãe e estudando piano. Com o início da II Guerra Mundial, a família teve de se mudar às pressas de volta para Bérgamo, pois Gênova, com seu porto estratégico, estava sendo fortemente bombardeada. Gianna ficou sozinha em Gênova, apesar da guerra, para terminar os estudos que fazia com as irmãs dorotéias. Pouco depois, morreu sua mãe. Foi uma dor imensa para Gianna, que a amava profundamente. O pai, que já vivia adoentado, piorou depois da morte de sua amada esposa. Apenas quatro meses depois, ele também veio a falecer.

A maioria de seus irmãos, a esta altura, já estavam formados. Pouco depois, em junho de 1942, em plena guerra, Gianna termina os estudos secundários e entra para a Faculdade de Medicina da Universidade de Milão, uma das melhores da Itália. Mas a guerra se agravava, a Itália foi ocupada pelo exército nazista alemão. Um dos irmãos de Gianna, Francesco foi preso pelos nazistas, mas foi solto três semanas depois. Os dois irmãos médicos se recusaram a servir ao exército nazista e por isso se refugiaram na Suíça.

Durante os estudos universitários, Gianna continuou sua formação cristã na Ação Católica. Ela se dava muito bem com uma freira que era orientadora do seu grupo, a irmã Mariana. Numa carta a esta irmã, ela dizia: "o passado nós entregamos à misericórdia de Deus, o futuro, à Providência Divina. O nosso dever é viver o momento presente santamente... estou firmemente decidida a viver em cada instante a vontade de Deus e vivê-la com alegria. A senhora gosta desta minha decisão?"

Depois que a guerra terminou, Gianna continuou seus estudos. Nesse período, uma grande alegria foi a ordenação sacerdotal de um de seus irmãos, Giuseppe. Devido às dificuldades de transporte naquele período de pobreza geral do pós-guerra, Gianna conseguiu um caminhão para levá-la, junto com suas colegas e amigas da Ação Católica, até Bérgamo, onde seu irmão seria ordenado. Dois anos depois, nova alegria: um dos irmãos médicos, Enrico, também é ordenado padre (mais conhecido como padre Alberto), e decide ser missionário no Brasil, onde passou quase toda sua vida. Em 1949, Gianna se forma em medicina, tinha nessa época, 27 anos. Ela fez especialização em pediatria. Nessa mesma época, ela havia sido eleita presidente da Ação Católica de sua região.

Gianna cuidava com muita responsabilidade das moças sob sua direção na Ação Católica. Ela as educava para a prática das virtudes, sobretudo a da pureza, que na idade adolescente é mais difícil. Ela indicava o caminho para suas dirigidas: "Como conservar a pureza? Cercando o nosso corpo com o sacrifício. A pureza é uma virtude resultante do conjunto das demais virtudes... a pureza se transforma em beleza e, além disso, ela nos dá força e liberdade. É livre aquela que é capaz de resistir, de lutar". Em outro texto, ela escreveu: "Renuncia a ti mesmo, disse Jesus. À palavra do mundo 'prazer', nós respondemos com 'dever'". Temos de saber formar em nós mesmas uma verdadeira personalidade, um verdadeiro caráter; temos de saber mandar em nós mesmas".

A vida de Gianna na Universidade e depois de formada era um apostolado contínuo. Das suas meditações, das orações, nasce sua ação apostólica, feita com um grande desejo de levar mais almas para Cristo. A sua ação era intensa. Ela dizia: "cada cristão não pode esconder ou conservar só para si esta novidade e riqueza recebidas da bondade divina, mas deve comunicá-la a todos os homens".

Depois de formada, Gianna, agora doutora, estabeleceu seu consultório médico na cidadezinha de Mesero, ao lado de Magenta, onde morava. Logo, ela conquistou a simpatia e admiração dos habitantes da região. Todos admiravam o grande amor com que ela tratava as crianças e os idosos. A jovem doutora aconselhava as gestantes a terem seus filhos em casa, internando-se em maternidades e clínicas só em casos complicados ou de risco. O que mais impressionava a todos era sua profunda humanidade e a grande atenção que dava a cada pessoa. Se um doente não tinha cura, ela se esforçava para prepará-lo para a morte da melhor forma possível. Se atendia alguém que havia ficado doente devido à vida desregrada, ela argumentava fortemente para a pessoa mudar de vida. Aos doentes muito pobres, ela não só deixava de cobrar o tratamento, como algumas vezes, ofertava dinheiro do próprio bolso.

O seu êxito se deveu ao fato que considerava sua profissão de médica como um apostolado: "todo mundo trabalha de um modo ou de outro a serviço do ser humano. Nós médicos, trabalhamos diretamente no homem. O objeto da nossa ciência é o próprio homem, o qual, diante de nós diz 'ajude-me' e espera de nós que o façamos voltar para a plenitude de sua existência".

Ao completar trinta anos, Gianna começou a pensar em ir para o Brasil, em ser missionária-médica onde já estavam seus irmãos Enrico e Francesco. Eles construíram um pequeno hospital numa região extremamente pobre do Maranhão. Os irmãos queriam que ela fosse. Desde pequena ela já se sentia chamada pelo ideal missionário. A atração era grande e ela escreveu para Enrico, já fazendo planos para partir.

Porém, Deus tinha outros planos para ela. Gianna foi formalmente desaconselhada a ir para o interior do Maranhão devido à sua saúde frágil. Ela não suportaria o clima tropical quente e úmido do norte do Brasil. Ela ficou perturbada com essa situação: o que Deus queria dela, então? Pouco depois ela foi à Lourdes acompanhar um trem de doentes e lá pediu luzes para entender o que Deus queria dela. Se não era para ir ao Brasil, será que era para se casar? Seu confessor insistiu que sua vocação era o matrimônio e ela, depois de muito rezar, se convenceu que este era o caminho que o Senhor desejava para sua vida.

No dia 8 de dezembro de 1954 ela se encontra pela primeira vez com o homem que viria a ser seu esposo, o engenheiro Pietro Molla. Foi na festa da primeira missa de um recém-ordenado padre capuchinho, na igreja da cidadezinha onde Gianna tinha seu consultório médico. Já de imediato, Gianna sentiu que havia encontrado a pessoa certa. Em seu diário ela escreveu sobre esse encontro: "Sinto a tranqüilidade serena que me dá a certeza de haver tido ontem o encontro certo. A Virgem Imaculada me deu sua bênção". Alguns dias depois foram a um concerto no famoso teatro de Milão, o Scala. Outros encontros se sucederam e tudo correu muito bem. Pietro também escreveu em seu diário: "Quanto mais eu conheço Gianna, mais eu estou convencido que Deus não poderia me haver feito conhecer uma pessoa melhor que ela". Em abril do ano seguinte se tornam oficialmente noivos.

Gianna e Pietro, na Praça São Pedro, Roma

Os dois se amavam muito, nas cartas que trocavam, procuravam ajudar um ao outro com bons sentimentos e muito afeto. Numa carta, Gianna pergunta: “Pietro, será que eu serei capaz de ser a esposa e mãe que você tanto deseja? Eu quero ser porque você merece e porque eu te quero muito”.

No dia 24 de setembro de 1955, eles se casaram. O celebrante foi o irmão de Gianna, padre Giuseppe, que na homilia lhe disse: “Não vou lhe falar de santos, mas de nossa mãe. Você se lembra como ela estava sempre sorrindo, sempre dócil, paciente, ativa e sempre unida a Deus tanto nos momentos de alegria, como nos de sofrimento”. Gianna estava muito feliz e assim partiu para a lua de mel, que foi em Roma e Castel Gandolfo. Ela escreveu a seu irmão missionário no Brasil que foram dias maravilhosos, que “não podiam ser mais belos, mais serenos e mais alegres”.

Igreja de San Matino, onde Gianna frequentava desde criança, e que agora marcava o seu casamento.

Ela mudou-se para a casa de Pietro, que ficava numa cidade próxima, Ponte Nuovo, onde ele era diretor de uma fábrica. Seu trabalho o consumia muito e várias vezes tinha de viajar. Gianna nunca reclamou desse fato. Quando a viagem era um pouco mais longa, Pietro levava sua esposa consigo. Mas ela decidiu continuar trabalhando em seu consultório, pois amava as crianças.

Um ano depois do casamento, nasce o primeiro filho, Pierluigi. Gianna não cabia em si de alegria e felicidade. O batismo foi feito numa pequena pia de prata que pertencia à sua família. No mesmo ato do batismo, os pais consagram o bebê a Nossa Senhora do Bom Conselho.

No ano seguinte, ela ficou grávida de novo. Essa gestação foi bem mais difícil que a primeira. Com freqüência ela se sentia mal, com ânsias de vômito e náuseas. Os remédios não ajudavam. Ela oferecia todos os sacrifícios a Deus pedindo ajuda para que corresse tudo bem. Finalmente, nasce o bebê em dezembro de 1957. Era uma menina, e foi batizada com o nome de Maria Zita. Tendo de cuidar de duas crianças pequenas, Gianna diminui bastante seu trabalho no consultório. Sua alegria era ficar com as crianças.

Em 1958 engravidou pela terceira vez. Novamente foi uma gestação difícil. Gianna tinha febre com freqüência, bem como náuseas e dores diversas. No oitavo mês teve de ser internada às pressas, pois passava mal e temia perder o bebê. Mas felizmente ela resistiu e teve uma filha sadia, Laura, em julho de 1959. No batismo, os pais também a consagraram a Nossa Senhora. As crianças eram muito bonitas, quando saia na rua com elas, as pessoas comentavam.

Já desde muito pequenas, Gianna as levava à Missa. E logo que aprenderam a falar, ensinou-as a rezar. Ao invés de castigá-las por alguma arte, ela lhes ensinava a fazer um exame de consciência e a pedir perdão a Jesus. Nunca gritava com eles, mas sempre corrigia o que faziam de errado, com muita paciência e afeto.

Gianna havia rezado para ter uma outra menina, como de fato aconteceu. Achava importante que houvesse duas meninas, para uma fazer companhia para a outra. Agora ela rezava para ter um menino. Logo ficou grávida pela quarta vez, em 1961. Já no segundo mês de gravidez, notou algo estranho: um fibroma começou a se formar ao lado do seu útero. A cada dia o fibroma crescia e logo começou a ameaçar a vida do bebê ainda por nascer. Como médica, ela compreendia perfeitamente o perigo que tanto ela como seu novo filho corriam. Mas sua confiança em Deus era total. Rezava muito e pedia a seus filhos para rezar também, pois, ela dizia: "Deus ouvirá melhor a oração dos inocentes".

Gianna com Pierluigi e Maria Zita no jardim de casa.

Em tais casos com mães grávidas, muitos médicos simplesmente fazem a operação para retirar a massa anormal que crescia junto ao útero e aproveitavam para fazer um aborto, matando o bebê, para que a recuperação da mãe se desse sem problemas posteriores. Sabendo disso, Gianna quis falar com o cirurgião antes da operação, na presença de seu marido e do irmão médico, Ferdinando. Ela disse ao cirurgião que tudo devia ser feito para preservar a vida do bebê. Ela se confessou, comungou e ofereceu sua vida a Deus, rogando pela vida da criança.

O médico prometeu respeitar seu pedido. A operação correu bem e um grande fibroma foi retirado. O médico fez uma espécie de costura no lugar que separava o útero onde estava o feto e o local da operação. O perigo era de que o feto crescendo, rompesse essa costura, provocando forte hemorragia que poderia custar a vida da mãe. Era um perigo, uma possibilidade, da qual Gianna estava plenamente consciente.

Tudo correu bem, Gianna se recuperou da operação, mas longe dos filhos que haviam sido levados para outra cidade, com parentes. Mas a recuperação foi dolorosa. Porém, ela nunca se queixava e fazia de tudo para não pesar sobre o marido. A gravidez continuou e chegou ao sétimo mês. Era o momento mais perigoso dessa gravidez de alto risco, pois o bebê já estava grande e a costura feita no útero poderia se romper. Sabendo do perigo, Gianna se mantinha muito calma e serena, colocando sua vida e a do novo filho nas mãos de Deus. Ela sempre repetia: "seja feito o que Deus quiser". Apesar de seu estado, fazia questão de ir à Missa todos os dias e ainda atendia algumas crianças doentes, cujas famílias a chamavam. O marido escreveu sobre aqueles dias de espera: "Com uma força incrível, você continua a tua missão de mãe e de médica, até os últimos dias da gestação".

Sabendo que o dia do parto se aproximava, ela chamou o marido para lhe dizer em tom firme: "Se deveis decidir entre mim e o filho, nenhuma hesitação: escolhei – e isto o exijo – a criança. Salvai-a"! Nessa época, ela escreveu a uma amiga: "Irei em breve para o hospital, mas não estou certa que voltarei para casa. A minha gestação é difícil: eles deverão salvar ou a mãe, ou o bebê; eu quero que o meu filho viva!"

No dia 20 de abril, sexta-feira santa, Pietro a leva ao hospital de Monza. Ao chegar, Gianna diz à enfermeira: "Aqui estou, vim aqui para morrer. O importante é que tudo corra bem para o bebê, não se importe comigo". E ao entrar na sala de operação, ela disse ao marido: "Estou pronta para tudo o que Deus quiser". As enfermeiras e médicos se admiram de vê-la tão tranqüila e calma.

Os médicos fazem uma cesariana no dia seguinte, sábado santo. O bebê, uma menina, era grande, pesava quatro quilos e meio. O bebê estava bem. Gianna havia escolhido o nome de Emanuela, mas o marido, Pietro, juntou o nome da mãe: Gianna Emanuela. Logo após o parto as condições da mãe pioraram: tinha febre alta, o pulso estava muito fraco e sentia dores horríveis no ventre. Os médicos tentam de tudo, antibióticos, sonda, anti-inflamatórios. Ela não se queixou uma só vez das dores que sofria, mas não quis receber soníferos, pois queria estar plenamente consciente, junto a seu marido. No dia seguinte conseguiu receber a comunhão, num minúsculo pedacinho de hóstia e ficou felicíssima.

A família se reuniu no hospital. A irmã freira missionária na Índia veio às pressas. Ao lhe dar o crucifixo que portava em seu hábito, para Gianna beijar, ela disse: "Jesus, eu te amo." E dirigindo-se à sua irmã, comenta: "Se você soubesse quanto conforto eu recebo beijando o crucifixo! Se não fosse Jesus que me consola em certos momentos... do leito de morte a gente julga as coisas de modo bem diferente, durante a vida a gente costuma dar valor a coisas que na verdade não tem nenhum valor". Ela recebeu o sacramento dos enfermos e rezava o tempo todo. Pietro depois comentou que ela havia entrado numa espécie de diálogo com Deus. A partir daquele momento, nada deste mundo lhe importava, ela se preparava para ir de encontro ao seu Salvador. Mas ela ainda tinha um último pedido a fazer: queria morrer em casa, queria ver seus filhos uma última vez. Os médicos só a deixaram sair no dia seguinte, quando já não havia mais nenhuma esperança de cura. Ela já não podia mais falar. Ao chegar em casa e ouvir a voz das crianças estava feliz, apesar das dores que sofria.

Poucas horas depois, às oito da manhã de 28 de abril de 1962, Gianna deixou esta vida, morrendo em paz, dando ao mundo um exemplo tocante de amor de mãe, que chegou a abandonar a própria vida para salvar a da filha. Ela sabia perfeitamente, como médica, o risco que havia corrido, o oferecimento de sua vida foi um ato plenamente consciente. No dia seguinte ao de sua morte, com seu corpo sendo velado por uma multidão na igreja de sua cidade, a filha, Gianna Emanuela, foi batizada e consagrada a Nossa Senhora.

Uma paciente de Gianna escreveu a Pietro: "Os habitantes de Mesero nunca se esquecerão do sorriso que sua esposa tinha para todos, nem da sua simplicidade, da sua imensa bondade para com cada um e em qualquer circunstância. Cada um de nós tem uma lembrança belíssima de haver conhecido não uma médica qualquer, mas uma verdadeira mãe".

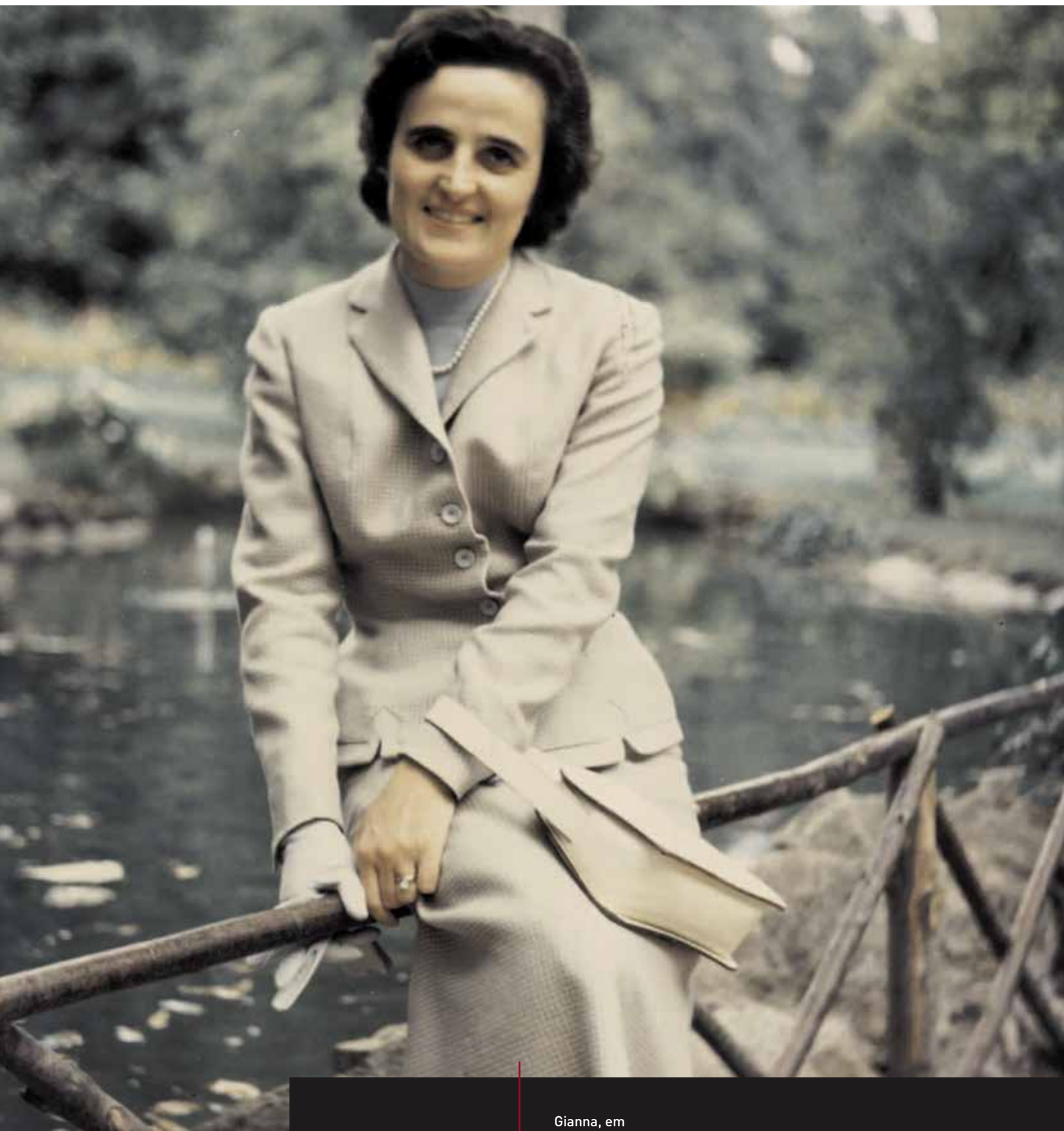
A devoção a Gianna começou logo depois do sepultamento. Sempre vinham mulheres grávidas pedir sua intercessão. O processo de beatificação foi iniciado pelo Papa Paulo VI, a pedido por escrito de todos os bispos da Lombardia, região do norte da Itália onde Gianna viveu. Em 1986, depois de encerrado o processo de beatificação, o Papa João Paulo II proclamou as virtudes heróicas de Gianna.

Santa Gianna Beretta Molla, exemplo de Mãe.

“Eu quero que o meu filho viva!”

Muitas graças extraordinárias foram acrescentadas ao processo, sobretudo de mães com gravidez difícil ou de alto risco que recorriam a ela e conseguiam ter um bom parto. O milagre decisivo para a beatificação aconteceu no Brasil. O Papa João Paulo II reconheceu a graça alcançada por Lúcia Cirilo em Grajaú, no Maranhão, exatamente no hospital fundado pelo padre Alberto, irmão de Gianna, e onde a santa quis, em sua juventude, ser missionária. Para a canonização, outro milagre também no Brasil, foi o escolhido pelo Vaticano. Em Franca, São Paulo, Elisabete Arcolino, estava também em sua quarta gestação. No quarto mês, Elisabete perdeu o líquido amniótico, o que significaria a morte do bebê e possivelmente também da mãe, caso o feto não fosse retirado. O bispo Dom Diógenes Matthes, orientou a mãe a pedir intercessão da então beata Gianna. A gravidez foi milagrosamente levada até o fim, e a criança, Gianna Maria Arcolino, nome escolhido em homenagem à santa, nasceu e se mantém saudável.

Gianna foi beatificada em 1994 pelo Papa João Paulo II, que a apresentou como modelo para as mulheres grávidas e para o movimento contra o aborto, em defesa da vida. A 16 de maio de 2004, foi canonizada. O marido de Gianna, bem como os filhos do casal, incluindo a pequena Gianna Emanuela, estavam presentes na Celebração. O Papa João Paulo II assim se expressou sobre Santa Gianna: "Seguindo o exemplo de Cristo, que 'tinha amado os seus... amou-os até ao fim' (Jo 13, 1), esta santa mãe de família manteve-se heroicamente fiel ao compromisso assumido no dia do matrimônio. O sacrifício eterno que selou a sua vida dá testemunho de que somente quem tem a coragem de se entregar totalmente a Deus e aos irmãos se realiza a si mesmo".

Gianna, em plena lua de mel pela Itália.

Festa Litúrgica em 28 de abril

PADRE PIO

PADRE PIO

O Sacerdote do Cristo Crucificado

☆ 1887 ✝ 1968

"Todos têm a sua cruz; todos perguntam quando lhe será tirada. Mas se soubessem o quanto é preciosa, a pediriam."

12 de agosto de 1912,

Estava na Igreja para fazer o agradecimento pela Missa quando, de repente, senti o coração ser ferido por um dardo de fogo, vivo e ardente, que pensei matar-me; me faltam as palavras corretas para fazê-lo compreender a intensidade daquela chama: estou bastante impotente para poder expressar-me. Acredita? A alma, vítima desta consolação, ficou muda. Parecia que uma força invisível a submergisse toda naquele fogo... Meu Deus, que fogo!... Em um segundo, minha alma havia sido separada do corpo... Andava com Jesus."

Esta carta do Padre Pio descreve como um dos grandes santos de nosso tempo - e de todos os tempos - recebia os estigmas de Cristo. Neste momento ele sentia apenas o impacto da perfuração de seu coração, mais tarde no entanto, estes sinais seriam visíveis.

Francisco Forgione nasceu no vilarejo de Pietrelcina, na província italiana de Benevento, a 25 de maio de 1887, e foi batizado logo no dia seguinte. Seus pais, Grazio e Maria, eram pessoas humildes, pobres e muito devotas. Tiveram sete filhos que educaram na fé cristã.

Francisco queria ser padre desde muito pequeno. Ele dizia querer viver para Deus, consagrar-se a Ele e fazer o bem às pessoas. A mãe deu o seguinte testemunho sobre sua infância: "Não cometeu nunca nenhuma falta, não tinha caprichos, sempre obedeceu a mim e ao seu pai. Toda manhã e tarde ele ia à igreja visitar Jesus e a Virgem Maria. Desde pequeno tinha grande devoção a Nossa Senhora e ao seu anjo da guarda. Não saía com os seus companheiros. Às vezes eu lhe dizia: 'vá lá fora brincar com os meninos'. Mas ele me respondia - 'eu não quero porque eles blasfemam'".

Segundo escreveu o padre Lamis, da paróquia local, e que dirigiu espiritualmente o menino, desde os cinco anos de idade ele teve visões sobrenaturais. Ele achava aquilo normal, pensando que todo mundo também as tinha. Ele via aparições do Anjo da Guarda, de Maria, de Jesus e também de demônios. O tormento das aparições demoníacas era sempre confortado por aparições celestiais. Deus o conduzia por uma via extraordinária.

Aos 15 anos, pouco antes de sua entrada no convento dos capuchinhos, teve a visão de um homem esplendoroso que o convidava a lutar contra o que ele chamava de "gigante tão alto que sua testa tocava as nuvens"; o gigante era o demônio. O jovem Francisco juntou suas forças às do homem esplendoroso e lutaram contra o gigante. Depois o homem disse que essa batalha aconteceria durante toda sua vida, mas que ele deveria lutar sem medo, pois seria sempre vencedor.

Padre Pio “acordava sempre na alta madrugada e ficava horas na capela, sozinho, rezando e meditando.”

Aos 16 anos pôde realizar seu sonho: consagrar-se inteiramente a Deus. Em 1903, entrou na ordem dos capuchinhos, tornando-se filho espiritual de São Francisco de Assis. Ele escolheu o nome religioso de Pio. Sua saúde, porém, era ruim. Várias vezes foi enviado para a casa dos pais para se recuperar de doenças. Assim que melhorava, retornava ao convento. Em 1907 fez os votos solenes, tornando-se um frei capuchinho. Em 1910 foi ordenado sacerdote na catedral de Benevento. A sua Missa durava em média quatro horas, e muitos diziam ter a impressão de que assistiam a Paixão de Cristo. Nessa época, ele se ofereceu a Deus como “vítima pelos pecadores e pelas pobres almas do purgatório”. A Igreja apenas permite isso quando há um diretor espiritual muito competente para auxiliar quem se oferece, pois todos fomos salvos, preservados deste sacrifício por Jesus, e quem se oferece, paga a sua generosidade com grandes sofrimentos.

Depois de passar por vários conventos, chegou em 1916 à pequena comunidade capuchinha de San Giovanni Rotondo, uma cidadezinha italiana da região do Gargano, onde acabou ficando pelo resto de sua vida.

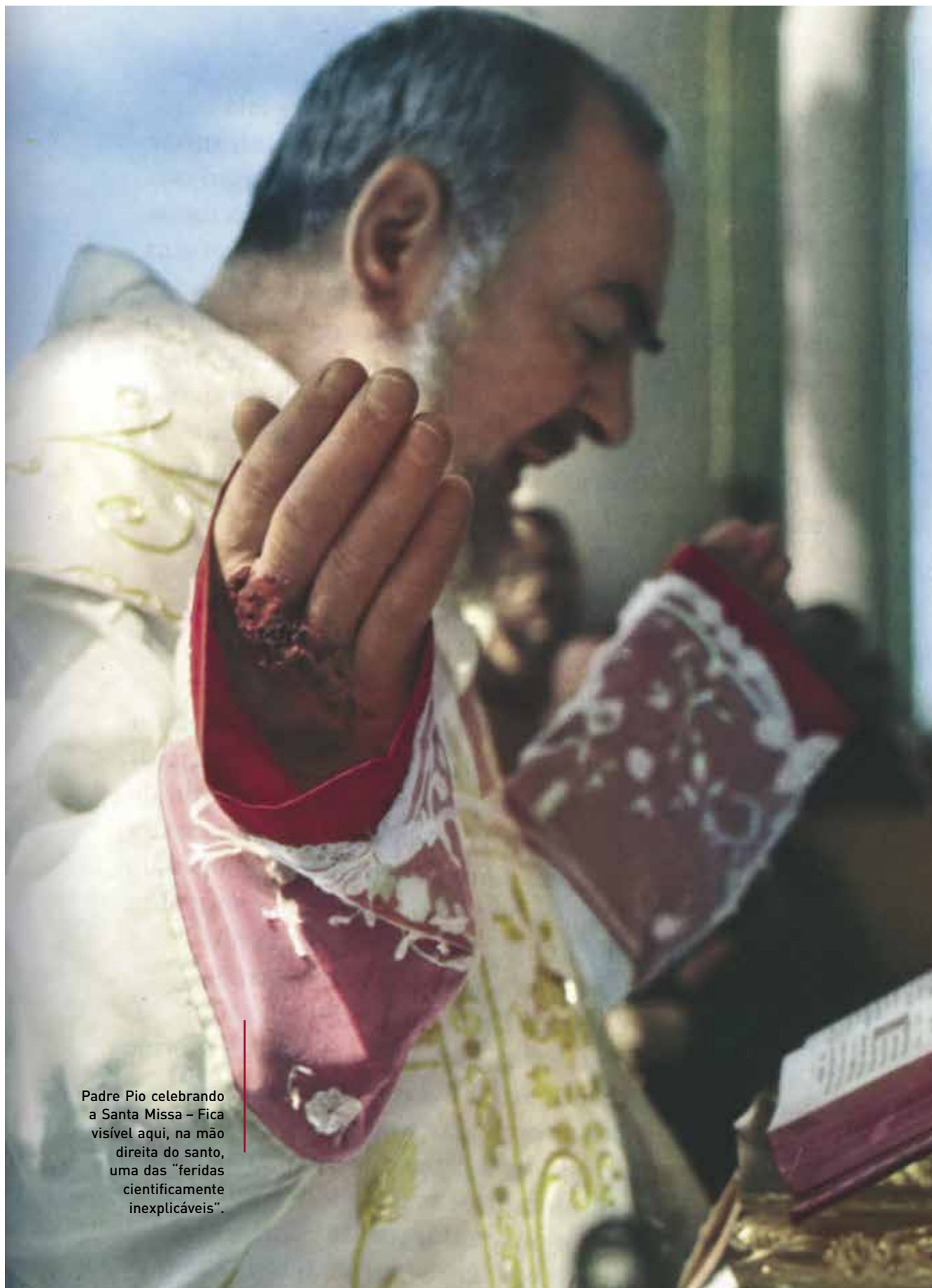
Era muito metódico e seus dias eram sempre preenchidos por longos momentos de oração. Acordava sempre na alta madrugada e ficava horas na capela, sozinho, rezando e meditando. Rezava cinco rosários por dia. Assim ele se preparava para celebrar a Missa. Esta era a parte do dia de que ele mais gostava, pois no silêncio da madrugada não era interrompido por ninguém e podia ter grande intimidade com Jesus Sacramentado e com Nossa Senhora. Dizia sempre: “Nos livros buscamos a Deus, na oração o encontramos”. Depois da Missa tomava um café da manhã bem simples e passava a atender os fiéis.

Logo se espalhou a notícia de que ele era um excelente confessor e conselheiro. As filas no seu confessionário cresciam cada vez mais. Chegava a passar até 14 horas por dia confessando e atendendo pessoas. Muita gente sem fé se convertia ao falar com ele. Dizia para muitos ao final da confissão: "Lembre-se, os seus pecados, por mais numerosos e graves, são limitados; a misericórdia de Deus é infinita".

Em 1918, a Primeira Guerra Mundial e a gripe espanhola mataram quase todos os freis do convento; restaram apenas três, entre eles Padre Pio. Um fato extraordinário ocorreu quando ele rezava na pequena igreja do convento, diante do crucifixo. Ele descreveu o ocorrido numa carta enviada a um padre amigo: "Foi na manhã do dia 20 de setembro, no coro, depois da celebração da Santa Missa. Fui surpreendido por um descanso do espírito, parecia um doce sonho. Todos os meus sentidos, além das faculdades da alma se encontraram numa quietude indescritível... senti uma grande paz... Tudo aconteceu num instante: eu vi na minha frente um misterioso personagem... que tinha as mãos, os pés e o peito emanando sangue. A visão me assustou, o que senti naquele instante não saberia dizê-lo. Senti como se eu estivesse desfalecendo e morrendo, se Deus não tivesse intervindo para sustentar meu coração, que parecia saltar do peito, acho que teria morrido. A visão do personagem desapareceu e eu me dei conta que meus pés, mãos e peito estavam feridos e jorravam sangue. Imagine o suplício que experimentei então e que estou experimentando continuamente todos os dias. A ferida no coração sangra continuamente. Ela começa na quinta-feira pela tarde e vai até sábado. Meu pai, eu morro de dor pelo suplício que experimento no mais íntimo da alma. Temo morrer em sangue, se Deus não ouvir os gemidos do meu pobre coração e ter piedade de retirar de mim esta situação." Padre Pio havia recebido em seu corpo as chagas de Jesus. As feridas, como as de um crucificado, começavam a sangrar na tarde de cada quinta-feira, aumentavam na sexta e terminavam no sábado pela manhã. Logo a notícia se espalhou, apesar do frei ter coberto as feridas com curativos e panos.

As feridas foram examinadas por vários médicos chamados pelos frades e por alguns que se apresentaram espontaneamente. Sobre a rígida vigilância de uma equipe médica, o professor Begnani submeteu Padre Pio a um tratamento de cicatrização por oito dias. Ao final, o professor acreditava que provaria a fraude, mas ao contrário, as chagas se abriram e sangraram ainda mais, eram feridas cientificamente inexplicáveis. Este fenômeno continuou ao longo de toda sua vida.

Foi o único sacerdote na história a receber as chagas de Cristo, ou seja, foi o único a celebrar uma Missa com as chagas, por isso definiam a celebração presidida por ele como "um verdadeiro reviver da Paixão de Cristo".

Logo muita gente começou a peregrinar a San Giovanni Rotondo para receber a benção daquele pequeno frade que já tinha fama de ser santo. Queriam se confessar, se aconselhar, participar de sua Missa. Muitos doentes chegavam também e houve numerosos casos de cura. Os fatos extraordinários se multiplicavam; começaram a chegar testemunhos de pessoas que tinham falado e estado com o padre Pio, ao mesmo tempo em que ele estava em outro lugar. Era o raro milagre da bilocação, estar em dois lugares diferentes ao mesmo tempo. Um destes fatos aconteceu com um capitão do exército italiano durante a II Guerra Mundial. No meio de uma batalha, de repente ele viu um monge capuchinho do lado dele que lhe gritou - saia daqui, fique longe daqui! O capitão correu e logo depois uma grande bomba estourou no lugar em que ele estava. O monge, porém, havia desaparecido. Pela descrição, alguém achou que podia ser o Padre Pio. O capitão viajou até San Giovanni e ao ver o frei, caiu de joelhos chorando e dizendo: é ele, foi ele que me salvou a vida!

Padre Pio celebrando a Santa Missa – Fica visível aqui, na mão direita do santo, uma das “feridas cientificamente inexplicáveis”.

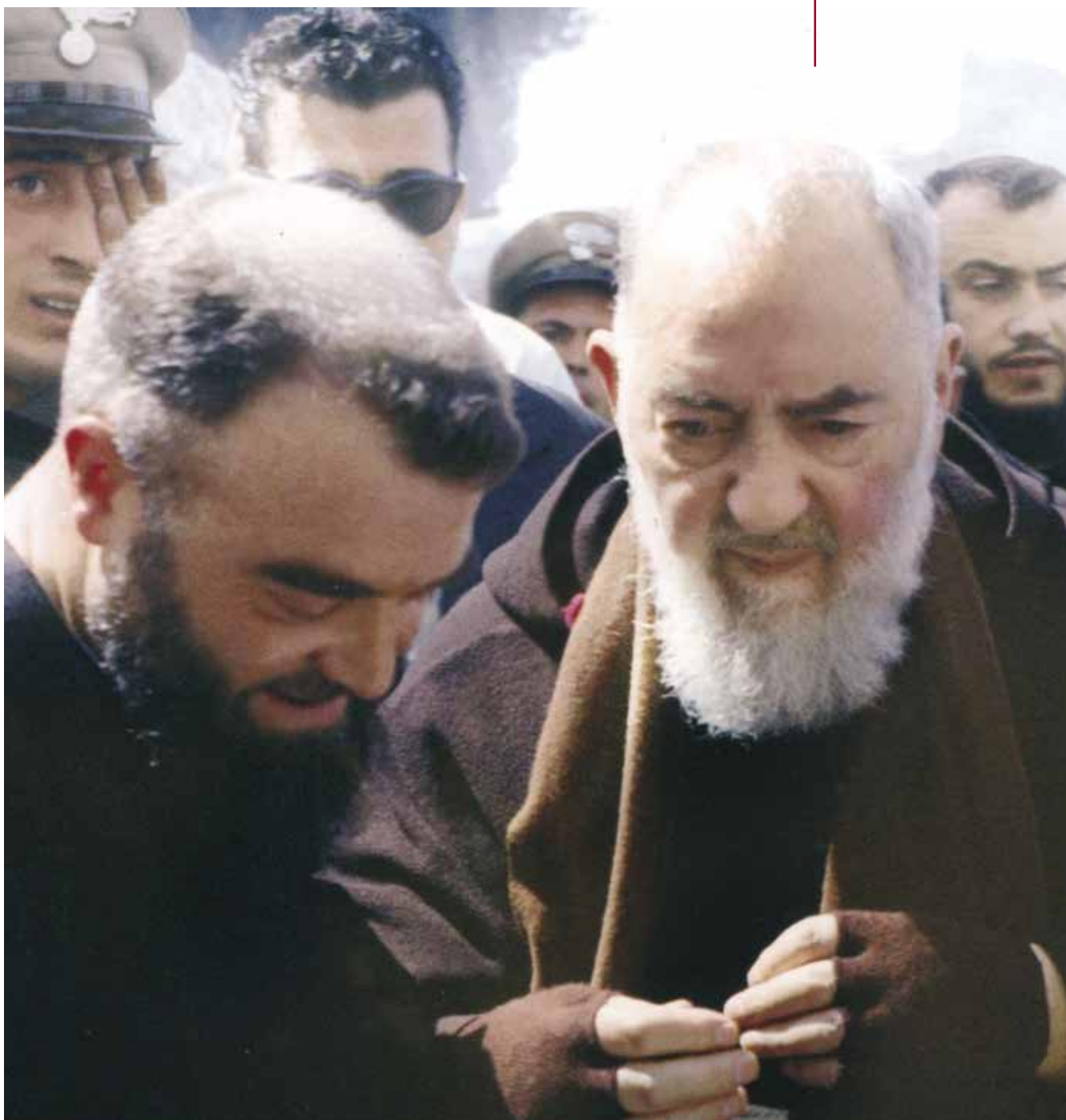
O Papa Pio XI, que a princípio estava um pouco duvidoso quanto à via extraordinária do Padre Pio, devido às calúnias e perseguições que pessoas de fora e de dentro da Igreja empreenderam por achar que era tudo fraude, teve a confirmação de que se tratava realmente de um homem sobrenatural. Durante a beatificação de Santa Teresinha, muitas testemunhas, entre elas cardeais e membros do alto clero, afirmaram ter visto Padre Pio na Praça São Pedro. Logo depois, confirmaram que o capuchinho não havia tirado os pés de seu convento. Tratava-se de mais uma bilocação. Pio XI, após ouvir o testemunho de Dom Orione, em quem confiava muito, disse: "Se Dom Orione também o viu, sim, acredito".

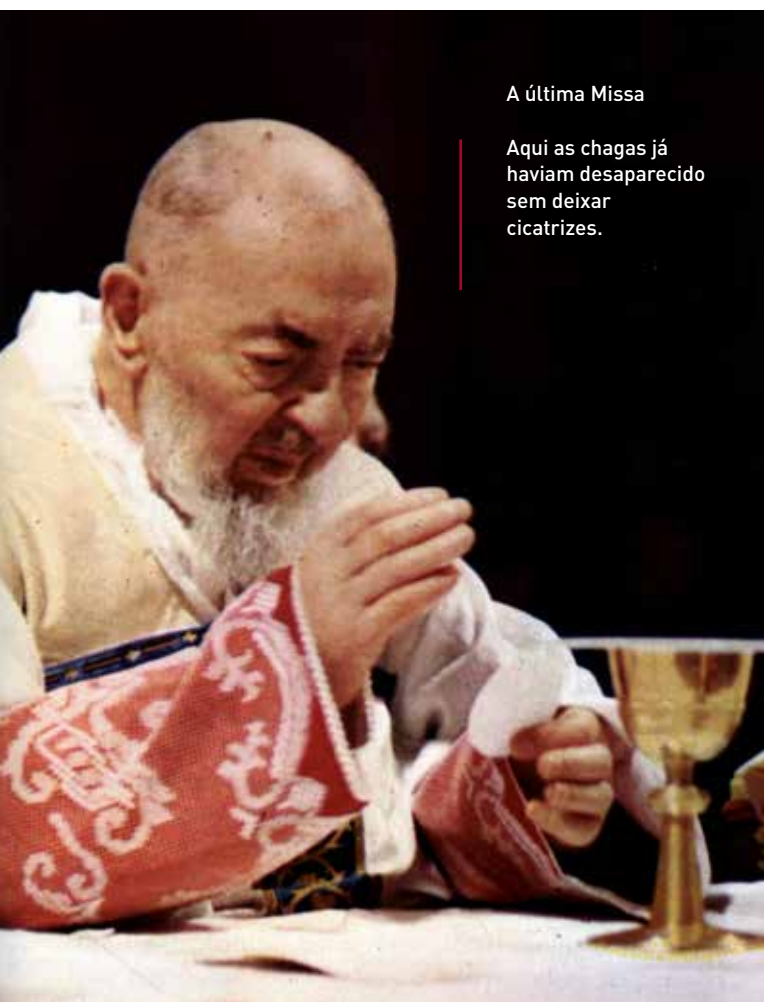
Sobre a investigação de seu serviço sacerdotal iniciada pela Igreja, foi uma sucessão de mal entendidos, pessoas de fora e de dentro da Igreja, invejosos das multidões que o procuravam, começaram a dizer gratuitamente, sem nenhuma prova e nem mesmo indício, que os milagres eram todos forjados, que era tudo uma invencionice dele e dos demais frades do seu convento. Como a Igreja trata destas coisas com muita seriedade, um inquérito eclesiástico foi aberto e durante as investigações, suas aparições públicas foram restringidas. A investigação provou não só sua inocência, mas que os milagres atribuídos a ele eram realmente inexplicáveis. Padre Pio dedicou esse tempo à oração. O inquérito durou 20 anos, do pontificado do Papa Pio XI até João XXIII, mas os papas pouco tiveram a ver com a história, e sim a equipe que foi até o Padre Pio para pesquisar sobre sua vida. O próprio Papa João XXIII repetiu várias vezes ao final de sua vida: "Sobre Padre Pio, me enganaram".

O Papa João Paulo II, anos mais tarde interpretou sabiamente esses períodos chamados de "decênios de fogo": "Não menos dolorosas, e humanamente talvez ainda mais fortes, foram as provações que teve de suportar como consequência, dir-se-ia, dos seus singulares carismas. Na história da santidade às vezes acontece que o escolhido, por especial permissão de Deus, é objeto de incompreensões. Quando isto se verifica, a obediência torna-se para ele crisol de purificação, vereda de progressiva assimilação a Cristo, refortalecimento da santidade autêntica."

Há dois fatos tocantes que unem a vida do grande Papa João Paulo II a Padre Pio. Ainda quando estudante, em 1948, o jovem sacerdote polonês Karol Wojtila foi ver e se confessar com o capuchinho de que o mundo inteiro falava. Ao terminar a confissão, Padre Pio simplesmente disse: "Será Papa; te vejo vestido de branco e vejo sobre ti violência e sangue". O futuro Papa sempre manteve isso em segredo, o fato se tornou conhecido apenas após sua eleição como Papa.

Anos mais tarde, em 1962, quando o então bispo Wojtila estava na Itália para participar do Concílio Vaticano II, ficou sabendo por carta que uma amiga de juventude, Wanda Poltawska, tinha um grave tumor e as esperanças eram nulas. Wojtila escreveu imediatamente para Padre Pio pedindo suas orações. Neste tempo, devido à investigação sobre seus serviços sacerdotais, os membros do clero não podiam se comunicar com Padre Pio, mas Wojtila fez a carta chegar através de Angello Battisti, colaborador de Padre Pio. Battisti disse que ao entregar a carta a Padre Pio, ele comentou: "Angiolino, a este não se pode dizer não!". Battisti ficou curioso, mas estranhou, pois conhecia Wojtila apenas como um jovem bispo polonês. Onze dias depois o colaborador de Padre Pio levou mais uma carta do bispo Wojtila para o capuchinho. Desta vez era para agradecer, pois sua amiga havia se curado repentinamente, momentos antes da cirurgia.

Padre Pio com seus confrades e admiradores.

“Lembre-se, os seus pecados, por mais numerosos e graves, são limitados; a misericórdia de Deus é infinita”

Se na infância Padre Pio via os demônios em forma de criaturas horripilantes, foi pior depois de adulto. Este seu aspecto sobrenatural foi muito forte, a tal ponto que o famoso padre Gabriele Amorth, filho espiritual do Padre Pio e principal exorcista do Vaticano, conhecido mundialmente como "o grande exorcista", relatou o seguinte episódio: "Desde quando sou exorcista, recorro sempre à ajuda do Padre Pio, que por toda a vida combateu contra o demônio e sempre venceu. E devo dizer que Padre Pio me ajuda muito. Durante os combates, eu não vi nenhum sinal sensível de sua presença. Mas muitas vezes é o demônio, através da pessoa possessa, que vê a presença do Padre Pio e grita: 'Aquele frei, não! Não quero aquele frei! Mande aquele frei embora'".

A última Missa

Aqui as chagas já haviam desaparecido sem deixar cicatrizes.

Mas não apenas a via espiritual do Padre Pio era extraordinária, ele também foi o criador de grandes obras que existem até os dias atuais. Exemplo disso é a "Casa Alívio do Sofrimento", um dos mais modernos hospitais do sul da Itália, que atende principalmente enfermos pobres. Ele não quis que o lugar fosse chamado de hospital, pois queria uma casa com atmosfera espiritual que curasse as feridas do corpo e principalmente da alma. Não quis que os leitos tivessem números, mas sim os nomes dos pacientes.

Padre Pio passou 50 anos em San Giovanni, levando a mesma vida e fazendo o bem aos que o procuravam. Sua fama de santidade já percorria o mundo, mas ele continuava sua vida pobre de frade capuchinho, sem fazer grandes sermões ou discursos, sem escrever livros. Ele disse várias vezes: "Eu quero ser apenas um pobre frade que reza". Quase nada se sabe de sua vida particular no convento, pois era uma vida simples e rotineira, como a de qualquer frade ou monge.

Nos últimos anos, sua saúde piorou e seus sofrimentos físicos aumentaram. Faleceu serenamente e em paz, após receber os sacramentos e celebrar sua última e emocionante Missa, aos 81 anos de idade, no dia 23 de setembro de 1968. Sua morte provocou uma verdadeira comoção nacional na Itália. Uma imensa multidão foi a San Giovanni para o enterro. Todos já o consideravam santo. Três anos após sua morte, o Papa Paulo VI disse sobre o padre Pio: "Olhai a fama que ele alcançou, quantos devotos do mundo inteiro se reúnem ao redor do seu túmulo! Mas porquê? Por ter sido talvez um grande filósofo? Por ter sido um sábio? Por ter muitos meios à sua disposição? Não! Isto se dá porque ele celebrava a Missa humildemente, confessava da manhã à noite e era - como dizê-lo? - a imagem impressa dos estigmas de Nosso Senhor. Ele era um homem de oração e sofrimento".

Depois de sua morte as multidões não cessaram de acorrer a San Giovanni. Por isso, um grande Santuário foi construído para acolher a massa de fiéis. O processo de beatificação foi aberto logo após a morte. A prática de todas as virtudes em grau heróico foi provada abundantemente. Dentre os inúmeros milagres atribuídos ao santo após sua morte, foi escolhido o de uma senhora de Salerno na Itália. No dia 2 de maio de 1999 o Papa João Paulo II declarou-o beato. Para um beato ser declarado santo é necessário um outro milagre comprovado cientificamente. Foi escolhida a cura inexplicável de uma criança gravemente enferma, Mateo Collela, da própria cidade de San Giovanni. Em 2002 Padre Pio foi solenemente canonizado por João Paulo II, na Praça de São Pedro, diante de imensa multidão. Sua festa litúrgica foi estabelecida a 23 de setembro. Ele foi proclamado um dos santos protetores da Itália, pois a devoção ao Padre Pio em todo o país é extraordinária.

Em março de 2008, sua sepultura foi aberta diante do arcebispo, do superior dos capuchinhos, de outras autoridades e especialistas forenses para exumação e reconhecimento. Em parte, o corpo manteve-se incorrupto, principalmente nos locais onde antes havia as chagas, lá nenhuma cicatriz sequer foi encontrada, como aconteceu nos últimos anos de sua vida. Foi então decidido expor seus restos mortais na Igreja de San Giovanni Rotondo, para que os fiéis possam venerá-lo.

Pouco se sabe de sua vida espiritual. Em sua humildade, não gostava de falar de si. Eis uma frase dele que resume toda a sua vida: “O amor é a rainha das virtudes, como as pérolas se ligam por um fio, assim as virtudes, pelo amor. As pérolas se soltam e fogem quando se rompe o fio. Assim também as virtudes se desfazem afastando-se o amor. É preciso amar, amar e nada mais”.

A Missa celebrada pelo Padre Pio durava em média quatro horas, e muitos diziam ter a impressão de que assistiam a Paixão de Cristo.

Festa Litúrgica em 23 de setembro

FOTOS

Inspetoria Salesiana de São Paulo
São Paulo / SP

Mosteiro de Santa Gemma
São Paulo / SP

Tamara Polajnar
Glasgow - Reino Unido

Congregação das Filhas da Caridade Canossianas
Santos / SP

Centro Latino-Americano de Parapsicologia
São Paulo / SP

Irmãzinhas da Imaculada Conceição
São Paulo / SP

Milícia da Imaculada
São Bernardo do Campo / SP

BIBLIOGRAFIA

DAGNINO, M. L. Bakhita: Da escravidão à liberdade. São Paulo: Loyola, 1995.

CRACCO, Z. L. Santa Gema Galgani: Padroeira dos farmacêuticos. São Paulo: Artpress, 2007.

GUERRIERO, Elio (Org.). Cartas de amor de uma santa. 2.ed. Aparecida: Santuário, 2002.

BOSCO, Terésio. Maximiliano Kolbe. São Paulo: Salesiana, 2007.

CARRARO, Renata. Madre Paulina. São Paulo: Salesiana, 2008.

QUEVEDO, O. G. Nossa Senhora de Guadalupe: O olhar de Maria para a América Latina. 7.ed. São Paulo: Loyola, 2005.

BOSCO, Terésio. Bernadete Soubirous. São Paulo: Salesiana, 2007.

SANTOS, L. F. O Sorriso da Caridade. Lisboa: Paulus, 2007

AMORTH, G. Padre Pio: Breve história de um santo. São Paulo: Palavra & Prece, 2007

LAGES, A. ;CAMPELO, C. R. Dom Bosco: Traços Biográficos. 5.ed. São Paulo: Salesiana, 2005

ETERNO, A. T. Lençol de Turim: O Evangelho dos cientistas. São Paulo: Loyola, 2006

RAVIER, A. Bernadette Soubirous. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1999

OBRAS Completas de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face. São Paulo: Paulus, 2002

TREECE, Patrícia. Massimiliano Kolbe: Il santo di Auschwitz. 2.ed. Bologna: Edizioni dell`Immacolata, 1997

FORBES, F. A. Saint John Bosco: A seeker of souls. Florida: Salesiana, 1941

GAMBI, O. Vida de Santa Teresinha. 8.ed. Aparecida: Santuário, 1997

ACN

Fundada em 1947, a ACN – Aid to the Church in Need (Ajuda à Igreja que Sofre) – é uma Fundação Pontifícia que tem por missão apoiar projetos de cunho pastoral em países onde os cristãos sofrem perseguição religiosa, guerras, revoluções ou miséria. Milhões de pessoas são beneficiadas direta e indiretamente todos os anos, por meio de aproximadamente 5 mil projetos apoiados pela ACN em mais de 130 países, incluindo o Brasil. Tudo isso graças às centenas de milhares de benfeitores espalhados pelo mundo. Conheça o trabalho da Igreja pelo mundo, reze conosco para que os desafios sejam superados e partilhe um pouco do que possui com aqueles que mais precisam.

ESTE LIVRO FOI POSSÍVEL PORQUE MILHARES DE PESSOAS CONTRIBUÍRAM COM A FUNDAÇÃO PONTIFÍCIA ACN.

É UMA ALEGRIA PODER PRESENTEAR VOCÊ COM UM INSTRUMENTO DE ORAÇÃO E ESPIRITUALIDADE, MAS PARA QUE OUTRAS PESSOAS POSSAM TER A MESMA OPORTUNIDADE, PRECISAMOS DA SUA CONTRIBUIÇÃO!

ENTRE EM CONTATO, RECEBA O INFORMATIVO ECO DO AMOR E SAIBA COMO AJUDAR.

FUNDAÇÃO PONTIFÍCIA

Fundação Pontifícia ACN

acn.org.br 0800 77 099 27 (ligação gratuita) atendimento@acn.org.br (11) 96451-0050

Rua Carlos Vitor Cocozza, 149 · Vila Mariana · São Paulo · SP · 04017-090 · Brasil ·

Santidade

"Creio que a Igreja está hoje em necessidade, porque existe uma escassez de santos modernos; de pessoas que possam comprovar que uma vida para Deus não é impossível"

Padre Werenfried
van Straaten